

Cliff McNish

# A PROMESSA DO MAGO



1

ESCOLAS SEM CRIANÇAS



2

GRIDDAS



**Cliff McNish**

Tradução ANGELA MELIM

*Para minha mãe — presente para todos nós*

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.com](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***

 logo

# 1

## ESCOLAS SEM CRIANÇAS



Quando Rachel acordou, seus encantamentos de informação automaticamente varreram a casa em busca de ameaças. Sondaram cada cômodo — um conjunto extra de sentidos à espreita para protegê-la.

Nada fora do comum, relataram. Sua mãe estava deitada na banheira, para o banho matinal costumeiro. O pai se encontrava no estúdio, querendo tocar os dedos dos pés. Os encantamentos de informação buscaram mais longe, lá fora. No jardim, dois sapinhos se perguntavam se atravessavam o perigoso gramado. O cachorro do vizinho, escondido atrás de um barraco, achava que ninguém mais tinha notícia do seu osso suculento.

Rachel sorriu, espiando pela janela do quarto. Passou um bando de gansos e, por um instante apenas, enquanto contemplava os pássaros, escutando os sons familiares da casa e do jardim, era como se nada houvesse mudado no mundo.

Então, um grupo de crianças de menos de cinco anos cortou o céu.

Os infantes voavam uns junto aos outros, em formação, conduzidos por um menino. Rachel achou que talvez tivesse três anos, provavelmente menos. O grupo viajava com os braços bem retos, colados ao corpo, as

cabecinhas esticadas orgulhosamente. Os olhos de todos brilhavam num matiz de azul, a cor que distinguia os encantamentos de vôo.

Os gansos mais lentos dispersaram-se, nervosos, quando as crianças atravessaram seu caminho.

Levantando-se, Rachel escovou o cabelo preto comprido e foi à cozinha, no andar de baixo. O irmão mais novo, Eric, estava sentado à mesa de jantar. Uma tigela de cereais de milho estalava deliciosamente à sua frente.

— Sabe, se eu possuísse mágica — disse ele, mexendo-a — não ia me preocupar com vôo e coisa assim. Ia usar um encantamento só para manter o gosto do cereal na minha boca para sempre.

— Você ia logo enjoar dele — respondeu Rachel.

— Não — disse Eric, com firmeza. — Não ia. Acenou com a colher em direção às criancinhas, que se iam.

— Esses pequenos provavelmente são corredores de longa distância. Devem ser, treinando desse jeito. Eles são tão *sérios!* Na idade deles eu me contentava com atirar coisas em você.

— Hum.

Rachel olhou em volta, na expectativa de ver os prapsis. Os prapsis eram um casal infeliz de criaturas — corpo emplumado de gralha com cara de bebê em cima — que antigamente servia a uma Bruxa em outro mundo. Geralmente, Eric os fazia aprontar alguma quando Rachel descia, de manhã cedo.

— Então, onde estão os meninos? — perguntou ela, cautelosa.

— Deixei-os sair hoje cedo para variar... — respondeu Eric. — Pedilhes que me trouxessem um presente, algo interessante.

— Mandou-os longe?

— China.

— Bom.

Rachel olhou os telhados da cidade, no alto. Era uma manhã típica, com crianças por todo o céu. Algumas, bem alto, e sozinhas, praticando paradas súbitas nos ventos ardilosos de abril. A maioria simplesmente reunida nos grupos habituais, nas nuvens, amigos rindo e brincando juntos. Um par de pombos, tentado, de algum arbusto, aproximava-se de sua mão. Mais longe, uma menina deslizava casualmente pelo céu, arrancando gatos dos jardins. Os gatos iam atrás dela, numa fila comprida, reclamando muito.

— Ei, olhe! — gritou Eric. — Descobridores de relâmpagos!

Seis adolescentes dirigiam-se deliberadamente para o sul, os braços levantados como lanças.

— É um jogo novinho que os aventureiros acabam de inventar — disse Eric. — Você procura mau tempo e, ao se deparar com a tormenta, esquiva-se dos riscos dos relâmpagos. A maior parte das competições ocorre nos Trópicos, onde estão as tempestades realmente avassaladoras. Aposto que é para lá que essas crianças estão indo.

Com ansiedade, contemplou os adolescentes que passavam, logo desaparecendo no horizonte.

— O que acontece se forem atingidos pelo relâmpago?

— Coisas ruins, suponho — disse Eric. — É arriscado, mas aí é que está a graça. De outro modo não seria emocionante, certo?

Rachel deu de ombros. Os novos jogos mágicos não a interessavam tanto. Estava mais interessada naquelas crianças estacionadas no ar, observando os céus em busca de Bruxas.

Quase um ano se passara desde que o bebê Yemi liberara a magia de todas as crianças da Terra. Naquele primeiro Despertar glorioso, houve uma



superabundância de mágica — o suficiente para o líder dos Magos, Larpskendya, transportar todas as crianças e adultos da Terra a Trin.

Quando Rachel pensava naquele mundo de céu cor de púrpura, cheio de plantas, ainda sentia dor. As plantas de Trin tinham uma língua de folhas riquíssima. Mesmo os Magos só adivinhavam o significado de seus movimentos graciosos. Mas as plantas estavam morrendo. As Bruxas as tinham envenenado. Num capricho, contaminaram o solo de Trin. E, lentamente, à medida que sua magia era dragada, as plantas de Trin perdiam o juízo. A cada ano, as grandes folhas balançavam mais freneticamente na brisa, no esforço de ouvirem-se.

Não foi possível permanecer em Trin muito tempo. O florescer especial da magia que se seguiu ao Despertar

logo murchou e adultos e crianças tiveram de voltar para casa. Mas todos entendiam: se as Bruxas eram capazes de prejudicar Trin naquela medida, um mundo que nada significava para elas, o que aconteceria se voltassem à Terra? De modo que todo mundo se preparou. Durante meses as crianças fizeram treinamento com seus encantamentos defensivos. Noite e dia patrulhavam os céus, prevendo um ataque em massa de Bruxas que nunca houve.

Enquanto isso, Ool — o mundo nativo das Bruxas — vivia um tumulto. Uma batalha — os Magos sabiam — tinha lugar: uma batalha pelo controle, entre as Altas Bruxas que Rachel e as crianças haviam combatido antes, e a raça guerreira mais feroz, as aterradoras Griddas. Durante um longo tempo Ool ficou em silêncio.

Larpskendya não tinha dúvidas de que as Griddas venceram. Isso o preocupava porque os Magos sabiam muito pouco a respeito delas. Mantidas em subterrâneos, as Griddas haviam sido geradas pelas Altas Bruxas para atuar como guerreiras selvagens. A última das líderes das Altas Bruxas, Heebra, cometeu, no entanto, o engano de soltá-las.

E, tendo experimentado a liberdade, as Griddas voltaram-se contra suas criadoras.

Enquanto fitava o céu alto, o rosto fino e sardento pousado nas mãos, a menina se perguntava o quanto o povo da Terra estaria preparado para enfrentar as Griddas. Sentia, também, saudades de um amigo.

— Como será — falava meio sozinha — que Morpeth está se saindo? Estou com saudades dele.

— Ele só foi há uns dias — protestou Eric.

— Mesmo *assim* estou com saudades.

— Na verdade, eu também. Mas é a única vez, em séculos, que ele volta a Ithrea para uma visita... Larpskendya vai buscá-lo dentro de poucas semanas.

Enquanto Rachel pensava em Morpeth com prazer, três meninas pousaram junto ao lago do jardim. Caminharam pelo gramado, acenando, com esperança, através das portas de vidro do pátio.

— Ah, não! Parte do seu fã-clube — gemeu Eric. — Nunca vão embora?

Algumas crianças estavam sempre por perto da casa, curiosas para dar uma espiada em Rachel. Sua reputação as atraía, além da qualidade pura de sua mágica. Toda criança da Terra queria estar mais perto dessa mágica.

— Eu já vi essas três antes — murmurou Eric. — Há duas noites. Estava chovendo, caía muita água... Mas você acha que elas se importaram?

Fez uma careta, querendo espantar as meninas.

— Fora! — gritou ele.

As meninas responderam com um sorriso doce.

— Nunca me ouvem — protestou Eric. — Por que não dá um susto nelas, Rach? Mande-as para o Ártico, ou coisa do gênero. Vai demorar pelo menos uma hora para voltarem de lá voando...

Duas das meninas avançavam, acotovelando-se, querendo chamar a atenção de Rachel. A outra olhava fixamente para Eric.

Um pouco inflado, ele deliberadamente alisou o pijama solto.

Rachel riu.

— Não sou a única que tem admiradoras.

— Você não pode livrar-se delas?

— Ah, acho que devemos deixar essa menina bonita entrar — sugeriu Rachel. — Dá para ver que ela quer falar com você.

— Não ouse!

As meninas ficaram de pé do lado de fora, esperando por uma conversa. Rachel, porém, entretera admiradores demais ultimamente. Esquivando-se de seus olhares, sentiu vontade de sair de casa.

— Venha — disse. — Vamos fazer uma caminhada.

— Está brincando, não está? — perguntou Eric. — Não tem como sair sem sermos vistos. O céu está denso de tanta criança.

— Então vou mudar nossas formas.

— Para onde?

— Vamos procurar os prapsis. Dar um susto neles.

— Ei, boa idéia! Espere eu me vestir.

— *Eu* poderia vestir você.

— De jeito nenhum — esnobou Eric. — Não quero seus encantamentos metidos com meu pijama.

Subiu a escada batendo os pés e colidiu com a mãe.

— Cuidado — gemeu a mãe.

Prendendo o cabelo molhado atrás, ela sorriu para Rachel.

— Vai sair, querida?

— Vou.

— Então, precisa de um disfarce por causa dos fãs. Examinou a filha criticamente.

— Que tal um ar mais velho? Adicione três anos, tire as sardas. Loura e com quinze anos?

Rachel sorriu afetadamente.

— Loura está fora de moda, mamãe. O estilo de cabelo está mudando.

— O que está na moda agora?

— Prata para meninos, longos e lambidos para trás. Para as meninas, qualquer coisa maluca.

A mãe deu de ombros. As crianças agora usavam magia regularmente para alterar a aparência. Nada mais a surpreendia.

— Quer vir conosco, mamãe? Levo você onde quiser.

— Não, saiam vocês, e divirtam-se. Vou ficar por aqui mexendo panela.

Eric tornou a aparecer, de calça de brim e capote de lã.

— Pronto? — perguntou Rachel.

— Eu nasci pronto.

Levantando a gola, Eric reparou no novo rosto redondo dela.

— Bom disfarce — disse. — Você parece burra. É realista. É melhor esconder também o aroma da sua magia.

Rachel o fez, beijou a mãe de leve na bochecha — e *transportou-se*.

Imediatamente, sem qualquer sensação de vôo, ela e Eric viajaram a alguns quilômetros da casa. Rachel era uma das poucas crianças no mundo que possuía essa capacidade: mudar instantaneamente de um lugar a outro.

Estavam na periferia da cidade. Acima deles, um menino voava, com alguma incumbência, o pai pousado em suas costas. Rachel ouviu o riso deles. A magia não sobrevivia à passagem para o estágio adulto, mas os adultos que queriam voar eram mesmo assim capazes de experimentar essa emoção especial através das crianças. Rachel e Eric subiram a pé uma longa trilha, que os levou à antiga creche de Rachel.

— Ah, está fechada — lamentou Eric. — Não sabia. Uma corrente grossa no portão da escola impedia a entrada. Não havia, porém, qualquer aviso, qualquer explicação — nem era necessário.

— A mesma coisa em todos os lugares — disse Rachel. — Essa foi a última. Fechou semana passada. Você sabe como são as crianças pequenas! Só querem saber de sair para brincar.

De início, pareceu nefasto as crianças deixarem de aparecer nas escolas. Mas se você evoluiu e tornou-se capaz de voar, por que ficar sentado numa sala de aula? Os melhores professores logo se deram conta de que o ensino tradicional nada oferecia que pudesse rivalizar com o fascínio da magia. Por que se aborrecer com o livro de geografia se o mundo está à sua disposição? As crianças agora iam por todo o mundo atrás de educação e os professores que não tinham medo de voar nos braços dos alunos, os acompanhavam.

— Engraçado — comentou Eric, quando se afastaram —, uns meninos do meu antigo colégio levaram o coordenador de matemática para voar ontem. Conteí a você? Queria saber de vetores e algo chamado

coeficiente de propulsão. Pelo jeito, poderia ser útil para manobrar melhor em altos ventos.

— Conseguiu ajudá-los?

— Conseguiu. Estavam treinando ontem à noite — disse Eric.

— O quê? Saíram com ele no escuro?

— Sem dúvida. Por que não? Parece que ele topou. Um teste real para suas teorias. Dizem que gostou, mas demorou um tempo para voltar a falar normalmente depois.

Um casal de corredores girava em torno de Rachel. Voavam junto ao chão e o vento, quando passavam, embaraçava o cabelo dela. Eric riu — sabendo que deliberadamente incitavam Rachel a segui-los.

As brincadeiras com vôo eram o esporte mais popular naquele momento — ferozmente competitivas, rápidas e visíveis, com regras em geral fáceis de dominar. Rachel era capaz de vencê-los todos, e as equipes locais tentavam sempre chamar a atenção dela, mas essas exibições não a interessavam. Ela conduziu Eric da rua da creche para um campo vizinho. Havia ali uns balanços enferrujados e um cavalo de brinquedo dilapidado. Era uma área de recreio típica, no velho estilo, que poucas crianças ainda usavam.

— Fracas — disse Eric, ao ver duas crianças.

— Não diga isso delas — Rachel logo falou, zangada. — *Odeio* essa palavra.

— É assim que estão sendo chamadas, Rach, goste você ou não.

Um menino e uma menina novos, de sete ou oito anos, estavam sentados no cavalo de pau. O menino usava short e casaco impermeável, e parecia sentir frio. A menina vestia uma saia branca comprida. Levantara a saia até os joelhos para poder subir na estrutura. Sentados no cavalo, embalavam-se como podiam. Eric suspirou, dando uma olhada para Rachel.

— Vai brincar com eles, não vai?

— Só um pouquinho.

— É o que você sempre diz. E depois fica horas.

Rachel sorriu.

— Gosto de estar com eles. Seja como for, essas são novas. Eu vou me apresentar. E não os chame de fracos.

As crianças no cavalo de madeira eram as menos talentosas. Os dons dos encantamentos não eram distribuídos igualmente. Depois da maré inicial de magia que se seguiu ao Despertar, descobriu-se que algumas crianças de cada país tinham pouca magia — tão pouca que passava praticamente despercebida. Num mundo em que muitas crianças eram capazes de voar sem fazer esforço, outras continuavam somente sonhando com o vôo. Nenhuma dessas podia participar dos jogos de encantamentos que surgiam em todo canto, de maneira que Rachel estabeleceu um programa para que crianças com mais magia passassem algum tempo com elas.

Em cima, nas nuvens, passou veloz, fora de alcance, um menino da mesma idade da menina pequena. Desejosa, esta o acompanhou com os olhos a sobrevoar uns morros.

— Ei, quem são vocês dois? — perguntou Rachel, correndo para lá na tentativa de deixar o casal de irmãos à vontade.

A menina levantou os braços, querendo ser apanhada. O menino recuou, tímido.

— Venham — disse Rachel aos dois, arqueando as costas de modo que pudessem subir a bordo.

Delicadamente, então, ela se ergueu na direção do céu.

— Eu não estou com medo — disse o menino, com firmeza.

Rachel riu.

— Dá para ver!

— Suba! Suba! — a menininha disse a ela. — Vá mais depressa!

À medida que Rachel aumentava a velocidade, a menina gritava:

— Estou caindo! Vou cair!

— Não, você não vai cair — Rachel sussurrou em seu ouvido. — Jamais deixarei que caia.

A menina se agarrou a seu pescoço, felicíssima de estar recebendo atenção de uma criança com mágica.

Durante algum tempo, Rachel obedeceu às instruções dos irmãos em relação ao que fazer. Eles queriam ser transportados, então Rachel moveu-se quase meio mundo. Logo a garotinha e o irmão estavam na Ásia, disfarçados, por florestas emaranhadas, com filhotes de tigre.

Enfim, depois de exauri-los com vários tipos de magia, Rachel levou-os de volta para casa.

— Venho aqui amanhã se quiserem — disse. A menina chupava o dedo.

— Vem mesmo?

— Prometo.

Rachel marcou uma hora.

Deixou-os com um aceno e voltou num instante à creche, onde encontrou Eric, reclamando.

— Ei, o que está acontecendo? — perguntou ele. — Estou aqui parado, largado no balanço das crianças... Você disse que nós íamos procurar os prapsis!



— Nós vamos, nós vamos. Pare de resmungar e suba. Quando Eric desajeitadamente se alojou nas costas de Rachel alguns dos encantamentos preferidos de Rachel — seus deslocadores — lhe vieram à mente. Ela sentiu o corpo todo se carregar, exaltada, enquanto iam liberando seu poder tremendo.

Eric viu os olhos de Rachel acenderem-se: mil tonalidades cintilantes de azul.

— Prepare-se — disse ela, balançando na ponta dos pés.

— Upa, upa — falou Eric. — Uma grande viagem, então. Para onde está nos arrastando?

— Não seria surpresa se eu revelasse.

— Qual é a distância? Ande. Diga-me.

— Everest!

— Ah, não, o Himalaia outra vez? Ele a agarrou pela gola.

— Está ou não está preparado?

— Estou, estou, acho que sim.

Eric respirou fundo e Semicerrou os olhos.

— Mas é melhor você me manter aquecido. Estou lhe avisando, Rach. Da última vez que fomos lá, quase fez cair congelado o...

Rachel decolou no céu frio.

## 2 GRIDDAS



Gultrathaca, a líder do bando das Griddas, entrou na câmara-olho.

Estava acompanhada, como sempre, de suas vigias. As vigias eram aranhas, que viviam dentro de covas atravessadas em sua cara. Conforme Gultrathaca caminhava pelo chão da câmara, elas desciam seu corpo abaixo, procurando armadilhas. Algumas pularam para a janela-olho verde-esmeralda do outro lado. Outras ficavam de tocaia onde caía o pé de Gultrathaca, ou esperaram no umbral da porta.

Com cerca de quatro metros de altura, Gultrathaca era duas vezes o tamanho de uma Alta Bruxa. Sua cabeça laranja imponente era retangular e toda de osso — osso impenetrável, que protegia o cérebro. Como todas as Griddas, não possuía nariz ou lábios expostos, nem qualquer parte protuberante que um inimigo pudesse explorar. Nada sobressaía de sua cara exceto cinco carreiras de dentes. Quatro delas, pontudas, avançavam. A quinta estava pregada ao fundo de sua caveira. Os vastos olhos lhe cobriam a metade da cara, inteiramente sólidos — feito pedra esculpida.

Enquanto Gultrathaca espremia o corpo para entrar na câmara, ela disse:

— Estão esperando o quê? Venham comigo.

Vendo que não havia perigo ali, as aranhas vigias fervilharam felizes sobre seu rosto.

Gultrathaca abriu a janela-olho — e olhou para fora, triunfante.

Embaixo, Thûn, a maior cidade das Altas, encontrava-se em ruínas. Durante milhares de séculos as Altas Bruxas mantiveram aprisionadas no subsolo as Griddas, enquanto construía suas torres-olho na liberdade dos céus. A primeira ação que as Griddas empreenderam depois de derrotar as Altas Bruxas foi derrubar todas essas torres-olho. Sabendo o quanto as Altas Bruxas as amavam, as Griddas esmagaram cada uma de suas pedras nas mandíbulas.

Somente um objeto permaneceu intacto para marcar o reino das Altas: aquele lugar, o velho lar de Heebra, a própria Grande Torre.

As últimas das Altas combatentes quedaram em sua base. No fim, quando todas as outras torres haviam sido tomadas, as Bruxas sobreviventes ali fizeram a resistência final. Durante vários dias, incrivelmente, resistiram, protegendo a torre de Heebra contra a força e o frenesi das Griddas. Sua bravura logo foi esquecida. A neve cinza, que cai eternamente em Ool, cobriu as Altas Bruxas.

Cobriu seus intrincados vestidos pretos, sufocou as caras vermelhas sem vida e suas amadas cobras-almas. No momento em que Gultrathaca olhou para baixo só uma Alta Bruxa se destacava acima das irmãs. No topo da pilha de bruxas, olhava para o alto, como que desafiando tudo. Também seus olhos mortos encheram-se, então, de neve, escondendo para sempre as tatuagens.

Gultrathaca pretendia destruir a última das torres. Primeiro, porém, queria caminhar em meio às antigas posses de Heebra, seus objetos pessoais, esmagando-os com as mandíbulas. E... existia uma outra razão.

— Aproxime-se — disse ela. — Está com medo? Jarius, novata no bando de Gultrathaca, permanecia afastada da janela-olho. Tendo passado a maior parte da vida dentro de túneis, jamais subira tão alto.

— Como suporta? — perguntou ela, trêmula.

— Temos que ir ainda mais alto para deixar este mundo — lhe disse Gultrathaca. — Você pode ser treinada para suportar, como eu fui.

Jarius avançou, hesitante. Como Gultrathaca, seu corpo todo era só peso. Extensões de osso irrompiam do peito e dos ombros. O pêlo grosso marrom era impossível de rasgar. Debaixo dele amontoavam-se camadas e camadas de músculo. Cada músculo era constantemente nutrido de sangue — continuamente preparado para a batalha, mesmo durante o sono. Esse excesso de força tinha pouca utilidade para quem apenas sobrevive em túneis sob as cidades, mas havia uma razão: as Altas Bruxas deliberadamente geraram as Griddas dessa forma. Na eventualidade de uma invasão de Ool, o plano das Altas sempre fora recuar para os subterrâneos, onde as Griddas as manteriam em segurança. Desde o nascimento, só para isso as Griddas tinham sido inventadas. Não eram capazes de lembrar-se de um momento em que não tivessem vivido, concebido e morrido no interior dos túneis, esperando pelo chamado de proteção.

Jarius obrigou-se a dar um passo mais para perto da janela. Do lado de fora estava escuro, praticamente preto, mas para ela, era ainda muito claro. Baixando os escudos dos olhos, olhou o céu. Não olhou para baixo; nem as próprias aranhas vigias suportavam olhar para baixo.

— Este não é um lugar natural — disse, espantada, agarrando-se à Gultrathaca. — Estou... estou com medo.

— Eu sei. Dê mais um passo.

— Não me obrigue a fazer isso.

— Tenho que obrigar — falou Gultrathaca. — Não podemos permanecer nos túneis do lar se quisermos enfrentar Larpskendya.

Jarius arrastou-se até à janela-olho. Durante vários minutos olhou para fora. Só foi capaz de suportar porque sabia que Gultrathaca não permitiria que se afastasse.

— Agora bote a cabeça para fora — ordenou Gultrathaca.

— Não!

Jarius tentou recuar. Pegando sua cara, Gultrathaca a virou na direção da terra. Quando Jarius tentou fechar completamente os olhos-escudos, Gultrathaca os manteve abertos, segurando-os. No pânico de Jarius, novas aranhas projetaram-se de sua boca: soldados. Os soldados correram à garra de Gultrathaca, tentando afrouxá-la. Para se opor a eles, Gultrathaca soltou seus próprios soldados; soldado contra soldado, no mesmo número — um xeque.

Gultrathaca a obrigou a olhar para baixo das paredes da torre durante um longo tempo. Quando foi, finalmente, liberada, Jarius jogou-se para trás. Encolheu-se num canto sem luz da câmara-olho, necessitando sentir-se em segurança. Os soldados ficaram desobrigados. Ambos os grupos de aranhas estudaram um ao outro cautelosamente, profissionalmente. Então voltaram às mandíbulas de suas donas.

— Foi necessário — disse Gultrathaca.

— Por quê?

— Para lhe mostrar que se pode conseguir. Olhe para baixo. Agora é possível.

Acalmando-se, Jarius tornou a se aproximar da janela. Olhou a terra distante — só brevemente, mas foi capaz de fazê-lo.

— É esse o tratamento que todas podemos esperar? — inquiriu ela.

— Vai haver coisa pior que isso para agüentar — disse-lhe Gultrathaca. — Sabendo o quanto somos perigosas, você acha que os Magos nos permitirão viver tranqüilamente em nossos túneis? Não.

Estamos livres agora, eles sabem disso. Vão tentar nos destruir imediatamente, enquanto estamos todas ainda em Ool, num lugar só. É por isso que temos de partir o mais depressa possível.

— E ir para onde?

— Para qualquer lugar. Para todos os lugares. Eu já vi as criaturas nutridas pelo sol de outros mundos, Jarius. Você não tem idéia de quanta força nós temos, se comparadas a elas.

Jarius permanecia junto à janela-olho. Sabia que era importante impressionar Gultrathaca. Já tinha se desgraçado por ser a última do bando a deixar os túneis do lar. Pior, foram necessárias incontáveis tentativas até ela ousar vir à superfície nas horas de luz do dia. A neve a aterrorizava. Quando bateu pela primeira vez em seus corpos, os outros membros do bando não gritaram, mas Jarius gritou.

Fui trazida aqui para um teste, deu-se conta. Se me sair mal desta vez, o bando vai me abandonar completamente.

Encorajada por seus soldados, Jarius enfiou um rosto confiante para fora da janela. Obrigou-se a espiar lá embaixo.

— Isso — disse Gultrathaca. — Afinal, não é impossível.

— Não, agora estou acostumada.

— Está?

— Estou — disse Jarius com firmeza.

Para mostrar o quanto sua coragem estava firmada, Jarius colocou a cabeça ainda mais para fora. Todas as suas aranhas deliberadamente adotaram postura relaxada, tentando mostrar a Gultrathaca que não estavam ligando a mínima.

Gultrathaca não se deixou enganar pelas aranhas. Compreendia exatamente como Jarius se sentia. Há apenas um ano, uma Alta Bruxa viera

arrastá-la para fora do seu túnel. Como implorou por misericórdia! Como a mais frágil das crianças, implorou, em vez de encarar aquele horror de luz!

No entanto, Gultrathaca adaptou-se... rapidamente. Num dia estava ajudando as outras líderes de bando a se acostumarem com a neve. Em uma semana conseguiu voar, não bem, não com a elegância de uma Alta Bruxa, mas voava. E finalmente chegou o momento em que os castigos já não eram necessários para fazê-la deixar o chão. Chegou uma hora em que Gultrathaca foi capaz de abrir os olhos e realmente apreciar aquilo. Naquela manhã, em particular, a própria Heebra viajou a seu lado. Feito irmãs de um mesmo bando passeando, deram uma volta pela cidade.

Jarius, entretanto, não sabia de nada disso. Meteu a cara no ar, piscando ao toque dos flocos de neve.

Gultrathaca nada fez para deixá-la à vontade. Todas as outras irmãs de bando foram obrigadas a passar por uma prova. Se Jarius não fosse capaz de lidar com a torre-olho, não pertenceria ao bando. Não haveria compaixão para com aquelas Griddas assustadas demais para deixar a segurança dos túneis — sequer para com as parentes de sangue.

Jarius tentou não tremer. Seus soldados finalmente a convenceram a abrir os olhos-escudos mais um pouco. Enquanto olhava para fora, ela disse:

— Como é que foi na realidade? Como foi estar no meio das primeiras Griddas a sair de Ool e lutar contra os Magos?

— Foi divertido. — Riu Gultrathaca. — E aterrorizador.

Ela relembrou o momento. À beira das nuvens, ela e as outras Griddas aguardavam a ordem de Heebra para saírem no vazio do espaço. Era para ter sido uma última ofensiva decisiva contra os Magos. Para apoiá-la, as Griddas, pela primeira vez, haviam sido soltas dos túneis de Ool, de maneira a espalhar a maior destruição possível.

— Nós não fomos criadas para tais espaços — disse Jarius, acenando, desgostosa, para o céu. — Fomos inventadas para chãos e tetos de pedra, não para isso.

— Isso é o que você acha agora — disse Gultrathaca. — Era nisso que as Altas Bruxas queriam que você acreditasse. Mas você é mais impressionante do que elas jamais imaginaram.

— Eu nunca vou voar. Se depender de mim.

— Não — disse Gultrathaca. — Isso é óbvio. Algumas aranhas curativas fuçavam os olhos-escudos de Jarius. Verificavam se havia algum dano provocado anteriormente por Gultrathaca. Sem nada achar, poliram a superfície dura dos olhos.

— Ouvi dizer que Calen, a nova líder das Altas Bruxas, ainda não foi encontrada — comentou Jarius.

— Deixe Calen comigo — afirmou Gultrathaca. — Não é ameaça como a que sua mãe, Heebra, representou um dia.

— Mas, com certeza, enquanto Calen estiver viva, todas as Altas aprisionadas serão sempre uma ameaça. Eu não entendo por que você simplesmente não matou todas as que restaram nas celas.

— Isso seria fácil demais — disse Gultrathaca.

— Fácil demais?

— Você não faz idéia do que as Altas nos negaram.

Jarius lançou-lhe um olhar vago.

— Diga-me — Gultrathaca disse —, o que é mais repulsivo no aspecto de uma Alta Bruxa?

— A cobra-alma — respondeu Jarius imediatamente.



— Você acha? Houve uma época em que nós possuímos cobras-almas. Tínhamos sua amizade. Nossas ancestrais foram Altas Bruxas.

Jarius a fitou sem acreditar.

— Quando deixei os túneis, aprendi muita coisa — disse Gultrathaca. — As Griddas constituíram uma experiência. As Altas Bruxas queriam algo melhor adaptado aos túneis. De modo que pegaram algumas de suas próprias Bruxas e as puseram no escuro para ver o que acontecia. Nossas cobras-almas foram conosco para os subterrâneos. Depois de centenas de gerações, porém, ficamos tão alteradas que as cobras já não toleravam o gosto de nossa pele. Elas nos deixaram. Esta musculatura — Gultrathaca ergueu os braços imensamente inchados — e o constante desejo de usá-la, de lutar, também não faziam parte de nós originalmente. As Altas nos projetaram assim.

Jarius sacudiu a cabeça, sem conseguir acreditar de fato naquilo. Os membros mais antigos do bando não se davam o trabalho de compartilhar tal informação com ela, dado o seu baixo status.

— Nós também amadurecemos bem mais depressa — disse Gultrathaca. — As Altas queriam isso: reprodutoras rápidas, como elas, capazes de fertilizar os próprios ovos. Desta forma poderiam produzir um exército de Griddas sempre que precisassem. É claro, nunca nos permitiam crescer em número que pudesse ameaçar as Altas Bruxas. Imagine se tivéssemos que dividir com elas sua comida e os preciosos céus! Mas acharam uma solução para isso. Elas nos escolhiam.

— Escolhiam?

— Matavam — disse Gultrathaca. — Nós não questionávamos por que os membros de nossos bandos jamais retornavam das guerras. Por que deveríamos perguntar? Não estavam morrendo em gloriosas batalhas? A verdade é que as Altas não nos queriam em suas guerras. Simplesmente matavam uma certa quantidade de nós de vez em quando. Isso mantinha o nosso número sob controle. Para as Altas era a solução mais fácil.

Jarius afastou-se da janela. Morrer daquela maneira a enchia de vergonha, tanta que não conseguia falar.

— Agora você sabe por que mantenho algumas das Altas Bruxas no pior dos túneis — disse Gultrathaca. — Que elas apodreçam. Eu jamais as libertarei.

Jarius baixou a cabeça, preocupada com o que descobrira.

— As Altas Bruxas sempre desprezaram a nossa espécie — disse Gultrathaca —, mas o domínio delas acabou. Não haverá mais "escolhas". Daqui para a frente, as Griddas vão se reproduzir em números que nem mesmo as Altas poderiam imaginar.

— Não vamos entupir os túneis? — perguntou Jarius. — Já estão lotados.

— Isso não tem importância. Você logo aprenderá a pensar além dos limites dos túneis. Você terá de fazê-lo, se é que vamos deixar este mundo.

— A que distância podemos ir se os Magos estão no nosso caminho? — quis saber Jarius.

— Não muito longe, talvez. Precisamos encontrar Orin Fen, o mundo-lar dos Magos, e matá-los lá. Até conseguirmos, Larpskendya e sua raça estarão a salvo para sempre, e nós não.

— As Altas jamais conseguiram encontrar o mundo-lar deles.

— Talvez tenham procurado na direção errada — disse Gultrathaca. — Talvez precisassem da ajuda de uma criança.

— Uma criança?

— Heebra não morreu nas mãos de um Mago, Jarius. Uma criança humana foi a responsável por sua morte. As Altas que voltaram falavam de talentos nunca antes vistos no menino Yemi. Eu acredito em que ele talvez

tenha os poderes de que necessitamos para encontrar Orin Fen. Ou talvez ele tenha outros poderes que possamos usar.

Gultrathaca aproximou-se de Jarius.

— Você está olhando para baixo há vários minutos sem precisar desviar o olhar — disse ela. — Reparou?

— Não — admitiu Jarius. — É mesmo?

Ela se deu conta de que muitas de suas vigias genuinamente esqueceram-se dos medos anteriores. Agora contemplavam apenas com curiosidade a neve que batia de encontro à pedra e ao vidro. Ao ir e vir da janela, Jarius descobriu que era capaz de olhar para fora sem piscar. Ainda havia temor, mas era capaz de dominá-lo.

Jarius está preparada, pensou Gultrathaca. Pelo menos o máximo que pode estar.

— Nossas jovens vão se adaptar ainda melhor que nós — disse ela. — Mal conhecerão os túneis, Jarius. Será tão mais fácil para elas.

Fungando, pegou no ar o cheiro distinto das Griddas infantas. Conforme havia pedido, um bando delas fora enviado à superfície.

— Eu queria que você estivesse aqui para isto — ela disse a Jarius. — Pela primeira vez as Griddas são trazidas diretamente dos quartos onde nasceram para ver o mundo. Vamos observar como se comportam.

Um bando de Griddas recém-saídas da casca apareceu na entrada de um túnel, junto à base da torre-olho. A primeira que emergiu berrou quando a luz do dia lhe bateu nos olhos. Não iria adiante se as irmãs não a empurrassem de trás. Finalmente, todas as vinte e quatro irmãs de sangue encontravam-se na superfície. Amontoadas, batiam na neve que caía como se esta as quisesse atacar. Um vento queimante lhes soprou no rosto. A sensação daquele vento foi tão incomum e tão aterradora para as jovens Griddas que todas as suas aranhas comportaram-se como se estivessem

sendo atacadas. Formaram pequenos escudos impotentes em torno das caras das donas, tentando aparar os ventos com seus corpos.

Jarius observou as jovens, que davam a impressão de que ficariam na posição agachada para sempre se lhes permitissem. Uma Gridda adulta, no entanto, fustigou-as, para irem à frente. Hesitantes, tentando se desviar da adulta, as jovens foram empurradas na direção da entrada da torre de Heebra. As aranhas também correram, sem querer ficar para trás. Dando longos saltos, as infantas abaixavam bem as costas, à moda do túnel. Não lhes ocorreu verificar a altura da torre-olho. Nos túneis raramente havia razão para se olhar para cima.

A última das infantas foi empurrada pela entrada da torre. O baque dos corpos reverberou na pedra quando subiram a enorme escada.

— O que é que você vai fazer com elas? — perguntou Jarius.

— Eu vou testá-las, é claro — respondeu Gultrathaca. Jarius olhou para o outro lado.

— Testá-las de que maneira?

— Quero ver com que rapidez se pode acostumar as recém-nascidas. Pretendo trazê-las até a janela-olho e jogá-las.

— O quê? Mas não sabem voar. Ainda não sabem como se voa!

As infantas estavam mais próximas. Jarius ouvia sua conversa temerosa, confusa. As primeiras aranhas vigias, tamanho bebê como as infantas a quem pertenciam, chegaram antes. Gritaram, avisando as donas da estranha luz verde da janela.

— É injusto pedir isso a elas tão cedo — protestou Jarius.

Gultrathaca sacudiu a janela-olho. Lascas de vidro e gelo caíram pela sala, sopradas pelo vento.

— Eu concordo — disse ela. — É por isso que preparei você, Jarius. Quero que você mostre a elas como isso pode ser feito. Quero que você pule primeiro.

3

## PAÍSES SEM FRONTEIRAS



— Rachel, pule a parte turística e voe direito — reclamou Eric.

— Por que você simplesmente não relaxa? Calma. Aprecie a paisagem.

— Já *conheço* a paisagem.

— Velocidade — grunhiu ela. — É a única coisa que empolga você?

— O que mais existe?

Com Eric às costas, meio solto, Rachel cruzou o Himalaia. Embaixo, algumas das montanhas mais altas da Terra ofereciam visões atraentes de seus picos gelados: K2, Nanga Parbat, os precipícios majestosos da cadeia Annapurna. Rachel respirava o frio, curtindo as rajadas de vento nos cabelos.

Acima de Makalu — o quinto pico mais alto da Terra — encontrou crianças. Elas mergulhavam na neve, jogando os pés primeiro. Com o impacto dos corpos, ao norte, um grande lençol de gelo rompeu-se.

Alegremente, as crianças desceram na avalanche, apostando corrida encosta abaixo.

— Acho que podemos fazer igual — Rachel disse. — Pronto para arriscar?

— Claro, por que não?

Rachel imediatamente mergulhou na direção do cume mais próximo. Enquanto seus encantamentos de trajetória se encontravam no comando, Eric tentou manter a calma.

— Certo, me diga quando — falou Rachel. — Não estrague tudo agora.

Eric tentou calcular a quanto tempo se encontravam do cume... Mas iam depressa demais.

— Eu não consigo... Vá mais devagar... *Já!* — repreendeu, revirando os olhos.

Rachel esperou, deliberadamente. No último segundo possível, seus encantamentos de manobra entraram em cena. Arrastando os sapatos pela encosta, regou Eric de partículas de gelo.

— Muito engraçado — murmurou ele.

— Depressa demais para você, hein?

— Não tive medo nenhum — enfrentou Eric, rígido, enxugando o gelo e a neve do capuz do seu capote. — Faça de novo, se quiser. Veja se me importo...

— Quem sabe mais tarde. Vamos primeiro verificar o que está acontecendo nos outros picos.

Rachel voltou na direção leste, elevando-se sobre a região do Everest. O mais hábil adulto falhou ao tentar subir algumas daquelas

montanhas. As crianças, no entanto, as conquistaram todas. Enquanto Rachel voava por cima do próprio Everest, centenas circulavam em torno do topo. Algumas carregavam parentes adultos ou ajudavam amigos cuja mágica não era forte o suficiente para alcançar aquela altitude por conta própria. Muitos dos melhores voadores do mundo encontravam-se ali naquele dia de visibilidade quase perfeita, entre eles, uma adolescente. Ela mergulhava e subia à vontade no ar fino. Em seguida voltava para junto de um grupo de bebês, mostrando, mais devagar, como fazia.

— E os prapsis? — perguntou Eric, sem reconhecer ninguém. — Pensei que você ia nos levar para ver os meninos.

— Primeiro vamos parar para pegar um bronzado. Eric deu de ombros.

— Onde? No Caribe?

— Pode ser.

Rachel mudou de direção. Deu o controle a seus encantamentos de transporte, dirigindo-se para oeste.

— Baía de Flórida — anunciou, quando chegaram. Estavam a boa distância da costa, talvez umas quatro milhas. Uns poucos pontos esparsos representavam adultos, agitando a superfície da água em barcos de recreio. Naquelas latitudes quentes, porém, crianças em abundância nas águas os ultrapassavam em número. Elas não precisavam de barco. Sua magia lhes permitia nadar diretamente em meio à vida do mar. Rachel olhava e via meninos seguindo golfinhos, metade dentro e metade fora da água. Duas meninas, arqueando as costas, faziam sombra a um grupo de barracudas, a caçar.

— Ei, o que *ele* está fazendo? — gritou Eric.

Sozinho, em meio às ondas, um menino esguio batia os pés de leve embaixo d'água, acompanhando uma linha de pescar rompida. A linha levava a um espadarte, que se mexia num anzol. O menino pegou a cabeça



presa do espadarte, segurou-a com firmeza e arrancou o gancho. Eric o cumprimentou. O menino devolveu o cumprimento e, saindo das águas, foi na direção do mar aberto.

Rachel acompanhou-o durante um tempo. Havia menos crianças àquela distância da costa. Umhas poucas, entretanto, especializavam-se em encantamentos subaquáticos. Eram capazes de mergulhar até os valões e fossos do fundo do mundo.

— Profundas! — gritou Rachel, entortando o pescoço. — Aí embaixo! Bem debaixo de nós!

Profundas estavam mais de um quilômetro e meio abaixo, segurando-se às nadadeiras de baleias, esperando testemunhar um encontro com o calamar gigante. Os encantamentos de informação de Rachel reportaram que, entre as crianças mergulhadoras, havia uma assinatura mágica que ela conhecia. Pertencia a um menino francês, cujo arco-íris ela estragara num dia quente de verão.

Ela sorriu, voltando a sobrevoar a terra.

Em meio ao vaporoso capim-serra dos Everglades da Flórida, um bebê alisava a crosta dura de um jacaré. Perto dali, irmãos apostavam corrida com guaxinins em cima de uma árvore, dando aos animais vantagem na saída.

Visões típicas.

Havia aqui jovens de todas as partes do mundo. As fronteiras nacionais entre os países nunca significaram grande coisa para as crianças; agora não significavam absolutamente nada.

Eric riu ao ver uma menina.

— Gostaria de experimentar aquilo, Rach?

A menina estava agachada na terra seca junto a uma cascavel com desenhos geométricos no lombo. A serpente cuidava dos próprios afazeres,

mas a garota queria brincar. Plantando os cotovelos no chão, tocou de leve na boca esguia da cobra com o nariz — desafiando-a a atacar.

— Fácil demais — respondeu Rachel.

— Está brincando!

— É só uma cobra, e não é particularmente venenosa. Ela olhou em volta em busca de uma nova direção a tomar.

— Vamos em frente — disse Eric.

Rachel logo viu por que ele a guiava pela Flórida. Um menino magro de short e camisa de manga comprida suja estava de pé na parte rasa do rio Okeechobee.

— Um espectro — Eric sussurrou o nome com temor. Rachel pousou nas águas lamacentas e caminhou em direção ao menino. Ele não notou que se aproximavam. Permaneceu tão imóvel, tão perfeitamente imóvel, que bolha nenhuma surgia em torno de seus tornozelos.

— Eles são tão raros — observou Rachel. — Eu nunca estive tão perto de um espectro.

— É o líder deles — reparou Eric. — É Albertus Robertson em pessoa.

— É? Tem certeza?

— Eu os conheço a todos.

— Como? Para mim, parecem iguais. Eric sacudiu a cabeça.

— Não, Rachel. Não são.

Albertus Robertson era um menino de aparência sensível, por volta dos dez anos, com olhos castanho-claros. Seu cabelo era uma confusão só, comprido, desgarrado, obviamente sem escovar há semanas. Como todos os espectros, era ligeiramente baixo para a idade, com o olhar abstraído usual.

Em todos os outros aspectos, Albertus se parecia com qualquer outra criança, exceto por uma característica extraordinária: as orelhas. Eram largas e finas, de maneira não-natural, muito grandes, quase cômicas. Acoplada a uma junção especial que criança alguma possuía antes, a orelha era capaz de virar flexivelmente em todas as direções. Enquanto Rachel observava Albertus Robertson, percebeu uma mínima rotação; a cabeça dele se movia. O movimento era tão pequeno que somente os seus encantamentos o detectavam, não os olhos. Era um movimento preciso — um único grau do transferidor — enquanto esquadrihava um segmento do céu pré-selecionado.

Rachel murmurou:

— Parece que Albertus não tem se preocupado com lavar-se ou cuidar de si ultimamente.

— É provável que tenha coisas melhores para fazer.

— Como o quê?

Rachel esperava que Albertus não a pudesse ouvir.

— O que é que ele está procurando aqui?

— Não sei, Rach. Nem Albertus sabe. É por isso que os espectros são tão interessantes. Nenhum deles tem uma pista do motivo por que estão fazendo alguma coisa. Há dúzias deles pelo mundo afora, só a olhar, o dia todo, para o céu.

Durante um tempo Rachel observou Albertus Robertson, mas não houve mudança em sua imobilidade enervante. Mesmo num mundo agora cheio de crianças anormais, os espectros eram diferentes. Eram os únicos que haviam mudado fisicamente. Antes do Despertar, tinham a aparência e o comportamento dos demais. Depois, as orelhas desenvolveram-se em dias, junto com o silêncio e a imobilidade.

— Eles não são capazes de voar nem de fazer os mais simples encantamentos — Eric contou a Rachel.

— Ouvi dizer que sequer conversam.

— Acho que está equivocada quanto a isso. Todo mundo está. Eles podem não falar conosco, mas falam uns com os outros, ou senão vão falar.

— Como é que você sabe disso?

— Não tenho certeza. É só um palpite.

Ele não conseguia tirar os olhos de Albertus Robertson.

— Um palpite? Não. Tem alguma outra coisa acontecendo entre você e os espectros — disse Rachel. — Você está sempre reparando umas coisas neles que mais ninguém repara. Albertus jamais foi identificado como líder. Como é que você pode saber que ele é?

Eric deu de ombros.

— Os espectros sequer se encontram — afirmou Rachel. — Com certeza não têm uma liderança. São todos solitários.

— Eles *ainda* não se encontram, Rach. Acho que isso também vai mudar.

Quando Eric disse isso, Albertus Robertson inclinou a cabeça. Olhou Eric intrigado. Não se tinha ouvido falar de algum espectro que fizesse isso antes. Eles nunca reagiam a outra presença humana. Durante um tempo os olhos castanhos plácidos de Albertus demoraram-se em Eric, depois sua cabeça rapidamente retornou à posição anterior.

Profundamente afetado pelo que acabava de acontecer, Eric falou:

— Tem mais uma coisa a respeito dos espectros. Os aventureiros, que andam atrás de emoções fortes, gostam de andar com eles.

— Os aventureiros! Você está falando sério? Aventureiro era o termo genérico dado às crianças mais irrequietas, sempre levando sua mágica a

perigosos extremos. Para Rachel, o contraste entre aqueles demônios audaciosos da magia e os passivos espectros era engraçado. Eric disse:

— Surpreendente, não? Não consigo imaginar o que é que têm em comum, mas alguma coisa acontece. Aposto que há um aventureiro aqui por perto, num lugar qualquer. Na verdade, sei que há.

Depois que Eric mencionou, Rachel foi capaz de detectar outra presença mágica ali perto, ainda que fora de vista.

— Seja como for, vamos deixar Albertus em paz — determinou Eric, desviando o olhar. — Está apreciando sua paz e quietude, o velho Albertus.

— Como é que você sabe disso? — perguntou Rachel, exasperada.

— Não sei, só sei. Ele a instigou.

— E os prapsis? Você prometeu! Esqueceu de novo?

Rachel disse:

— Não. Estou só adiando. O máximo possível.

— Ah, você, na verdade, sabe que ama os meninos, Rach!

— Hum.

Com um último olhar a Albertus Robertson, transportou-se.

Eles tornaram a aparecer sobre o sul da Itália. Crianças locais entravam e saíam do vulcão Vesúvio, mergulhando. O destino de Rachel, porém, era outro. Ela pousou na buliçosa Nápoles. Eric alegrou-se de estar em terra. Durante um tempo, a pé, ambos simplesmente exploraram as ruas estreitas e sinuosas da cidade. Passaram por uma joalheria chique, extremamente cara.

— Olhe isto! — disse Eric.

As pesadas portas de aço da loja estavam destruídas. Só restavam pontas entortadas mostrando o lugar em que haviam estado. Três crianças postadas à entrada guardavam a loja, em vez das portas. De pé do lado de fora, tinham um aspecto casualmente ameaçador.

— Deve haver um monte de ladrões espalhados — comentou Eric.  
— Eu não esperava isso aqui. Pelo menos não durante o dia.

Rachel concordou vagamente. Cercas, paredes, trancas reforçavam o concreto, o arame farpado — essas defesas tradicionais não bastavam contra crianças realmente talentosas.

— Já vi pior — disse ela. — Na África, especialmente. Cairo, Nairobi, Lagos. Coisas terríveis ainda estão acontecendo.

O surgimento da mágica trouxera novos problemas, assim como alegrias. Gangues de ladrões surgiram nos países mais pobres. Depois do Despertar, milhões de crianças que jamais tiveram o bastante para comer descruzaram os braços. Simplesmente pegavam o que precisavam. No mundo de Ithrea, numa sala especial, Rachel criara comida aparentemente só a partir de magia — mas esse truque era só para Bruxas. Mesmo as crianças mais dotadas de magia não eram capazes de conjurar comida do nada.

Geralmente, os ladrões vinham à noite, atacando plantações, roubando gado. Uma gangue experiente levava o que queria antes mesmo de os adultos notarem sua presença. Por preço alto meninos ofereciam-se para serem contratados como antiladrões, para ajudar a montar guarda diante de uma propriedade de valor ou perseguir um atacante. Mas dificilmente uma criança se preocupava com tais tarefas monótonas se fosse para proteger as posses de sua própria família. E, supondo que um ladrão fosse apanhado, quem ousava punir o infrator? Os adultos há muito deixaram de ser obstáculo físico para a maior parte das crianças. Em alguns países, desesperados para manter algum controle sobre os ladrões, as próprias crianças incorporaram-se às forças de segurança, tendo recebido poderes especiais dos tribunais. Mas pouca diferença fazia. As crianças escapavam da prisão; simplesmente fugiam. Mesmo crianças menos

dotadas, se fossem presas, os amigos logo vinham e usavam de magia para libertá-las.

Um bater de asas repentino, porém, fez com que Eric e Rachel esquecessem completamente dos ladrões.

— Epa! Aí vêm eles! — disse ele. — Aí vêm os meninos! Correndo para dentro de um beco onde não seriam avistados com tanta facilidade, alegrou-se de ver os prapsis batendo asas em sua direção. Em linhas retas perfeitas e incrivelmente depressa, foram diretamente até Eric. Nem mesmo a mais ágil das crianças seria capaz de apanhar um prapsi — embora muitas já houvessem tentado. Devotados a Eric, as crianças-pássaros tinham recentemente dado para voar longe em busca de presentes para ele, cada uma querendo fazer mais que a outra. Eric estalou os dedos — e os prapsis aterrissaram, exatamente ao mesmo tempo, sobre sua cabeça. As bochechas cor-de-rosa transpiravam no ar da primavera, pingando suor na sua cabeça. Eric não se importou.

— Ei, meninos. O que conseguiram?

Um prapsi trazia um pente quebrado na boca sem dentes. Sem esperar pela opinião de Eric, a criança-pássaro tentou arrumar seu cabelo louro cacheado.

— Ai, isto vai fazer você ficar bonito — prometeu o prapsi, arrastando o pente sem resultado de encontro à orelha dele.

— Onde ele encontrou esse pente? — perguntou Rachel. — Está imundo.

Eric deu de ombros.

— E daí? Depois lavo o cabelo. Você se preocupa demais, Rach.

Ele se voltou para o outro prapsi.

— E você, o que trouxe para mim?

O segundo prapsi segurava um bolo de chiclete numa pata. Ofereceu-o a Eric.

— Eca — disse Eric. — Onde você achou isso? Tirou da boca de alguém?

— Oh, não! Não, Eric! — gemeu o prapsi. — Eu não daria a você se fosse de segunda mão. Este é fresco. Só meu chiclete.

— Bem, então está tudo certo.

Eric abriu a boca e o prapsi jogou o chiclete todo mastigado lá dentro.

— Ande — disse o prapsi, na expectativa. — Masque. Eric mastigou, mastigou.

— Não tem gosto — disse. — Acho que já está na sua boca há algum tempo, hein?

Rachel disse:

— Eu acho que o que você devia perguntar é onde ele achou esse chiclete.

— Em cima de uma cerca — respondeu o prapsi animadamente. — Tinha sujeira em cima, e uma mosca, e fedia um pouco, mas eu lambi tudo.

Eric cuspiu longe o chiclete.

— Puxa vida, meninos! — falou ele, lançando perdigotos. — O que estão tentando fazer? Querendo me matar?

— Não está bom? Você não quer o meu presente?

O prapsi fungou. Fez uma expressão de dúvida, ao conter as lágrimas.



— Desculpe, Eric. Você queria a sujeira e a mosca também? Eu achei que não...

E virou-se, zangado, para o companheiro:

— Sua culpa! Você me mandou chupar a sujeira, seu pombo estúpido!

O outro prapsi sorriu malicioso sem nada dizer.

— Xô! Vão embora! Eric espantou-os.

— Vão procurar um presente *decente*. Uma coisa bem legal!

Os dois prapsis logo saíram pairando. Lado a lado, tremiam de excitação.

— O que você quer? O que você quer, Eric? — guincharam.

— Alguma coisa legal e *saborosa*. Sem fedor! Velozes, os prapsis se foram, cuspiendo um no outro.

Rachel ainda conseguia ouvi-los quando já estavam há muito fora de vista, altercando-se e soltando insultos.

4  
Tóquio



Rachel jogou longe o pente que ainda apontava do cabelo de Eric.

— Vamos — disse. — Ainda quero fazer umas compras.

— Temos mesmo de fazer?

— Sim.

— Onde, então? Nova York? — Japão!

Rachel os transportou magicamente para o Extremo Oriente, acompanhando o sol que mergulhava no céu: pôr-do-sol em Tóquio. Durante um tempo, pairou sobre os arranha-céus de vidro e aço do bairro de Shinjuko, na parte ocidental da cidade. Rachel amava aquela região, especialmente as sólidas torres gêmeas de quarenta e oito andares do Edifício do Governo Metropolitano. De dia, mil e trezentos burocratas municipais ainda trabalhavam nos escritórios, mas à noite a estrutura pertencia às crianças.

— Verifique as gangues — disse Eric. — Não estavam aqui da última vez que viemos.

Diversos grupos rivais de crianças supervisionavam uns aos outros dos telhados dos arranha-céus. Cada grupo, vestido de maneira distinta, de modo que não pudesse haver engano quanto às suas alianças.

— Está vendo as áreas onde não se pode ir? — Eric indicou os hiatos entre os edifícios, os lugares invisíveis por onde nenhuma criança voava.

A atmosfera era tensa, com poucos adultos em volta. Enquanto Eric observava, um bebê — voando solo — atravessou os vários territórios invisíveis. As gangues zombaram quando ele passou, fazendo pouco do progresso desajeitado do bebê através do céu.

Eric soprou seu dedo indicador. Como se fosse um revólver soltando fumaça, apontou-o para as crianças da gangue, com um leve sorriso.

— Zap, zap — falou, cerrando os dentes. — Quer que eu dê uma lição nesses meninos de gangue, Rach? Derrube-os do céu?

Rachel olhou de relance para ele, que baixou o dedo, resignado.

— Você está sentindo tentação?

— Eu estou *sempre* sentindo tentação. Especialmente com meninos como esses.

O dom especial de Eric era o de destruidor de encantamentos. Até o líder dos Magos, Larpskendya, surpreendera-se com essa habilidade. Em toda a sua experiência através de muitos mundos, os Magos jamais encontraram dom semelhante. Depois do Despertar,

Larpskendya achou que iam aparecer outras crianças na terra como Eric. Isso não aconteceu.

Eric era único.

Rachel compreendia o quanto ele queria praticar sua antimágica, mas como? Cada vez que Eric focalizava num encantamento de criança, matava aquele encantamento em particular para sempre. Este jamais poderia ser

usado de novo. Os encantamentos eram preciosos: mesmo o mais modesto tinha seu valor e importância. Nenhuma criança voluntariamente abriria mão de nenhum.

— Não tem importância — disse Eric, e acrescentou, em tom mais baixo: — Estou melhorando mesmo assim. Mesmo sem praticar. Estou ficando cada vez melhor.

— Melhor em quê?

— Sou capaz de detectar encantamentos distantes. Quer dizer, encantamentos bem fraquinhos, a grandes distâncias.

— Que distância?

— Você sabe onde os prapsis estão?

O aroma mágico dos prapsis era sempre difícil de acompanhar porque voavam muito depressa. Afinal, mais de mil e quinhentos quilômetros para noroeste, os encantamentos de informação de Rachel os rastrearam.

— Estão sobrevoando o deserto de Gobi — disse ela. — Indo para o sul.

— A que distância estão um do outro?

Rachel olhou Eric com olhos vagos.

— Não sou capaz de dizer, desta distância. Mal consigo rastreá-los.

— Não? — Eric ergueu as sobrancelhas. — Então vou lhe dizer. Estão muito próximos, não tem nem meio metro de distância entre si. E um está voando ligeiramente acima do outro, no estilo corcunda. Estão com frio também. Têm de estar, porque sua velocidade é seis por cento menor que a normal. E — acrescentou, orgulhoso — voam acima de seiscentos metros. Gostam de ficar assim no alto. Lembra-os de todos os anos que passaram nos céus de Ithrea.

Rachel olhou para ele chocada.

— Eric, há quanto tempo você é capaz de detectar com tanta exatidão? Você nunca mencionou isso antes.

Ele deu de ombros.

— Vem acontecendo gradualmente.

— Temos que contar a Larpskendya imediatamente.

— Com certeza. Acho que sim.

— Eric, você não pode simplesmente ficar guardando para si algo tão importante. Você sabe disso. Se...

— Tudo bem. Já chega. Eu *ia* contar a Larpskendya amanhã, na verdade, quando ele fosse nos levar para visitar Yemi. E... bem... por falar em Yemi — Eric disse —, aqui vêm as suas Belezinhas.

Uma sombra espalhara-se sobre a linha do horizonte de Tóquio. Era inteiramente composta de borboletas amarelas — Belas de Camberwell. Havia bilhões delas, um panapaná tão enorme que durante vários minutos escondeu inteiramente as primeiras estrelas, enquanto se movia através da cidade. A visão era uma ocorrência familiar. A maioria das crianças nem sequer se deu o trabalho de olhar para o alto.

— Ainda não entendi por que Yemi as manda a toda parte — comentou Eric.

— Eu acho que sei. — Rachel lembrou de Yemi, o menino nigeriano de dois anos, e sorriu.

Mesmo os notáveis encantamentos dela reverenciavam a magia de Yemi.

Como Rachel, Yemi era capaz de se transportar e de mudar de forma, e de muito mais. A magia dele amadurecia o tempo todo. Ninguém tinha a

menor idéia de quais seriam os seus limites.

Ao olhar para cima, Rachel disse:

— Que borboletas lindas! São uma dádiva. Yemi está tentando dar ao mundo um pouquinho mais de felicidade. Mais que isso. Os animais... reparou como se interessam pelas borboletas sobrevoando? Não tenho a menor idéia do que acontece, mas decididamente o comportamento deles muda.

— É a mágica deles — disse Eric.

— O quê? Dos animais?

— É. Não são como nós, mas têm um traço. A mágica deles reage a Yemi e suas borboletas.

— Tem certeza?

— Absoluta.

As Belas de Camberwell gradualmente passaram da cidade. Havia centenas de panapanás como aquele, girando em grandes migrações sem fim. De dia e de noite elas voavam, as asas sem parar mapeando atalhos que as levariam a sobrevoar todas as partes do mundo.

— Vamos nos afastar das gangues — disse Rachel, assim que a última das borboletas se derreteu dentro do brilho do pôr-do-sol. — Eu ainda quero fazer as compras. Está pensando em algum lugar em particular?

— Na verdade, não, mas estou com fome.

— Eu também.

Ela os transportou magicamente para um dos primeiros bairros comerciais do mundo: as ruas encruzilhadas cromadas de Ginza em Tóquio. Durante algum tempo, com Rachel disfarçando-os de crianças japonesas típicas, andaram entre os bares inundados de néon e balcões de sushi. Havia

uma mistura equilibrada de adultos e crianças, administrando os centros de diversão e redes de alimentação. Rachel e Eric compraram um pouco de frango yakitori e sorvete e vagaram pelas largas ruas acima. Quando dobravam na rua Chuou-dori, Eric sussurrou:

— Pare.

— Um encantamento de imobilidade — alertou Rachel.

— Sim. E seja quem for a pessoa em quem o estão usando, ela não está combatendo.

— Então deve ser adulto.

— Quer que eu destrua o encantamento?

— Não — disse Rachel. — Vamos primeiro checar. Pegando Eric, voou com ele ao longo de uma rede de ruas laterais até alcançarem um beco escuro. Parcialmente escondida por umas latas de lixo, uma menina em torno de sete anos estava de pé em cima de um velho. Sem ser tocado, o corpo do velho era mantido embaixo, enquanto a menina usava um encantamento de busca para procurar dinheiro, ou lá o que quisesse, em seus bolsos.

— Pare com isso! — Rachel gritou em japonês, e em seguida se deu conta de que a menina absolutamente não era japonesa.

Mudou para o inglês.

— Deixe-o em paz!

Como a menina continuou não demonstrando compreensão, os encantamentos lingüísticos de Rachel mandaram a mesma mensagem em várias línguas.

Finalmente, a garota entendeu. Ela cuspiu no chão, perto de Rachel, desafiadora.

— Vai lutar com você, se puder — avisou Eric. — Está se preparando para isso.

— Acho que não — respondeu Rachel. — Sabe que vai perder. Essa é esperta.

— Quem ele? — perguntou a garota, num inglês esforçado.

E apertou a ponta do pé no peito do homem.

— Seu papa? Seu pa?

— Não — disse Rachel. — É claro que não.

— Então... Por que você ajudar?

A menina parecia espantada de verdade.

— Eu... — e Rachel fez uma pausa.

Se aquela menina não era capaz de entender que era errado aterrorizar um adulto, o que podia dizer para convencê-la?

A menina virou-se. Chamando das trevas um gato sarnento, aninhou-o nos braços e saiu, insolente, pelo final do beco, de cabeça erguida.

O velho levantou-se e, tremendo, arrastou-se na direção oposta.

— Espere — Rachel disse a ele. — O senhor está bem? Está ferido?

O homem, visivelmente, queria se afastar. Rachel era criança, ele estava sozinho e com medo dela, ainda que o tivesse ajudado. Encostado à parede, esgueirou-se para passar por Rachel e Eric, fazendo reverências várias vezes, mas sem levantar os olhos.

— Geralmente não se vê adultos sozinhos à noite, hoje em dia, nas grandes cidades — disse Eric. — Não posso acreditar em que ele não tenha trazido os filhos com ele, num lugar movimentado como este.



— Nem todo mundo tem filhos — disse Rachel. — Isso quer dizer que eles têm de ficar dentro de casa? Nunca sair?

— Ou isso, ou aceitar o risco. Você conhece as regras na cidade: adultos dentro de casa até as dez da noite, ou então arquem com as conseqüências.

— Isso é regra de gangue — Rachel disse, zangada. — Você parece um deles.

Eric deu de ombros.

— Os pais cansaram de inventar as regras deles antes, Rach.

— Então está na hora de equilibrar as coisas, é isso o que você está dizendo?

— Não, não é isso o que eu estou dizendo. Assim como você, também não gosto disso. Mas os adultos têm de ter cuidado, não é? Ficar dentro de casa a não ser que saiam acompanhados de uma criança, e...

— Aquele homem poderia ser o *nosso* pai — disse Rachel.

Eric fez ar de alarmado.

— Você protegeu a nossa casa?

— É claro. A questão é que alguns adultos não têm proteção alguma. Não deveriam precisar disso.

Ela olhou para cima. Formigavam crianças no trecho de céu entre as paredes do beco. Para Rachel, elas de repente pareceram um tanto sinistras. O velho ainda descia o beco, correndo, procurando alcançar um lugar seguro. Parecia pertencer a um mundo diferente. Ela ficou de olho nele até que ele chegou a uma porta lateral. Suas mãos tremiam enquanto mexiam com a fechadura. Talvez lá dentro ficasse em segurança, talvez não. Rachel sabia que, embora na maior parte do mundo houvesse segurança para os adultos, nas grandes cidades, os jovens estavam tomando conta. Gangues de

rua sempre existiram, mas agora estavam armadas com mágica. Geralmente, os adultos podiam andar livremente cuidando de seus afazeres, mas em determinadas áreas, depois que escurecia, crianças ameaçadoras pavoneavam-se, comportando-se de maneira imprevisível. Algumas se especializaram em atormentar adultos só por diversão.

As mãos do velho tremiam tanto que não conseguiam abrir o cadeado. Ele ficava olhando o tempo todo para Rachel, como se ela estivesse prestes a lhe fazer coisas horríveis. Rachel poderia ter usado um encantamento para abrir o cadeado, mas sabia que isso só faria assustar ainda mais o velho. Para que se sentisse menos ameaçado, ela desceu o beco — sempre próxima o suficiente para se assegurar de que ele ia entrar em segurança.

O mundo todo está virado de cabeça para baixo, pensou ela.

Quase todas as mudanças haviam sido para melhor. Os pais raramente tinham de ir trabalhar, só se desejassem. As crianças, usando magia, eram capazes de desempenhar as tarefas rotineiras, pela primeira vez liberando a maioria dos adultos das coisas chatas. Mas tudo continuava difícil para os adultos, e não só por causa das gangues de crianças. Muitos pais sempre julgaram seu valor em função de como educavam seus filhos, em função de quanto os filhos precisavam deles. As crianças não precisavam mais de cuidados como antes. De modo geral, ainda compartilhavam as mesmas relações amorosas, mas muitas crianças agora passavam mais tempo a explorar sua mágica que com os pais. E, é claro, havia também ciúme. Alguns pais sentiam inveja dos próprios filhos. Por que só as crianças possuíam mágica? Os adultos queriam ser os donos das próprias trajetórias. Também queriam ser capazes de voar...

O velho afinal conseguiu abrir a tranca da porta. Entrou rapidamente. Rachel ficou a imaginar que tipo de vida levava. Parecia tão frágil.

Espero que não esteja sozinho, pensou ela.

Sozinho numa cidade de gangues de crianças. O que poderia ser pior? Em cima, um bebê ria, perseguindo um pássaro noturno pelo céu.

— Onde está sua mãe? — Rachel viu-se a perguntar silenciosamente. — Onde? Como se sente por você estar tão longe dela?

De repente, Rachel quis voltar para casa e assegurar-se de que os pais estavam seguros.

As Griddas estão por aí afora, em algum lugar, pensou. Uma vez que as Altas Bruxas sabem onde fica o nosso mundo, as Griddas também devem saber. E aposto que não ficam perdendo tempo com brincadeiras nem se associando a gangues estúpidas ou adultos cabeludos. Quando as Griddas finalmente decidirem vir, estaremos preparados?

— Vamos voltar, Eric — decidiu ela. — Vamos para casa.

3  
FOGO SEM CALOR



— Ele está atrasado — disse Rachel. A mãe apertou a mão dela.

— Já deve estar chegando, tenho certeza.

Rachel concordou, tensa, e apertou os joelhos, balançando para lá e para cá numa das cadeiras da cozinha. Uns sanduíches se encontravam intocados numa bandeja perto. Nunca conseguia comer antes de ver Larpskendya. Ficava cheia de expectativas.

Eric era mais relaxado. Por ali à vontade, folheava um gibi. Os prapsis, numa árvore, alguns jardins abaixo, discutiam com uma família de galhas.

— O que os meninos estão fazendo? — a mãe perguntou a Eric, sem estar, na verdade, muito preocupada.

— Estão dizendo às galhas que parem de criar confusão por aí e desenvolvam caras decentes.

Enquanto a mãe revirava os olhos, Rachel lhe disse, num sussurro:

— *Você* está nervosa? Sabe? Quando Larpskendya vem, você se sente — ela pressionou o coração — assim também?

— Sim, toda vez — respondeu a mãe. — Ah, mas é um tipo de nervoso legal, não é?

Elas riram uma para a outra.

Passaram-se alguns minutos. Rachel alisou a saia. A mãe fez um chá e ninguém bebeu, exceto Eric. Entediados com as gralhas, os prapsis amassaram os narizes de encontro à janela, querendo tornar a entrar. A mãe automaticamente checkou se não estavam trazendo nada nojento antes de deixá-los voar até Eric.

— Como se saíram, meninos? — perguntou ele, quando pousaram em seus ombros.

— Elas não querem ouvir — um prapsi disse, com ar de desamparo. — Não querem desenvolver rostos.

— Vocês as mandaram embora?

— Mandamos, Eric. Elas simplesmente voaram. Sempre fazem isso.

Eric inclinou-se em direção dos prapsis.

— Vou lhes contar por que fazem isso, meninos. É porque estão com vergonha. São apenas gralhas, afinal de contas. Vocês dois são capazes de voar como gênios, falar, tudo. Quando estão junto delas, as gralhas ficam embaraçadas. Sabem que mal chegam aos pés de um de vocês dois.

Ambos os prapsis sorriram alegremente. Aquela explicação jamais lhes ocorrera.

A porta do pátio abriu-se e o pai entrou da garagem, limpando graxa de automóvel das mãos. Era um homem alto, magro, cujo cabelo ia ficando grisalho.

— Quase terminei — disse, satisfeito, indo à pia lavar-se. — Quase consegui consertar o motor. Mais umas horinhas de trabalho, e pronto.

Rachel poderia ter consertado o carro. Mas era sábia: o pai gostava de fazer aquilo.

O pai ficou de pé com as mãos debaixo da torneira, metodicamente retirando manchas de óleo. Então, veio sentar-se junto aos demais, numa das cadeiras da cozinha e, com voz rouca, disse:

— Ele está atrasado, não está?

A mãe concordou. Ninguém precisava dizer a quem ele se referia. O pai sentou-se mais à frente para servir-se de uma xícara de chá. Todos na sala irromperam num mesmo sorriso largo quando sentiram um estremecimento no céu, uma dor. As nuvens pareciam saber; as águias interrompiam o vôo.

Rachel murmurou:

— Está chegando. Ele está chegando.

O pai endireitou-se, para se equilibrar. Os prapsis pularam para cima e para baixo em cima do aquecedor. Eric, esquecendo a tranqüilidade, correu à sala de visitas, esperando captar um vislumbre do Mago irrompendo das nuvens.

Chegou tarde demais, Larpskendya já aparecia no saguão.

Os prapsis chegaram lá primeiro. Procurando um presente, encontraram uma sujeirinha no tapete. Depois que Larpskendya o aceitou, graciosamente, voltou-se para a menina, que corria pelo saguão. Ela não precisou pedir permissão: ele abriu os braços e Rachel correu ali para dentro. Apertou o rosto de encontro a seu peito, abraçando-o.

— Oh, Larpskendya! — gritou ela.

Seus encantamentos correram apressados para os olhos, todos querendo vê-lo em primeiro lugar. Larpskendya jogou a cabeça para trás e riu, beijando-a, beijando Eric e ambos os pais, com total informalidade.

O pai de Rachel, como sempre, era incapaz de tirar os olhos do Mago. O que é que ele tinha? Não eram os traços. Os traços do Mago assemelhavam-se aos de qualquer homem imponente. Eram os olhos: em forma humana, mas mais vibrantemente apaixonados que os de qualquer homem.

Rachel ficou agarrada à túnica cor de creme de Larpskendya enquanto lhe contava dos recentes desenvolvimentos mágicos. Como de hábito, ele parecia saber de tudo, embora não a interrompesse. Finalmente, depois de falar com os dois adultos em particular, Larpskendya ficou de mãos dadas com Rachel e Eric. Os prapsis zoavam em torno de sua cabeça feito moscas, sabendo que alguma coisa estava prestes a acontecer. Com um movimento veloz demais para ser visto, Larpskendya apanhou-os e enfiou cada prapsi dentro da camisa de Eric.

— Mantenha-os perto de você hoje — Larpskendya aconselhou a Eric.

— Por quê?

— No lugar que vamos visitar, podem trocar você por outro. Yemi mudou desde que você o viu pela última vez.

Eric compartilhou um olhar intrigado com Rachel.

— Estão prontos? — perguntou Larpskendya.

Eric abotoou o casaco, enfiando as cabeças dos prapsis mais para baixo.

— Para onde Larpy vai nos levar? — um prapsi perguntou.

— Psiu. Não o chame assim — censurou Eric.

— Por que não, Eric?

— Não é uma boa idéia. Só isso.

— Oh, já me chamaram de nomes piores — comentou Larpskendya.

Ele riu — e se transportou magicamente. Não houve sensação de vô nem de movimento. Os próprios encantamentos de Rachel nunca puderam captar a facilidade de seda com que Larpskendya se transportava. No instante seguinte — e milhares de quilômetros depois — Rachel e Eric viram-se soltando as mãos dele, piscando na semi-escuridão.

Encontravam-se debaixo da terra, dentro de uma caverna. Poderia ter sido, em algum momento, uma caverna comum, mas a magia de Yemi a transformara. No interior não havia janelas, mas vistas sem fim. À direita de Rachel, um fogo ardia, sem calor. Sobre a cabeça de Eric cascadeava uma cachoeira, sem o molhar. Macacos araguatos surgiam do nada, soltavam uns guinchos, desapareciam — e tornavam a aparecer. E em toda a volta havia as visões, sons e fragrâncias que Yemi mais valorizava, os de seu velho lar africano, Fiditi. O que significava quentura, umidade, cheiro de boa comida caseira, combustível queimando e barulho de aves noturnas, solitárias, chamando. Um som predominava os outros: o murmúrio das folhas da floresta tropical.

Esse som, lindo, rico, estava em toda parte.

— Esta é apenas uma das residências de Yemi — revelou Larpskendya, conduzindo-os adiante, caverna adentro. — Agora cria novas em todo lugar que vai, um número infinito.

Dobrando uma esquina, entraram na parte principal da caverna. Lá — explodindo de vida — encontrava-se um menino pequeno.

— Yemi! — gritou Rachel, correndo até ele.

Assim que a ouviu, Yemi se transportou para os braços de Rachel. Durante certo tempo simplesmente ficou ali deitado, olhando-a de um jeito que nada pedia e pedia tudo. Fazia três meses que Rachel o visitara pela



última vez e, por fora, Yemi quase não mudara — continuava um bebê, de cabelo curto e cacheado, pele de ébano e olhos castanhos suaves. Como era do seu jeito, escolheu para si as roupas menos complicadas: um par de shorts azuis amarrotados e camiseta comum cor de laranja. Rachel, no entanto, sequer reparou no que ele vestia. O que notou foram os animais. Dúzias o cercavam, todo tipo de criatura: camundongos, cães, um sagüi, um alce, e gatos, gatos grandes — tigres siberianos adultos.

— Não temos certeza de como Yemi os traz, nem de por que — disse Larpskendya. — No entanto, ao que parece, animal algum consegue resistir a ele.

Eric deu uma olhada nos prapsis, ainda dentro da camisa. Eles retribuíram o olhar, reconfortantemente.

Quando Rachel balançou Yemi no colo, um macaco gibão lhe pulou nos ombros. Pôs-se a alisar seu cabelo. Com cócegas, ela riu e inclinou-se à frente, para dar um beijo na boca de Yemi.

Yemi recuou. Gritou com ela. Empurrando Rachel, saiu correndo para outro canto da caverna.

— Desculpe — disse uma voz vinda das sombras. — Eu devia ter avisado.

A irmã de Yemi, Fola, avançou — mais ou menos da idade de Rachel, mas mais alta, o cabelo trançado e lábios cheios, que sorriam prontamente. Depois de cumprimentar Rachel e Eric, ela se ajoelhou e afagou o cabelo de Yemi.

— Ele não deixa ninguém perto boca. Nunca, há um tempo.

Yemi bamboleou na direção dos seus grandes gatos em busca de conforto. De cada lado sentou-se um tigre siberiano, as cabeças servindo de plataforma para suas mãos. Quando terminou a manha, Yemi voltou a Rachel, querendo, visivelmente, seu perdão. Puxando-o para perto de si, ela disse:

— Acho que sei por que não quer receber beijos. É por causa de Heebra. Foi assim que ela botou o encantamento de morte dentro da boca dele. Tem medo. Só isso.

Yemi esperneou para ser posto no chão, depois bateu palmas com força, pedindo a atenção de todos.

— Caramba! — espantou-se Eric.

Os animais que já tinham visto não eram os únicos dentro da caverna. O resto chegava agora, das áreas com folhas. Camundongos saltitavam ao lado de gatos; uma cobra estava agarrada ao pescoço de um cisne; um gavião pousava junto a um pinto, sem pensar em comê-lo.

Com estrépito, outro animal surgiu, de uma pequena poça. Era apenas bebê. Gordo de chorar, avançou. Nas nadadeiras dianteiras, de cinco dedos, andou até Eric e olhou para ele, no alto.

— Uma foca de Weddell — disse Larpskendya. — Da Antártica. Por todo lugar onde Yemi passa, atrai os animais, e eles vêm.

Ele ergueu o bebê foca.

— Este estava azul de frio quando chegou. Deve ter viajado muitas noites, atravessando meio oceano, só para estar com Yemi. Podem imaginar isso?

Eric ficou olhando, com reverência.

— Todos conseguem chegar?

— Não. Yemi é inquieto, está sempre se transportando para algum outro lugar. Só os animais mais determinados têm a sorte de pegá-lo antes que vá embora.

Eric curvou-se na direção de um dos falcões. Os prapsis aproveitaram a oportunidade para escapar de dentro da camisa.

— Ei, voltem! — berrou ele.

Já estavam, porém, do lado de fora, subindo aos tropeços em seus ombros.

Ao vê-los, Yemi pulou, excitado. Estendeu os braços. Como os prapsis não voaram imediatamente em sua direção, Yemi ficou atônito.

— Vem, vem — disse, numa voz cantada. — Quer.

— Eu não quero saber do que você quer. Não pode ter.

— Por favor. — Yemi tentou sorrir.

Colocando ambos os prapsis no chão, Eric disse:

— Escolha livre, meninos. Vão para Yemi, se quiserem. Eu não vou impedir.

Os prapsis logo voaram de volta aos ombros de Eric.

— Nós sabemos onde queremos estar — disse um deles. Eric espiou Yemi.

— Acho que os meninos fizeram sua escolha, não é?

Yemi não tinha idéia de como reagir. Aquilo jamais lhe acontecera antes. Tentou de tudo para conseguir que os prapsis mudassem de opinião. Franziu as sobrancelhas, bateu os pés, sacudiu os punhos. Implorou. Como continuaram recusando, afinal, caiu no choro. Um de seus tigres siberianos veio do outro lado e o acariciou com o focinho.

Larpskendya disse:

— Eric, quero que me diga exatamente como fez isso. Nunca vi Yemi ser recusado por criatura alguma.

— Não fiz nada — disse Eric. — Absolutamente nada.

— Não é verdade. Yemi nunca foi rejeitado dessa maneira antes, tenho certeza.

— Bem — disse Eric, com frieza —, não sei se é bom para as crianças pequenas conseguirem tudo o que querem o tempo todo. Não é bom, certo?

Olhou Yemi e Yemi retribuiu o olhar — os olhos se encontraram. Durante um instante Rachel viu que os dois meninos se mediam, de uma maneira que ela não conseguia entender.

— Pronto, pronto — disse Fola, abraçando Yemi. — Viu, olhe só isso! Você não pode ter tudo o que quer!

Yemi continuou triste até que um dos tigres siberianos lhe lambeu o rosto, fazendo-o rir. Sua animação costumeira voltou imediatamente. Pulou no dorso do tigre e deu-lhe tapas no lombo, querendo uma carona.

— Yemi na verdade não é mais uma criança comum, é? — perguntou Rachel. — Ele é mais que isso.

— Ele é muitas coisas — respondeu Larpskendya. — Na maior parte do tempo, porém, ainda tem o comportamento típico de uma criança da sua idade. Gosta de bala, de brinquedo, das brincadeiras comuns, especialmente a de esconder.

— Ah, sim! — acrescentou Fola. — Ele não gosta se os animais se escondem muito tempo. Mas os animais não podem nunca encontrá-lo quando *ele* se esconde. Ah, não! Ele é só um bebê ainda, um *pikin*. Ele gosta disto...

Ela o tirou das costas do tigre e botou nos joelhos, fazendo-o subir e descer, e provocando nele ataques de riso.

— E tem seus humores, quer as coisas do seu modo! Chora por nada!

Rachel olhou os tigres siberianos do outro lado. O comportamento de um deles começava a inquietá-la. Não era um tigre comum, tinha certeza disso. Seus movimentos eram precisos demais, calculados demais, quase que afetuosos demais. Cada vez que o estudava, o tigre parava o que estava fazendo e a olhava, pensativo — numa atitude quase humana.

A certa altura, Yemi falou com o tigre. Em resposta, o tigre enterrou o focinho molhado em sua orelha e sussurrou alguma coisa de volta. Rachel ouviu com nitidez que eram palavras.

— Esse não é animal! — gritou ela.

6

## SERPANTHA



Invocando todos os seus encantamentos de defesa, Rachel puxou Eric para trás de si.

— Não se alarme — disse o tigre, transformando-se. Rachel esperava uma Bruxa, mas foi um Mago quem surgiu diante dela. Vestindo uma túnica azul-clara simples, tinha aproximadamente a altura de Larpskendya — mais de dois metros, e os mesmos olhos selvagens, ilegíveis. Rachel viu que só conseguia olhá-lo um momento. Reparou que Eric sentia a mesma coisa.

— Eu sou Serpantha — o Mago disse.

A voz rica e ligeira parecia advir de alguém bem mais jovem que Larpskendya. Seria mais novo? Não foi a primeira vez que Rachel se perguntou que idade teriam os magos. Curvando-se numa reverência a Rachel e Eric, Serpantha disse:

— É uma honra conhecê-los, afinal, embora eu tenha a impressão de que já os conheço bem. Larpskendya tem razão. Existe uma força em vocês dois que não será facilmente desafiada neste mundo, ou além dele.

Yemi puxou a manga de Serpantha, claramente querendo brincar.

— O senhor e Larpskendya são irmãos — disse Rachel. — Estou certa, não estou?

Larpskendya falou:

— Não lhe disse que ela ia ver? É difícil guardar segredos desta aqui.

— Mas o senhor é... mais velho que Larpskendya — disse Eric. — Soa mais jovem, porém é bem mais velho. Sou capaz de sentir isso em sua mágica.

Serpantha lançou um olhar quase amedrontado a Eric.

— Como sabe? Isso não deveria ser possível.

— Os seus encantamentos estão muito cansados, é por isso que sei — falou Eric.

Seus olhos umedeceram-se ao sentir os encantamentos de Serpantha chamando-o desesperadamente aos gritos.

— Estão lutando há tanto tempo. Ficou difícil continuarem. Ah, e não querem... Eles não querem...

Estendendo as mãos trêmulas, Serpantha segurou Eric.

— Sim — disse. — Exigi demais deles estes últimos anos. E depois, mais e mais... Com a guerra, não tem havido trégua nem para mim nem para Larpskendya.

Baixando os olhos, falou, com um sorriso forçado:

— Você é capaz de dizer quanta força meus encantamentos ainda guardam, Eric? Para mim, é difícil ter certeza. Eles mentem para mim, sabe?

— Não vão lhe faltar tão cedo — Eric disse com aspereza.

— É bom ouvir isso — Serpantha retrucou, a voz de novo leve.

Pegando Yemi, colocou-o sobre os ombros largos.

— Estou aqui há um tempo com este pequeno.

— O senhor está aqui para protegê-lo das Griddas? — perguntou Rachel.

— Em parte. Uma Gridda comum podia querer destruir Yemi de uma vez, a não ser que achasse que o pudesse usar. Na verdade, porém, Yemi precisa ser vigiado também por outras razões. Não porque seja mau, é claro que não. Só que um pensamento leviano ou desorientado da parte dele seria capaz de, acidentalmente, destruir muitas coisas de valor no seu mundo.

Serpantha beijou Yemi, depois sussurrou-lhe:

— Mesmo os seus pensamentos mais alegres podem ser perigosos, imagine...

Rachel lembrou-se do incidente com os ursos. No segundo aniversário de Yemi, Fola lhe tinha dado um ursinho marrom. Yemi não pôde conter a alegria com a surpresa. Queria que todas as pessoas a compartilhassem. Na manhã seguinte, todo mundo — todas as crianças e todos os adultos na Terra — quando acordou, encontrou um lindo filhote de urso marrom a seu lado.

— Os mesmos problemas — falou Serpantha — afetam todos os jovens mais dotados.

E olhou com ar de sabedoria para Larpskendya, que riu.

— Mas as habilidades de Yemi ultrapassam qualquer coisa que eu já tenha visto, mesmo num Mago. Tenho tentado ensinar-lhe as coisas mais difíceis de todas: dar-se conta de que nem sempre pode ter o que quer. Com



grande dificuldade ele está começando a aceitar isso. E tem uma bela irmã, cheia de recursos, para ajudá-lo.

Estendendo os braços, Serpantha trouxe Fola para dentro de seu largo abraço.

Ela sorriu timidamente, olhando para cima, para ele.

— Fola não pode ser aquele companheiro que sempre se adapta, como tenho sido — Serpantha disse a Rachel. — Com sua ajuda, no entanto, estou certo de que não farei falta. E, ainda bem, porque tenho que partir.

— Partir?

Rachel teve vontade de chorar, sem saber por quê.

— Surgiu uma oportunidade — disse Serpantha. — Uma oportunidade que nunca imaginamos. As Altas Bruxas solicitaram uma reunião conosco.

— Eu... eu pensei que as Griddas tinham matado todas elas.

— Não, algumas estão presas e umas poucas sobrevivem nos túneis. Uma dessas conseguiu escapar de Ool e me entregar uma mensagem, embora tenha morrido logo depois, de ferimentos que nem mesmo Larpskendya foi capaz de curar. A mensagem era de Calen.

— Calen? É a filha de Heebra! — disse Rachel. — A mãe dela morreu aqui. Como pode confiar em Calen? Ela deve nos odiar.

— Sim, deve — disse Serpantha —, e normalmente eu não confiaria nada nela. Quem diz que confio agora?

Passei muitas vidas de vocês desconfiando das Altas Bruxas. É difícil mudar, embora eu deva.

Fazendo cócegas em Yemi, que riu, ele depois olhou solenemente para Rachel.

— Você não faz idéia do estado lamentável em que se encontram as Altas Bruxas. Estão de fato desesperadas, disso não tenho dúvida. Eu vou me reunir com elas.

— Sozinho? — perguntou Rachel.

— Se for uma armadilha — Serpantha disse —, dez Magos não se sairão melhor do que um. Eu...

— Não vá — pediu Eric. — Por favor, não vá.

— Por quê, Eric?

— Eu não sei. Simplesmente não vá. Eu não quero que o senhor vá.

Fez-se silêncio dentro da caverna.

— Eu preciso ir, Eric — disse Serpantha.

— Nossa guerra com as Bruxas tem sido uma guerra interminável. Eu não desejaria o mesmo para vocês. Esta pode ser a única oportunidade de acabar com ela. As Griddas são de uma espécie diferente. Não acredito que a líder delas, Gultrathaca, esteja muito ansiosa para negociar. E há mais uma coisa que você deve saber: as Griddas quase encontraram Ithrea. Nós tentamos obscurecê-la, mas nossos esconderijos não as manterão longe por muito mais tempo.

Morpeth, pensou Rachel, com o coração aos pulos.

— De maneira que, você vê... — prosseguiu Serpantha — mais do que o bem-estar do seu próprio mundo está envolvido nestes assuntos. Eu sei o risco que estou correndo, e embora esteja prevenido contra ele, vou viajar sozinho.

Virou-se tristemente para Larpskendya.

— Bem, irmão, está na hora da minha partida. Yemi não está contente, mas está sendo valente quanto a isso, como você também terá de ser.

Larpskendya nada disse. Não teve coragem de olhar nos olhos do irmão quando se abraçaram.

— Eu gostaria de ter tido a oportunidade de passar mais tempo com vocês — Serpantha disse a Eric e Rachel. — No entanto, estou confiante em que esta não será a última vez que nos vemos.

Pegando Yemi pela mão, liderou o grupo silencioso até a superfície da caverna. O ar estava quente. O sol brilhava sobre um campo salpicado de papoulas e centáureas. Rachel não notou. Mal via o campo. Alguma coisa dentro dela queria manter Serpantha perto.

— O senhor não pode partir — disse ela. — Quem irá proteger Yemi se o senhor for?

— Fola... E estou treinando outra pessoa — disse Serpantha. — Acredito que a conhecem bem.

Fez um movimento na direção do céu. Uma menina chegou de lá. Tinha cabelo bem louro e olhos de um azul tão vivo que as pessoas que a viam pela primeira vez não conseguiam notar mais nada.

— Heiki! — gritou Rachel.

Heiki pousou ao lado de Rachel. Elas se beijaram como boas amigas que de fato tinham se tornado.

Serpantha observou-as interagindo, viu como as meninas se davam bem.

— Houve uma época em que vocês lutaram como se nada mais tivesse sentido exceto aquela batalha — lembrou. — Mas isso mudou. Nós todos temos de estar preparados para mudar agora.

Heiki trocou umas palavras com Eric e Rachel, depois se posicionou junto a Yemi. Seus olhos imediatamente esquadrihavam o céu, alerta para algum perigo.

— Irmão, está pronto? — perguntou Serpantha. — Preciso da sua força agora.

Os Magos juntaram as cabeças. Rachel sentiu o início de um transporte tão poderoso que nem conseguia compreender.

Yemi olhava com adoração para Serpantha. Uma vez na vida seus animais foram deixados de lado. Sabiam que ele queria estar a sós com Serpantha o máximo tempo possível. Ao ver Serpantha prestes a partir, esqueceu a promessa de valentia. Agarrou-se com determinação à perna de Serpantha.

Com infinito cuidado Serpantha soltou os dedos de Yemi. Deitou uma olhada final ao campo e morros verdes ondulantes além.

— Amo este mundo — disse a Eric e Rachel. — E amo a raça de vocês; os mais mágicos entre vocês têm tanto para dar! Nem sempre é assim.

Beijou-os — e eles não puderam suportar. Era como se estivessem perdendo uma coisa pela qual ansiaram toda a vida. Fola desajeitadamente tocou no rosto de Serpantha.

Eric avançou.

— Eu queria conhecê-lo melhor — ele falou abruptamente. — Queria mesmo.

— Vai conhecer — Serpantha lhe disse com firmeza. E transportou-se.

# F PAIXÃO



Serpantha ia cautelosamente pelos túneis.

Há algum tempo descia, seguindo o aroma mágico das Altas Bruxas. O cheiro era tão forte naquele momento — as Bruxas tão perto — que era capaz de ouvir seus murmúrios abafados. Os túneis de Ool estavam cobertos de minúsculas formas de vida luminosas, que emitiam uma luz bege baça. Isso queria dizer que Serpantha conseguia ver. Suas unhas, entretanto, não haviam sido projetadas com o fim de se agarrar à pedra. E, incapaz de encontrar qualquer gancho nas paredes lisas, ele voava nos pontos onde os túneis eram mais íngremes. Afinal, os túneis se aplainaram, transformando-se na entrada de uma grande caverna.

Serpantha ficou ereto e, audaciosamente, entrou caminhando.

As Bruxas estavam esperando. Havia dez delas, dez Altas Bruxas maduras. Ao ver Serpantha, cada uma teve reação diferente. A maioria recuou, com medo, ao fundo da caverna, as cobras-almas silvando. Um poucas Bruxas mantiveram a posição, cerrando as mandíbulas para impedi-las de irromper.

Serpantha esperava essas reações. Sem querer provocar um ataque, deliberadamente manteve uma distância discreta — e esperou.

De início, as Bruxas não ousaram aproximar-se. Em seguida, numa rápida agitação, pularam em cima de Serpantha e o arrastaram para fora da caverna.

Serpantha não se surpreendeu com a rudeza do tratamento. Não fez nada para retaliar, embora a pedra lhe cortasse a pele quando as Bruxas o arrastaram por diversos corredores, até jogá-lo como um fardo aos pés de uma outra Bruxa. Se essa Bruxa se horrorizou com a aparência de Serpantha tanto quanto as outras, escondeu bem. Sua cobra-alma amarela o examinou com franca curiosidade.

— Seja bem-vindo, Serpantha — disse ela.

— Bem-vinda, Calen.

Durante um período de tempo considerável, Calen e Serpantha simplesmente olharam um para o outro. Aquela era a primeira ocasião em mais de duzentos mil anos que uma Alta Bruxa e um Mago se encontravam fora de um campo de batalha. Finalmente, Serpantha curvou-se. Usando maneiras quase esquecidas, estendeu os braços e ofereceu um enlace formal.

Nylo, a cobra-alma de Calen, não queria contato com o Mago. Calen, porém, a obrigou a rapidamente enlaçar os punhos de Serpantha. Nem Serpantha nem Calen esperavam, mas com o toque, profundos impulsos de perda os percorreram. Sensações surgiram, impedindo-os de falar e, durante um tempo, ficou esquecido o propósito original do encontro. Erguendo os olhos, eles olharam atentamente um para o outro, sem nada dizer, sem saber o que dizer.

Durante boa parte de sua vida, Calen imaginara como seria se medir com o lendário Serpantha. Agora que este se encontrava diante dela, viu o quanto era tola essa idéia. Uma única olhada exibía a plenitude de seu poder. Até mesmo sua mãe, Heebra, jamais possuía inteligência assim

ardente, lúcida. Seus olhos sustentavam o olhar dela, solenes, cândidos, belos. Belos? Calen se pegou. Como podiam os olhos dele ser belos? Ignorando o comando silencioso da Bruxa para parar, Nylo fixava o Mago. Embaraçada, Calen recuou. Jamais se sentira daquele modo — desmoronava diante do olhar fixo e lento de um Mago.

Serpantha também passou por sensações espantosas. Tentou se controlar. Escovando do ombro a sujeira da caverna, disse, de repente:

— Eu esperava um cumprimento mais caloroso que este.

— Sem dúvida que esperava! — respondeu Calen. — Verifiquem o resto dos túneis — ela falou rapidamente às suas Bruxas. — Certifiquem-se de que não há mais Magos.

— Eu vim sozinho — assegurou Serpantha.

— Com certeza não espera que eu acredite na sua palavra quanto a este assunto?

Calen fez sinal às batedoras, para que farejassem os túneis conexos. Enquanto esperava, tentou conter as emoções. O que sentia? Aquilo era ridículo! Preparara-se tanto para aquela negociação! As vidas de todas as suas Bruxas dependiam de seu resultado! Quando as batedoras retornaram, Calen recompôs-se e tornou a encarar Serpantha.

— Não me dá prazer estar aqui — disse ela. — Você pode falar em nome de toda a sua espécie?

— Cada Mago fala por todos os outros. Sempre.

— Se isto for algum truque de Mago...

— Você pediu o encontro, não eu. Calen deu um meio sorriso.

— Heebra me ensinou que conversar com Magos não dá em nada.

— Verdade? — disse Serpantha. — Como ela podia saber? Heebra jamais solicitou um encontro, embora nós a tenhamos convidado. De que a sua mãe tinha tanto medo?

Calen procurou pensar com clareza. Sua atenção era desviada pelos olhos de Serpantha. Eram menores que os dela, só ligeiramente maiores que os olhos humanos. Absurdamente, ela sentia uma forte tentação de explorar as sobrancelhas delicadas, em cima. Resistiu.

Serpantha ficou imaginando: será que ela sequer sabia? Ou teria se passado tanto tempo que toda a memória entre as Bruxas havia sido esquecida ou removida?

— Você se dá conta — disse ele — de que Magos e Bruxas vêm originalmente do mesmo mundo?

Ficou esperando uma reação.

— Nós fomos uma vez uma única raça, compartilhando tudo.

Calen ficou confusa.

— Não acredito nisso!

Afastando-se, olhou fixamente para o corpo dele. Poderia ser verdade? A mandíbula de Serpantha era muito menor; os dentes, delicados.

— Nós nunca tivemos mandíbulas como as suas — disse ela.

— Não — Serpantha respondeu. — A mandíbula original de vocês era menor que a nossa. Vocês a alteraram.

— Está mentindo!

— Estou? Que vantagem eu tiraria disso? Enquanto Calen absorvia a novidade, Serpantha fez uma avaliação das outras Bruxas. Normalmente, as Altas tinham imenso orgulho da aparência. As Altas feridas em batalha escondiam, através da mágica, os ferimentos. Ali, as Bruxas estavam todas



imundas, magras, os vestidos pretos aos farrapos; algumas tinham as mandíbulas caídas, os músculos já sem força de sustentar os dentes pesados.

Aquilo significava que aproximavam-se da morte.

Ou, Serpantha deu-se conta, as Bruxas também poderiam estar fingindo...

Seus encantamentos de informação automaticamente executaram outra varredura das Bruxas: os ferimentos eram genuínos. Serpantha confiava no julgamento de seus encantamentos. Nem uma vez em sua antiga vida eles o guiaram mal em matéria de tal importância. Ele acariciou o braço machucado da Bruxa mais próxima, ternura da qual ela só se afastou lentamente.

— Vocês sofreram terrivelmente — disse ele. — Estou vendo o quanto sofreram.

— Ainda somos temidas! — berrou Calen.

— Não tenho dúvida quanto a isso.

Mantendo Nylo próxima, Calen tentou determinar o que fazer em seguida. Instintivamente, sabia que Serpantha dizia a verdade a respeito da origem deles. Saber disso lhe era ao mesmo tempo repulsivo e excitante. Mas por que deveria mudar alguma coisa entre eles? Ela não podia se dar o luxo de cometer um erro. Já diversas de suas Bruxas baixavam a guarda, aproximando-se de Serpantha, com menos medo que antes. Uma lhe estendeu a mão... E Calen surpreendeu-se dando, ela própria, o tapa para separá-los. De novo, fortes sentimentos tomavam seu íntimo.

Serpantha contou as Bruxas no interior da caverna.

— Foi só isso... o que sobrou das Altas? — perguntou.

— Não. Há um resto escondido nos outros túneis. Algumas, em locais que nem sei, para o caso de eu ser apanhada. Eu lidero umas poucas, onde sou capaz.

Serpantha concordou.

— Sendo filha de Heebra, as Griddas devem ter fixado uma recompensa considerável pela sua cabeça.

Calen deu uma risada horrível.

— Espero que sim! Eu ficaria desapontada se não fosse esse o caso!

— Como conseguiu evitá-las?

— Não as evitamos — disse Calen. — Se conseguirmos sentir o cheiro das Griddas em tempo, fugimos. Quando isso não é possível, lutamos. Como pode ver, temos lutado... muitas vezes. Seja como for, agora que elas venceram a batalha principal, as líderes das Griddas têm menos interesse em nós do que você pensa. Estão mais intrigadas com uma outra coisa... a criança humana Yemi. Serpantha procurou esconder sua preocupação.

— Você lhes contou sobre o menino?

— Sob tortura até mesmo uma Alta Bruxa pode ser obrigada a falar, Mago. As Griddas estavam curiosas para saber por que mais de quinhentas das melhores guerreiras de Heebra retornaram derrotadas da Terra, falando do encantamento que Yemi lançou.

— O que sabem as Griddas sobre ele?

— Tudo o que nós sabemos. Conhecem seu aroma, suas habilidades. Sua inocência.

Ela o fitou.

— A sua guarda pode estar falhando, Serpantha. Batedoras das Griddas estudam todos os movimentos dos Magos para a Terra e da Terra. Surpreende-me que você não tenha postado ali mais Magos para proteger o menino.

— Dois bastam — disse Serpantha. — Mais iria chamar muita atenção.

— Só dois? Obrigada — disse uma nova voz.

Das sombras, aranhas observadoras e soldados repentinamente surgiram. Como uma maré, fervilharam de todas as direções através do chão da caverna. Atrás delas, vieram as Griddas.

Serpantha reagiu imediatamente. Nunca uma emboscada o surpreendera tão completamente. Aquele não era, entretanto, momento de tratar da razão. Uma rede de encantamentos — alguns, dos mais mortais já invocados por qualquer criatura — brotou para defendê-lo. O primeiro grupo foi lançado para obstruir quaisquer outras entradas. Um segundo, para repelir ataques que almejassem alterar a forma de seu corpo, aroma ou estrutura química. O terceiro conjunto consistiu de uma bateria de encantamentos de ataque rápido — para distrair seus oponentes enquanto ele escapava.

Nenhum dos encantamentos de Serpantha, porém, funcionou.

Ficaram inutilmente em seu pensamento, gritando de medo por ele.

As Griddas — dois bandos inteiros — enfileiraram-se em torno do Mago. Quando se posicionaram, uma última Gridda caiu pesadamente do teto.

Atravessando o espaço aos saltos, ergueu-se, até alcançar sua altura total.

— Eu sou Gultrathaca — disse.

— Eu sei quem você é.

— Você sabe o que vou fazer com você?

Serpantha sabia. Ele tentou se transportar magicamente, mas seus encantamentos não conseguiam fixar os pontos de transferência.

— Um encantamento inibidor — explicou Gultrathaca. — Só é eficiente em contato com a pele. Neste caso, a pele de Nylo. É claro, como você poderia saber? Nenhuma Alta Bruxa jamais usou tal encantamento. Quando nós o usamos nelas, elas ficaram igualmente surpresas.

— Faça como quiser — disse Serpantha, encarando-a. — Não lhe direi nada.

— Vamos ver.

Diversas Griddas ataram seus braços e pernas com um fio de encantamento.

Serpantha voltou-se para Calen.

— O que você fez? — ele disse, a voz tremendo de arrependimento e pena. — Ah, Calen, você acha que as Griddas jamais honrarão algum acordo?

Com dificuldade Calen o ignorou. Encarando Gultrathaca, ela disse:

— Eu fiz o que você pediu. Agora cumpra a *sua* promessa. Solte as minhas Altas Bruxas.

Gultrathaca levantou um dos braços e bateu na cara de Calen. Duas de suas mandíbulas se estilhaçaram. Do chão, Calen gritou.

— Mas... você prometeu! Nós fizemos um elo entre serpente e aranhas! O acordo não pode ser rompido.

— Você acha que as gracinhas de seus elos e promessas significam alguma coisa para mim? — falou Gultrathaca.

Ela olhou para Calen com desprezo.

— Você traiu todas as suas Bruxas. Calen esforçou-se para levantar-se.

— Mas nós deixamos que você nos mutilasse! Nós permitimos isso. Para convencer o Mago, deixamos vocês...

A cara dela endureceu.

— Você não vai encontrar todas nós — berrou. — Somos em maior número do que imagina!

— Sua tola! — disse Gultrathaca. — Nós sabemos onde todas as Altas Bruxas estão. A sua espécie faz tanto barulho que qualquer bebê Gridda é capaz de ouvi-las aproximando-se!

Ao ser levada embora, Calen olhou para Serpantha. Uma mudança fundamental havia ocorrido: o rosto dele estava vago, os olhos vidrados. Todo calor começava a ser drenado de sua pele.

— O que está acontecendo? — perguntou uma Gridda, espetando a bochecha de Serpantha.

— Não é feito nosso — disse Gultrathaca. — O Mago está se retirando para o interior de algum domínio particular. Ele pensa que não o podemos alcançar lá, mas está errado. Eventualmente, nos dirá tudo o que precisamos saber a respeito de Yemi. Talvez até nos conduza ao próprio Larpskendya.

Serpantha ficou deitado em silêncio nos braços das Griddas. Não se mexeu mais. Uma expressão serena tomou seu rosto, os olhos fechados, em paz. Forçando seus lábios a abrirem-se, Gultrathaca olhou lá dentro. As cores, antes tão vivas, começavam a desbotar. O bando de Griddas carregou o corpo de Serpantha da caverna para os planos do interrogatório.

— Depressa! — guinchou Gultrathaca.

## 8

# URSINHOS FLUTUANTES E OUTRAS BELEZURAS



Determinado, Eric andava por um caminho cheio de curvas.

Estava num bosque isolado, a centenas de quilômetros de casa. Os prapsis o acompanhavam, fazendo vôos curtos, para manter o passo. Até então tinham conseguido não aborrecer demais os animais da floresta e, normalmente, Eric os teria recompensado com alguma brincadeira. Mas não hoje. Ele tinha uma razão especial para pedir a Rachel que o levasse ali.

Eric procurava uma explicação de Albertus Robertson.

Como Larpskendya deixara a Terra com o fim de investigar por que Serpantha não voltara de Ool, o comportamento de todos os espectros havia mudado. Até aquele momento, contentavam-se com ficar inteiramente imóveis durante dias. De repente, espectros em todo o mundo se puseram em movimento. E não estavam sozinhos. Os aventureiros os acompanhavam. Já não ficavam para trás, fora das vistas. Abertamente, uniam-se aos espectros — levando-os, a voar, aonde desejassem ir.

Eric abandonou o atalho, abrindo caminho em meio a faias esparsas.

— Já estamos praticamente lá, meninos? — perguntou um dos prapsis.

— Psiu — respondeu Eric. — Não queremos espantá-lo, certo?

Contornou uma moita na ponta dos pés.

E lá, no meio de uma clareira, encontrava-se Albertus Robertson.

Equilibrava-se sobre a perna dobrada. A outra perna, no ar, como se alguma coisa tivesse captado o interesse de Albertus no meio de um passo. Nenhuma criança no mundo que não fosse espectro seria capaz de manter posição tão pouco natural mais de poucos segundos. Durante algum tempo Eric ficou ali, só tentando desemaranhar os sentimentos. O que o atraía para os espectros? As coisas que outras crianças achavam horríveis neles o fascinavam...

Albertus não prestou atenção em Eric. Seus ombros estreitos e pescoço fino não pareciam suficientemente fortes para segurar a cabeça pesada — como se, pensou Eric, num dia de vento uma rajada inesperada a pudesse arrancar.

Ele queria conversar com Albertus, mas a presença dos aventureiros o impediu. Eram duas meninas, adolescentes. Isso, por si só, não era comum — Eric não sabia de nenhum outro espectro com mais de um aventureiro. As meninas encontravam-se a poucos centímetros de Albertus, braços esticados na direção dele, prontos para erguê-lo a qualquer momento. Uma delas demonstrou claramente que Eric não era bem-vindo. Zangada, lançou-lhe um olhar rápido.

— Oi — Eric disse, sentindo-se tímido.

Como não houve resposta, um dos prapsis guinchou:

— Acorde, quando Eric falar com você!

— Está tudo bem, meninos — disse Eric. — Deixem para lá. Uma das meninas aventureiras fez uma lenta rotação na direção dele.

— Por favor, não interfira — disse. — Vá embora. Deixe-nos sós.

— Eu não vou importuná-los. Só quero fazer umas perguntas.

— Nós não queremos respondê-las.

— Por quê?

— Se falarmos com você, então parte de nossa concentração vai se dissipar.

— Dissipar? — hesitou Eric. — Você quer dizer... de Albertus?

— É claro. Por favor, vá embora. Você o está distraíndo, e há perigo.

— Que perigo?

Eric aproximou-se um passo, forçando a menina mais próxima a prestar atenção nele. Ela imediatamente tomou postura defensiva. Eric sentiu seus encantamentos de ataque prepararem-se. Ao mesmo tempo, a outra aventureira segurou na cintura de Albertus Robertson, pronta para levantá-lo, em segurança.

— Eu não sou perigo para vocês! — disse Eric. — Vocês com certeza sabem disso.

— Vá embora! — exigiu a menina.

Os prapsis lhe voaram em torno da cabeça, gritando insultos que ela ignorou.

Frustrado, Eric olhou diretamente para Albertus Robertson. Uma folha que caía viera pousar numa de suas orelhas viradas para cima. Com rapidez extraordinária, a mais próxima das aventureiras tirou a folha dali.

— Olhe, fale comigo — disse Eric a Albertus. — Eu sou próximo de Rachel e outros que têm em mente a nossa segurança. De alguma maneira eu sinto que vocês fazem parte disso. Mas vocês têm de se explicar. O que estão todos a procurar? Por que estão todos em movimento?



Albertus Robertson vacilou. De início, Eric achou que respondia, mas logo ficou claro que a conduta do espectro nada tinha a ver com Eric. Sua cabeça virou-se na direção do céu. Com pânico nos olhos, Albertus silenciosamente abriu e fechou a boca, desesperado para dizer alguma coisa. Olhando uma para a outra, suas aventureiras o pegaram. Voando sobre as árvores, distanciaram-se.

— O que é? — gritou Eric, chamando-os. — O que... De repente, boquiaberto, caiu para trás, compreendendo.

Os prapsis o fixavam. Tocaram com as pontas das asas o rosto dele, como sempre faziam quando se assustavam.

— Eric, qual o problema? Eric!

— Encontrem Rachel — ele disse com voz áspera. — Ah, meninos, encontrem-na depressa!

Nove bandos de Griddas desciam pelos céus de clima moderado da Terra.

Usando suas espiãs, Gultrathaca escolhera um momento em que Larpskendya estaria certamente ausente, havendo um breve hiato na rede de crianças patrulhando os céus. A tarefa poderia ter sido mais fácil, mas Serpantha nada entregara a Gultrathaca. Durante todo o interrogatório, ele permaneceu em silêncio. Gultrathaca mal podia acreditar em sua resistência. Como resistiu tanto tempo à bateria incessante de encantamentos que os bandos lhe sopraram? Sequer conseguira causar dor de verdade a Serpantha. Ele penetrara numa região tranqüila, onde as Griddas não podiam atingi-lo...

Gultrathaca respondeu ao silêncio de Serpantha com números. Em sua última visita à Terra, as Altas Bruxas deixaram úteis indicadores para melhorar as velocidades entre os dois mundos. Gultrathaca usou-os e centenas de Griddas — todas aquelas que tinham aprendido a se transportar por meio de magia — corriam através dos continentes da Terra.

Na ausência de melhor informação, farejavam, na busca a uma criança individual cuja assinatura mágica era mais notável que as outras. Jamais teriam sucesso. Antes de partir, Larpskendya criara um encantamento para camuflar o aroma mágico de Yemi. O próprio Yemi, entretanto, sem entender a importância disso, viu o encantamento como um desafio, e o rompeu.

O bando de Griddas que veio a seu encontro teve também outra sorte. Heiki, encarregada de sua proteção, não permitira que Yemi saísse nos últimos dias. Naquela manhã, entediado, fazendo malcriação, Yemi transportou-se a uma campina veranil. Heiki não foi capaz de convencê-lo a voltar para o subsolo e as Griddas o encontraram à luz do sol, brincando com seus amigos animais.

Heiki foi a primeira a ver as Griddas — visão que a deixou estupefacta. Fora preparada para garras e dentes protuberantes, não aquelas esquisitices. Confusa, gritou por Fola, que conversava com o irmão.

— Que é? — perguntou Fola.

— Diga a senha de segurança a Yemi.

— Qual é o problema?

— Simplesmente diga!

Fola virou-se para olhar. Se as Griddas tivessem vindo na sua verdadeira forma, logo veria e diria no ouvido de Yemi as palavras que praticara com ele repetidas vezes... palavras que Yemi aprendera que significavam perigo, que tinha de escapar.

Isso, porém, Gultrathaca previra.

Seu primeiro instinto fora usar a tática do terror: amedrontar Yemi ameaçando-o e às pessoas que ele amava. Tendo, no entanto, ouvido falar da facilidade com que Yemi livrou-se das Bruxas no passado, sentiu que suas Griddas não seriam capazes de *forçar* aquela criança humana em particular a ir com elas.

Então, para seduzi-lo, as Griddas vieram com outros disfarces.

Informadas pelas Altas Bruxas, sabiam do que crianças pequenas gostavam, e vieram assim. Vieram como brinquedos. Disfarçadas de animais: cãezinhos de pelúcia, enormes gatinhos, ursinhos flutuantes e outras atrações. Vieram de golfinhos, com caudas a abanar alegremente. E como coisas inventadas — coisas quentes, que sorriam para Yemi, que lhe abriam os braços, macias e felpudas, agradáveis de se olhar. Vieram em formas de cor viva, ruidosas, risonhas, a cair das nuvens.

Fola reagiu devagar demais ao aviso de Heiki. Antes de poder abrir a boca, um encantamento de Gridda lhe selou os lábios. Ainda tentou fazer Yemi entender, enquanto as Griddas fechavam o círculo, mas ele estava hipnotizado demais para notar.

Yemi sabia que as coisas que se aproximavam de patas abertas e caudas a abanar loucamente não eram reais. Aquilo, porém, só o excitou. Serpantha assumia muitas formas animais brincando com ele; e apesar de Yemi saber que aquelas novas criaturas não eram Magos disfarçados, eram certamente mágicas, poderosamente mágicas. Não o preocupava o fato de não serem reais. Ele próprio havia feito muitos objetos irreais que, afinal de contas, nunca o prejudicaram.

Heiki atracou-se com uma Gridda que passava. Logo o sorriso de gatinho fabricado que mascarava a verdadeira cara de Gridda desbotou. Mas era poderosa demais para Heiki lidar com ela sozinha. Esbofeteou-a com um soco peludo. Um soco calculado para desabilitar Heiki sem matar, de modo que Yemi não notasse.

Tonta, Heiki ficou largada no meio do capim e das florzinhas de um campo.

As Griddas deslizaram para o chão. Os novos companheiros de cores vivas e brilhantes reuniram-se aos animais de Yemi. Cada um recebeu um para brincar — havia braços receptivos de Griddas para todos.

Um impossível e saltitante filhotinho de cachorro ergueu Yemi do chão. E enquanto as outras Griddas, apressadamente, o cercavam, ele não reparou que seus verdadeiros amigos animais eram deixados para trás.

Numa tagarela maré de magia, cheia de alegria, foi levado para além dos céus da Terra.

Eric e Rachel chegaram tarde demais.

Encontraram Heiki no campo florido, o rosto ardendo de angústia. Animais a cercavam, procurando em vão por Yemi em meio ao capim. Eric conseguiu detectar um tênue aroma minguante de Yemi; depois, mesmo esse tênue aroma sumiu, à medida que as Griddas o foram apagando.

Rachel enviou um chamado desesperado a Larpskendya enquanto cuidava dos ferimentos de Heiki. Inconsolável, sem poder falar, Heiki ficou sentada contemplando as nuvens, como se elas próprias a houvessem traído.

Outras crianças chegaram, afinal, do céu, espantadas com a rapidez do seqüestro.

Durante algum tempo os especiais amigos animais de Yemi arrastaram-se, caminharam ou voaram à volta dos campos, procurando. Alguns cavaram o chão, pensando que Yemi poderia estar lá embaixo. Então, no mesmo momento, todos pararam. Ficaram sentados, quietos, olhando para cima, na expectativa.

— Ei, o que está acontecendo? — perguntou Eric. — O que eles estão fazendo?

Os encantamentos de informação de Rachel esquadriharam a área em torno.

— Não posso dizer. Não consigo detectar nada.

— São as borboletas de Yemi — disse Heiki. — Normalmente, esta é a hora em que sobrevoam isto aqui.

Os céus estavam vazios.

Rachel e Eric esquadrinharam o resto do mundo. Em toda parte haviam desaparecido os panapanás de Belas de Camberwell... E em todo o mundo, os animais começavam a definhar, sem elas.

— Pelo menos — disse Eric secamente —, Yemi tem a irmã. Também levaram Fola. Por que será? Ela não tem muita mágica.

Rachel trocou um olhar com Heiki.

— Para ajudar a controlá-lo — Heiki disse. Rachel concordou.

— Até as Griddas aprenderem a fazer isso sozinhas.

9

## OS ESPECTROS



A notícia da abdução de Yemi transformou o mundo.

Praticamente da noite para o dia as brincadeiras das crianças mais velhas cessaram quando Heiki, tomada de uma energia quase insana, voltou todos os talentos delas para objetivos mais sérios. Daí em diante, noite e dia, através da Terra, as crianças afiaram seus encantamentos defensivos. Labutavam até ficar tão cansadas que quase caíam dos céus.

Os animais, em toda parte, ficaram abatidos com a perda de Yemi. Muitos recusaram-se a aceitar a ausência das borboletas. Procuraram por toda parte: em terra, nos mares profundos. Pássaros de muitas espécies juntaram-se aos bandos, tão densos que seus corpos enegreciam os céus. Aqueles animais que tiveram o privilégio do contato pessoal com Yemi perderam todo interesse nos ritmos normais da vida. Ignoravam a comida, deixavam de se cuidar.

A reação mais dramática, no entanto, veio dos espectros.

Pouco depois de Yemi ser levado, viajaram de todos os países para o equador. Uma vez ali, espalharam-se a intervalos iguais, formando uma linha, a abranger o mundo. Os aventureiros foram junto. Não mais meros

transportadores, passaram a tratar de todas as necessidades dos espectros. Vestiam e alimentavam-nos. Davam-lhes banho. Quando tinham a garganta seca, matavam-lhes a sede.

Os próprios espectros não ofereciam qualquer explicação para nada disso. Simplesmente observavam, continuando a precisa varredura geométrica dos céus. Então, uma noite, deu-se outro desenvolvimento: os espectros todos passaram a irradiar impulsos de energia. Alguns impulsos eram mandados ao espaço a intervalos regulares; outros passavam em meio a eles. Comunicavam-se — uma conversa ruidosa, cruzada, de alta velocidade, que perturbava o funcionamento de quase todos os elementos dos equipamentos eletromagnéticos do globo.

Rachel e Eric acompanhavam toda essa evolução, mas estavam mais preocupados com o bem-estar de Larpskendya e Serpantha. Semanas passaram-se sem quaisquer notícias. Sendo a capacidade de Eric de localizar magia a longa distância maior que a de qualquer outra pessoa, todos os dias, durante horas a fio, Rachel o levava à atmosfera, na esperança de encontrar o aroma mágico dos Magos.

Através da Terra, Heiki instalou novas defesas, muito mais rígidas que quaisquer outras anteriores. Pelo menos isso as Griddas ensinaram a todos. Todo mundo esperava. Então, uma tarde, quando, sentada em casa, Rachel conversava tranqüilamente com os pais, o rosto de Eric surgiu do nada e tomou vida.

— É Larpskendya! — gritou.

Em seguida Rachel viu o rosto do irmão murchar.

— Qual é o problema, Eric?

— Tem algo errado com o vôo dele.

Logo que o Mago entrou no alcance dos encantamentos de informação da própria Rachel, ela viu.

— Está ferido.

— Muito? — perguntou seu pai.

— Terrivelmente.

— Larpskendya sequer consegue se transportar por mágica — disse Eric. — Mal pode voar.

Os quatro levantaram-se, correndo às janelas. Normalmente, era impossível visualizar a chegada de Larpskendya. Naquela ocasião, porém, houve muito tempo para vê-lo. Foi tanta a dificuldade dele de voar na direção da casa que Rachel, correndo ao jardim, teve que apanhá-lo quando pousou. Os joelhos de Larpskendya dobraram-se. Ele levantou e tropeçou. Tentou sorrir para lhes dar segurança. Rachel apoiou no ombro o braço do Mago e, com ajuda de Eric e do pai, arrastou porta adentro a figura grande.

— Não solte — Larpskendya disse a Rachel com a voz rouca.

— Pode deixar.

Recebendo todo o peso de Larpskendya, ela estendeu o braço para equilibrá-lo. Sabia que Larpskendya precisava daquilo: naquele instante, um único braço humano o segurava. Diante disso, o mundo de Rachel virou de cabeça para baixo. Foi preciso muito autocontrole para não gritar, gritar, gritar...

— Psiu, chega — murmurou Larpskendya. — Não há necessidade disso.

— Mas você está me assustando.

— Não se assuste. Você não. Eu não seria capaz de suportar isso.

Os encantamentos de informação de Rachel encontraram ferimentos em toda parte. Não havia parte alguma de Larpskendya que não estivesse danificada. Ele já deveria estar morto dos ataques das Griddas; só a magia do Mago, seus encantamentos extraordinários, mantinham inteiro seu corpo.



Larpskendya tentou soltar-se do abraço, mas Rachel não deixou. Juntos, caíram no chão. Ficaram ali, deitados, sem nada dizer, enquanto Larpskendya se recuperava. Afinal, ele disse a todos:

— Yemi foi levado para Ool. Rachel sentiu um aperto no peito.

— O que... o que vão fazer com ele? Larpskendya sacudiu a cabeça.

— Por enquanto, provavelmente, está a salvo. As Griddas viajaram grandes distâncias para pegá-lo. Duvido que o machuquem, pelo menos imediatamente. Estou mais preocupado com Serpantha.

Eric ousou perguntar:

— Ele está vivo?

— Está, mas se as Griddas o pegarem, seria melhor que não estivesse.

Larpskendya estremeceu — não por causa dos próprios ferimentos...

— Eu é que deveria ter ido a Ool — disse. — Serpantha não deixou. Estava sempre... me protegendo... Ele...

Repentinamente o corpo de Larpskendya entrou em convulsão.

— Oh, meu irmão — desabafou. — O que fizeram com você? O que estão fazendo com você agora?

Rachel estendeu a mão para tocá-lo; com o toque, Larpskendya chorou.

Chorou incontrolavelmente. Aquilo tanto afetou Rachel e Eric, que ambos caíram também no choro, sem entender bem por quê. Porque Larpskendya chorava — isso era razão suficiente. Amontoaram-se sobre Larpskendya, no meio do tapete. Os prapsis acompanharam, esfregando os narizes no rosto do Mago.

O corpo de Larpskendya afogou-se em lágrimas. Por fim, levantou-se.

— Bem — disse solenemente —, agora que a situação chegou a este ponto, penso que está na hora de explicar tudo. Eu não menti, mas não contei tudo a vocês.

E olhou para Rachel.

— Larpskendya, o que é? — perguntou ela, ainda agarrada à túnica.

— As criaturas que vocês conhecem como Altas Bruxas — Larpskendya disse — não são tão diferentes dos Magos como vocês acreditam. Na verdade, no passado, quase não havia diferença entre nós.

Rachel soltou a túnica, confusa. Depois, ao notar os olhos dele, recuou. Larpskendya não mais camuflava a verdade: tatuagens, as mesmas tatuagens que a fixaram sem qualquer misericórdia dos buracos dos olhos de Dragwena, Heebra e Calen. Diante da reação de Rachel, Larpskendya quis consolá-la. Ela gritou.

— Eu sei — disse ele. — É demais.

Ele queria aproximar-se, mas Rachel não conseguia aceitá-lo.

— Houve um momento em que pertencemos à mesma espécie — explicou. — As fêmeas que você conheceu como Altas Bruxas eram como nós, ou tão similares quanto homens e mulheres são uns para os outros, ou crianças. Lamento ter ocultado esta realidade de vocês, Rachel. Tente me perdoar. Não era o que eu queria.

Atônita, Rachel não respondeu. Sentia-se traída. Enquanto se afastava, agarrada à mãe, Eric reuniu os prapsis. Ele não se afastou do Mago, como Rachel. Larpskendya olhou para ele.

— Você sabia, Eric?

— Não exatamente, mas sentia alguma coisa. Você ocasionalmente usou encantamentos de padrão semelhante aos das Bruxas. Eu ficava imaginando por quê. Agora sei.

— Conte-nos o resto — pediu o pai.

— Nossa espécie — disse Larpskendya — foi possivelmente a primeira onde se desenvolveu a magia. Nós descobrimos que éramos capazes de voar, como vocês fizeram. Nós exploramos o nosso mundo. Nós exploramos a nós mesmos de maneira que vocês apenas começam a considerar. E nos aventuramos em outros mundos.

Larpskendya fez uma pausa. Olhou outra vez para Rachel, que não estava preparada para encarar os olhos dele.

— Durante muitas eras — Larpskendya continuou —, Bruxas e Magos trabalharam juntos. Mas, à medida que a nossa mágica se desenvolvia, começaram a aparecer disputas a respeito de como utilizá-la. Uma seita de fêmeas poderosas decidiu que não queria mais se restringir à jurisdição de nossas leis mágicas. Elas partiram, e durante muitas gerações nada se ouviu a respeito. Afinal, começaram a deixar sua marca nas civilizações de outros mundos, e esta era sempre destrutiva. Elas não queriam reconsiderar, nem parar com aquilo. A guerra sem fim teve início nessa época.

O pai de Rachel pigarreou.

— Por que... Por que as Altas Bruxas têm aparência tão diferente da de vocês agora?

— Em parte porque não quiseram mais se parecer conosco — respondeu Larpskendya. — E, outro motivo: para combinar melhor com a nova agressividade.

— Você estava lá no início? — perguntou Eric. — Quando a guerra começou?

— Não. Eu sou velho, mas só estou vivo há uma fração da guerra. Foi tudo o que eu conheci, Eric: guerra, ou preparativos para ela, ou medo dela; e medo por aqueles que eram envolvidos nela, assim como vocês.

Rachel balbuciou, de repente capaz de falar:

— Por que... Por que você não nos contou, não *me* contou, sobre isto antes? Eu teria aceitado! Por que não confiou em mim?

— Eu quis — disse Larpskendya. — Eu quis realmente. Mas o destino de muitos outros mundos, talvez de todos os mundos, dependia deste. Eu fiquei com medo, Rachel, de um segundo fracasso.

— Segundo?

— Nós, os Magos, viemos à Terra há eras passadas, mas cometemos um erro. A Bruxa Dragwena dominava o mundo de vocês há muito tempo, antes de chegarmos. Ela implantou um profundo medo de nós nas crianças. Eu não ousava mexer nessa antiga lembrança.

Ele suspirou.

— Tente compreender. Eu não podia arriscar lhe contar a verdade porque sabia que haveria momentos em que eu precisaria da sua confiança absoluta.

— Você a teve! — disse Rachel. — É claro que a teve!

— Tive?

Ele moveu-se na direção dela; Rachel encolheu-se, recuando.

— Você mal consegue aceitar a verdade agora, Rachel, por mais que me conheça. Se soubesse que os Magos eram assim tão próximos das Bruxas, teria acreditado em mim naquele momento, no pólo Norte? Quando eu disse que Heebra podia tirar a sua vida e a de Eric, você continuaria acreditando em mim? Quando precisei que você olhasse nos meus olhos,

então, estes olhos tatuados, e confiasse em mim completamente, com todo o seu coração, você o teria feito?

Rachel analisou-se.

— Não, sim, eu... Não sei! Poderia não ter confiado. Mas — todo o corpo dela tremia de emoção — é demais, demais. Verdades e mentiras... como é que eu sei que agora você está dizendo a verdade? Ela o fitou.

— Você mandou Serpantha para Ool. Por quê? Mandou o Mago que tudo sabia sobre Yemi, sobre as defesas em torno dele. Se está em guerra há tanto tempo, como pôde cometer este erro estúpido?

— Isso eu não posso lhe contar. Talvez jamais possa fazê-lo.

— Mais segredos? — explodiu Rachel. — Quantos mais?

Larpskendya ficou em silêncio. Eric sentia sua imensa exaustão.

— Eu poderia *forçar* você a acreditar em qualquer coisa que eu quisesse — disse Larpskendya. — Tenho um encantamento para isso. Não vou usá-lo, mas estou tentando a fazê-lo porque mais coisas dependem de mim agora do que sou capaz de explicar.

Ele passou os dedos pelo rosto e pela túnica.

— É esta a minha aparência — disse. — Voltei à Terra deixando aqueles com quem muito me preocupo para discutir o que pode ser feito para resgatar Yemi. Se...

— Espere — disse Eric. — Alguma coisa se dirige para cá. Griddas.

— Estou consciente delas — disse Larpskendya calmamente. — Só umas poucas, perto da lua de vocês, provavelmente o que restou das que me apanharam em tocaia quando eu vinha para cá.

— Não, não são essas. Há diversos outros bandos bem mais longe... entre Saturno e Júpiter.

Larpskendya ergueu os olhos, assustado.

— Nem mesmo meus encantamentos são capazes de detectar tão longe. Você tem certeza, Eric?

— Tenho, absoluta.

— Então tenho de partir imediatamente. Rachel atirou-se na direção dele.

— Larpskendya, o que está dizendo? Você não pode fazer isso! Eu medi a sua força. Você ainda consegue se transportar, mas no seu estado debilitado, se se deparar com qualquer Gridda...

— Se eu ficar, colocarei todos vocês em perigo — disse Larpskendya.

Ele a tocou no braço.

— Não farei isso.

Pelas pontas de seus dedos Rachel sentiu uma coisa qualquer vindo dele. Eram os encantamentos de Larpskendya, meio insanos de cansaço, tentando manter o Mago inteiro. Precisavam de mais descanso; era cedo demais, não tinham se recuperado o bastante. Enquanto Rachel tentava confortá-los, imploravam que permanecesse com Larpskendya e ajudasse a fortalecê-lo.

Rachel esqueceu toda a incerteza e correu aos braços de Larpskendya.

— Você não pode ir — disse, tentando pensar. — Você *não* vai. Vou entrar em contato com Heiki e as crianças que ela está treinando. Nós vamos proteger você aqui. Todos nós vamos proteger você.

— Não — ele respondeu com firmeza. — Vocês ainda não estão prontos para confrontar as Griddas. Se eu morrer, pelo menos terei servido para dar a vocês mais tempo de prepararem-se.

Rachel implorou que reconsiderasse, mas nada demoveu Larpskendya. Então, quando prestes a partir, um som filtrou-se através das janelas.

Era uma nota que subia, um som de emergência e terror.

— O que... O que está acontecendo? — A mãe dos meninos tapou os ouvidos com as mãos.

Os encantamentos de informação de Rachel irradiaram-se casa afora. Em toda a volta, ela sentiu crianças à escuta.

— São os espectros — murmurou Eric. — Estão falando. Por todo o mundo os espectros erguiam-se rumo ao céu. Levados por seus aventureiros, dispersavam-se, tomando posições para que todas as crianças fossem capazes de ouvir sua mensagem. Não era uma mensagem composta de sílabas nem palavras, mas era ainda assim uma mensagem — um chamado claro e articulado. As vozes dos espectros aumentaram de volume, chegando a um tom insuportável. Cada um cantava até perder o fôlego; alguém, porém, sempre sustentava a nota, de tal modo que em momento algum a coisa tinha fim.

Criança alguma jamais escutara mensagem igual. A magia delas, no entanto, instantaneamente a compreendeu. Na sala de estar, só a mãe e o pai de Eric não entenderam. Olhavam, impotentes, para o filho.

— Nosso mundo corre perigo — Eric lhes disse. — É um aviso, o primeiro dos espectros: *há perigo. Fiquem alerta e defendam suas casas.* É só isso o que diz.

Ele e Rachel ouviram a nota alterar-se ligeiramente. Feito louca, Rachel encarou Larpskendya.

— É você — disse ela. — *Você* está em perigo! Larpskendya concordou.

— Você agora entende o que são os espectros? Rachel não tinha dúvida. E nem qualquer outra criança da Terra, depois daquela

comunicação.

— São uma espécie de protetores, não?

— De um tipo especial — respondeu Larpskendya. — Só uma vez antes vi desenvolver-se uma espécie como a deles. São *protetores da espécie*. Com o aparecimento de magia nas crianças eles evoluíram no sentido de servir a todos vocês. Verão que a própria segurança ou conforto lhes é irrelevante. Seu propósito é escutar, avisar, chamar às armas, aconselhar brilhantemente e, lutar, se for preciso. Fazer qualquer coisa a seu alcance para salvaguardar as crianças da Terra.

Larpskendya fez uma pausa.

— Pelo jeito o perigo que corro os trouxe à tona. Acreditam que o mundo de vocês corre perigo se eu for morto. Vamos ver. Aconteça o que acontecer, fico grato por ter testemunhado a chegada da era dos espectros. Isso me dá mais esperanças do que eu tinha em relação a vocês. Bem, não há mais tempo...

Recompondo-se, Larpskendya apressadamente despediu-se de todos.

Rachel não pôde suportar. Os acontecimentos estavam ocorrendo rapidamente demais.

Larpskendya segurou as mãos dela.

— Procure Yemi — disse. — Encontre-o.

— Como? — perguntou Rachel. — Sem você...

— Não sabe o quanto é forte? — Larpskendya quase gritou com ela. — Eu jamais vi uma criança enfrentar uma Bruxa com mais coragem do que você!

Deu-lhe um abraço apertado, que a sacudiu.



— Você precisa entender que eu talvez não consiga voltar — disse.  
— Enganei as Griddas em muitas ocasiões, mas desta vez... Escute: a magia de Yemi está além de qualquer coisa que os Magos já conheceram. Ele é muito novo... As Griddas podem influenciá-lo. Você *tem* que dar um jeito de chegar até ele. Dê um jeito.

Soltando Rachel, Larpskendya voltou-se para Eric.

— Eric, agora, mais coisas podem depender das suas decisões do que no passado. Tudo pode ser assim. Tudo. Confie no seu instinto. Você tem poderes acima de sua própria compreensão.

Beijando-os todos, lutando contra uma vasta canseira, Larpskendya deu uma última olhada em volta. Os prapsis viraram-se para ele, no alto. Rachel tentou encontrar palavras para expressar o que sentia, mas sua mente se encontrava aos pedaços. Larpskendya sorriu para ela.

— Quem vai consolar meus encantamentos agora? — sussurrou ele.

Fechando os olhos, o Mago invocou sua magia exausta para um último grande esforço e transportou-se dali.

## A GRATIDÃO DAS ARANHAS



Logo em seguida à chegada de Yemi a Ool, Gultrathaca ordenou que Jarius fosse vê-la.

Jarius não queria ir. Já se desgraçara de novo por recusar-se a pular da janela-olho de Heebra. Gultrathaca fora obrigada a empurrá-la. Que humilhação! Mesmo as assustadas recém-nascidas se divertiram com aquilo!

Desta vez Gultrathaca a convidara para um lugar ainda pior: a Câmara de Avaliação. Era um local assustador. A qualidade dos encantamentos de todas as Griddas era de vez em quando implacavelmente testada dentro dessa Câmara. Jarius sobrevivera por um fio a seu último julgamento ali.

— Como poderia um bebê humano sobreviver? — perguntou-se.

Dirigindo-se para lá, Jarius notou um número incomum de criaturas dos túneis indo para o mesmo lado: corriam roedores, insetos e até animais que viviam entocados, geralmente tímidos demais para se aproximarem de um túnel de Gridda. Todas as criaturas pareciam despreocupadas em relação a ela — como se, embaixo, houvesse alguma coisa que não podiam perder.

Eram apanhadas pelas armadilhas, é claro. Estas estalavam, abocanhando as criaturas em corrida desabalada, e passando-as aos processadores de comida. Pequenas bocas as aguardavam: infantas. Através das paredes de seu túnel, Jarius ouvia os gemidos, de antecipação.

Vastos números de novas Griddas estavam sendo criados agora. Se escutasse com atenção, Jarius ouviria o som distante de uma recém-nascida mordendo a casca do ovo para sair e, depois, seu primeiro grito de fome. Como todas as Griddas, ela chegara faminta, desesperada para inflar os músculos até um tamanho que impressionasse seu bando.

Jarius terminou a jornada. À entrada da Câmara de Avaliação, silenciou todas as suas aranhas. Os soldados encontravam-se particularmente tensos. Empoleirados nos cantos de sua boca, preparavam-se. Arranhando os umbrais da porta, os observadores tentavam espiar o interior, sem abrir.

— Bem-vinda — disse, de dentro, a voz de Gultrathaca. Jarius abriu cautelosamente uma fresta.

Em vez da obscuridade habitual, a Câmara estava inundada de luz do sol — uma intensidade de luz que Jarius jamais experimentara.

— Não! — gemeu, recuando.

Gultrathaca puxou-a para dentro da Câmara pelo braço.

— Agüente! Agüente! — enraiveceu-se.

Jarius tentou construir um encantamento de escurecimento. Nunca, porém, necessitara de um antes, e estava assustada demais para pensar. Se seus olhos-escudos não se tivessem fechado automaticamente, ela teria ficado cega. Mas suas leais aranhas observadoras não dispunham de escudos para cobrir os olhos. A luz os queimava. Apesar disso, acreditando em que Jarius estava sob ataque, continuaram a esquadrihar a Câmara, gritando o que viam.

A luz forte diminuiu, tornou-se sombra.

Jarius reabriu parcialmente os olhos-escudos.

— O que... o que aconteceu?

— Yemi reagiu ao seu medo — Gultrathaca disse a ela — e ao de suas aranhas.

Ansiosamente, Jarius levantou o olhar para a criança. Em seu bando lhe haviam contado da pequenez das crianças humanas. Mesmo assim, não estava preparada para o tamanho de Yemi. Parecia tão frágil, tão vulnerável, não maior que uma Gridda recém-nascida — algo que ela podia quebrar sem querer.

Yemi lhe estendeu os braços, o rosto tomado de uma preocupação complexa.

Jarius recuou.

— O que ele está fazendo?

— Pedindo desculpas. Por ter lhe ferido.

— Pedindo desculpas? — Piscou Jarius, atônita. — O menino não se dá conta do que é este lugar? O mal que podemos fazer a ele aqui?

— Não. Deixe-o aproximar-se de você.

Yemi cambaleou até o lado de Jarius. Seu short e camiseta roçaram na pele dela. Não está nu — Jarius se deu conta. Aquilo era roupa — como os vestidos das Altas. Ele sorriu para ela, mostrando os dentes. Curiosa, Jarius passou uma garra pelas pontas, buscando gume. Yemi riu da expressão intrigada na cara dela. Então, dirigindo-se a seu torso, balbuciou, amigavelmente. À moda dos escaladores de montanhas, subiu por uma pata, plantou o pé na outra e olhou em volta, procurando calçar-se para conseguir içar-se às bochechas ossudas. Balançando ligeiramente, fez um bico com os lábios e beijou ambos os olhos dela.

Um delicioso bálsamo instalou-se por sobre eles.

— Oh!

Jarius olhou para ele. Não soube ler a expressão de Yemi — a arquitetura de seu rosto era diferente demais. Sem engano, porém, havia ali boas intenções. Seu cumprimento mágico mostrava que ele esperava tornar-se amigo dela. Era chocante: uma oferta genuína.

Como Jarius não reagiu, Yemi lhe deu tapinhas reconfortantes no braço, acostumado, talvez, a essa confusão nas Griddas que conhecera. Desceu, vacilante, de volta pelo corpo dela, zanzando até os fundos da Câmara. Lá, Jarius reparou em outro de sua espécie, com a mão estendida.

— Fola — Yemi anunciou orgulhosamente.

Jarius viu um ser humano mais velho, maior: presumivelmente a fêmea. Tinha mais cabelo e vestes vermelhas compridas, cobrindo toda a carne a partir do pescoço.

Fola olhava abismada para Jarius.

— Outra! — grunhiu Fola. — Tem sempre outra vindo! Você quer sair machucada como as outras, quer? É isso? — E apontou para Gultrathaca. — Enquanto ela assiste!

Jarius não entendia as palavras de Fola, mas sentia a raiva. Isso a ajudou a relaxar. Aquele era um tipo de comportamento que Jarius conseguia entender melhor.

— A menina humana, pelo menos, é prudente — disse com satisfação à Gultrathaca. — Vejo que nos teme. De que tem medo o menino?

Gultrathaca sorriu.

— Do escuro.

Esse conceito era por demais perverso para Jarius compreender.

— Os seres humanos adoram luz — explicou Gultrathaca. — Precisam dela.

— Então... Então, por que ele a removeu quando eu entrei?

— Yemi quer você feliz, Jarius — disse Gultrathaca, sem divertimento. — Quer que você seja amiga dele. Quer brincar com você.

— Mas... É nosso prisioneiro! Ele não entende isso? Gultrathaca riu horivelmente.

— Não, ele não entende. Ele não entende nada. Aproximando-se de Jarius, examinou os olhos dela.

— O pequeno prejuízo que pudesse ter causado, Yemi reparou com seu beijo. Você tem mais sorte que as primeiras Griddas. Quando entraram na Câmara, Yemi pensou que havia alguma coisa errada com os olhos delas. Criou um encantamento, redesenhando-os. As Griddas precisaram soltar muito guincho para ele se dar conta do erro.

— Mas ele tem uma aparência tão assim... inofensiva.

— Tem, não é? — concordou Gultrathaca. — Talvez por essa razão Heebra o tenha subestimado. Eu não cometerei o mesmo engano.

Jarius estudou Fola, fascinada pela maneira como ela segurava Yemi, a maneira como corria seus dedos sem garras pelos cabelos dele. Yemi ria, meio que lutando para afastar Fola.

— Eu não entendo os gestos deles — disse Jarius —, mas essa fêmea visivelmente possui pouca mágica. Yemi a mantém como comida viva?

— Não. Eles compartilham uma espécie de relacionamento de bando. Ele a protege.

— Mas ela é tão fraca!

— No entanto, ele se importa com ela. E ela com ele. Esse é o significado desses movimentos, de um agarrar o outro.

Fitando Fola, Jarius sentiu desgosto. Abismava-a ver atenção desperdiçada com uma criatura débil de qualquer espécie. As Griddas debilitadas eram estranguladas ao nascer. Simplesmente era assim, e ela nunca questionou isso. De que outra maneira se poderia manter o bando forte?

— Não subestime a menina — Gultrathaca disse a ela. — Comecei achando que seria fácil manipulá-la, mas ela não cooperou em momento algum e muito me dificultou obter a confiança de Yemi.

— Se Fola nos atrasa, por que não matá-la e trabalhar diretamente com o menino?

— Tentamos isso. A reação de Yemi foi intrigante. Quando atacamos Fola pela primeira vez, zangou-se.

— Retaliou?

— Sim. O que foi mais intrigante ainda. Não só puniu a Gridda que atacou Fola. Puniu também o bando dela. Nas três cidades por onde estavam dispersas, a milhares de quilômetros de distância, seu encantamento, não se sabe como, atingiu a todas. Elas sentiram apenas uma fração da agonia que se pretendia dar a Fola, mas acredito que foi um aviso de que não tolerará qualquer dano à irmã.

— Então... Que avanço se fez?

— Nenhum — murmurou Gultrathaca, a frustração aparecendo na voz. — A esta altura, eu imaginava já ter obtido a confiança de Yemi ou, pelo menos, ter conseguido fazê-lo realizar encantamentos que pudessem nos ser úteis. Mas ele não reage de nenhum dos modos previsíveis. Quando o ameaço, trata a coisa como divertimento. Ele faz o que quer.

— O que *quer*? Alguma coisa deve afetá-lo!

— Se é assim, ainda tenho que descobri-la.

Yemi olhava os pés de Jarius. Rindo, dobrou o dedo, chamou.

No momento seguinte as aranhas de Jarius começaram a desertá-la.

Ela guinchou de terror porque aquilo só acontecia com a morte das Griddas. Até a morte chegar às aranhas de uma Gridda, que gostaram dela através de todos os dramas, ficavam com ela. Somente quando as aranhas curadoras confirmavam que seu último suspiro expirara, é que se iam. Se sua dona fosse morta por outra Gridda, as aranhas ofereciam-se à recém-chegada, esperando que esta pudesse receber algumas. Mas se a dona morresse acidentalmente, ou fosse morta por um predador de túnel, as aranhas eram consideradas igualmente responsáveis por aquela falha. Essas aranhas jamais eram recebidas por outras Griddas. Abandonadas nos túneis, tinham de se virar e não conseguiam sobreviver muito tempo. Havia uma quantidade de criaturas especificamente adaptadas para caçá-las.

Enquanto suas aranhas corriam em direção a Yemi, Jarius ficou sem fala. Explorou os membros, em busca de ferimentos de que não tivesse consciência, questionando freneticamente suas curadoras. Estava morrendo?

— Não! — suplicou, olhando Gultrathaca, feito louca. — Olhe para mim! Sou saudável! Jovem!

As aranhas continuavam indo embora. Só os soldados mais velhos, aqueles cuja lealdade era absoluta e que podiam ficar guardando o corpo mesmo depois de sua morte, permaneceram. O resto, arrastando-se de suas bocas e buracos na cara, saiu correndo pelo chão para estar com Yemi.

Ele riu, dando-lhes boas-vindas.

— Você não está morrendo — Gultrathaca disse a Jarius. — As minhas aranhas também fogem para ficar com ele.

— Mas... por quê?



— Não tenho certeza — disse Gultrathaca. — São atraídas pela magia do menino, mas é mais que isso.

Olhou Jarius de relance.

— Duvido de que você tenha notado, mas diversas de suas observadoras ficaram cegas quando você entrou na Câmara. Yemi as está curando.

— Curando? Quer dizer que ele de fato se preocupa com elas?

A idéia de tratar de suas aranhas jamais ocorrera a Jarius. As aranhas nasciam constantemente no interior de seu corpo para substituir aquelas que ficavam velhas ou doentes.

Yemi cuidou diligentemente de todas as observadoras machucadas, refrescando e reconstruindo seus olhos. As outras aranhas agruparam-se sobre seus joelhos. Depois que as observadoras foram curadas, Yemi devolveu todas as aranhas a Jarius. Elas não queriam deixá-lo, mas ele insistiu, varrendo-as pelo chão com a palma da mão.

— Gostam dele — disse Gultrathaca. — E não são as únicas.

Mostrou dúzias de outras criaturas emergindo assim que as aranhas saíram. Das sombras vinham, contorcendo-se, aos enxames e zumbidos para os pés de Yemi. Jarius reconheceu animais e insetos de todas as partes de Ool. Até uns musgos sem cérebro que viviam no silêncio profundo, abaixo das cavernas das Griddas. Como podiam estar aqui? Ela observou o musgo, que encontrou um lugar agasalhado ao longo das costuras dos bolsos do short de Yemi.

E, então, a seu modo, silencioso, chegou um casal de huraks.

Involuntariamente Jarius encolheu-se, afastando-se. Preparou-se para a defesa.

De todos os animais nativos que viviam nos túneis sob o mundo de Ool, somente aquele era verdadeiramente temido pelas Griddas. O hurak

era um animal imenso, do mesmo tamanho da própria Jarius, de formato felino, mas com uma pesada mandíbula, capaz de destruir até o osso do crânio das Griddas. No entanto, o que tornava o hurak um animal realmente perigoso era o fato de seu hálito conter um anestésico que adormecia as aranhas observadoras. Conseguia aproximar-se de uma Gridda sem ser detectado.

Os dois huraks acomodaram-se diante de Yemi e Fola. Permitiram que Yemi acariciasse seu pêlo azul-escuro.

Com um traço de reverência no tom, Gultrathaca disse:

— Yemi de algum modo os atrai, os mantém dóceis. Se qualquer Gridda aproximar-se dele depressa demais, eles também o guardam. Esses dois chegaram hoje de manhã.

— De onde?

— Eu não sei.

Jarius olhou para Yemi. Ele sorriu para ela.

— Ele alguma vez tenta sair da Câmara? — perguntou ela.

— O tempo todo. É óbvio que quer ir embora, e está ficando mais difícil impedir. A toda hora rompe os encantamentos que o prendem. Mais de uma dúzia de Griddas envolvem a Câmara o tempo todo, inventando novos, só para mantê-lo aprisionado.

— Tem de haver alguma maneira de o ameaçar, Gultrathaca!

— Não. Ele é feliz.

— Feliz? Feliz *aqui*, na Câmara? Que testes você tentou?

— Todo o tipo. Ele gosta, como se fossem jogos. Ainda está para se inventar um teste no qual não consiga passar com facilidade. Na verdade,

está entediado. Não consigo inventar novos testes para ele com a rapidez necessária.

— Acho muito difícil acreditar nisso.

— Você acha?

Gultrathaca deu um passo, afastando-se de Jarius, e disse, mansamente:

— A Câmara é sua para usar contra o menino como quiser. Talvez você venha a ter mais sucesso que as que tentaram anteriormente.

Fola viu o que estava prestes a acontecer. Já vira muitas vezes, com as outras Griddas que Gultrathaca convidara.

— *Iro!* Não! — ela avisou Jarius. — Não ataca Yemi, você não deve atacá-lo!

Mas, é claro, foi inútil. Todas as Griddas que chegavam ali temiam demais Gultrathaca para desobedecer-lhe.

— Yemi vai feri-la! — ela gritou para Jarius. — Ele não tem intenção, mas ele vai ferir! Não o provoque!

Jarius escutou o barulho das declarações da menina — e olhou para Gultrathaca, com prudência. Esta havia se locomovido para longe, do outro lado da Câmara. Não foi a primeira vez que Jarius se perguntou por que teria sido chamada ali. Havia membros de seu bando de condição superior que ainda não tinham visto Yemi. Por que Gultrathaca a chamara?

Porque ela era dispensável?

Sim, Jarius pensou, sem conseguir imaginar outro motivo. Aquela era obviamente uma última oportunidade de provar sua utilidade para o bando. Não haveria oportunidade de recusar desta vez. Deslizando, trêmula, através da Câmara, ela localizou a área onde ficavam escondidos os principais encantamentos de ataque. Os encantamentos podiam ser

engatilhados um por um ou aos grupos. A principal vantagem da Câmara estava em que muitos mais podiam ser deslanchados ao mesmo tempo do que uma única Gridda era capaz de invocar sozinha. Quando Yemi viu para que lado Jarius se movimentava, começou a pular para cima e para baixo.

— *Serei Serei Serei* — gritava, excitado.

— Acredito que seja a palavra dele para jogo — disse Gultrathaca.

Yemi bateu palmas várias vezes. Não podia esperar para começar.

Jarius remexeu-se e foi, tentando ocultar seu nervosismo. Como poderia intimidar o menino, se Gultrathaca falhara? Havia uma chance, talvez — algum encantamento que fosse especial, feito por ela própria... Um encantamento de pânico. Tinha o objetivo de desabilitar o oponente, desequilibrar sua mente, antes do ataque de verdade. Em alguém tão jovem quanto Yemi poderia dar resultado... Compondo-se, ela o encarou. Yemi recuou dramaticamente. Tampou os olhos com as mãos.

Ele *está* amedrontado, pensou Jarius, triunfante.

Depois, viu-o a espiar por entre os dedos.

Fingindo estar com medo, deu-se conta, para tornar a brincadeira mais divertida.

Olhou mais uma vez para Gultrathaca — sabia que a mataria se houvesse qualquer hesitação.

Abrindo as mandíbulas, Jarius lançou o pânico.

Na fração de segundo que levou até que o encantamento o alcançasse, Yemi reagiu. Apanhou o encantamento no ar. Examinou-o. Gultrathaca inclinou-se à frente, avidamente, com o fim de observar. Eventualmente, Yemi soprou o encantamento, oferecendo-o de volta a Jarius.

— Melhor! — disse a ela.

Jarius esticou uma pata.

— Não! — berrou Fola. — Não pegue!

Tarde demais. Assim que o velho encantamento de Jarius entrou em contato com sua pele, tomou seu coração. Não era o mesmo encantamento de pânico que ela tão bem conhecia. Yemi o aperfeiçoara. Um terror incomensurável cortou seu cérebro. Ela caiu no chão. Enrolou-se, metendo as patas na boca para abafar os gritos.

Ao ver isso, Yemi correu para o seu lado. Compreendeu o erro. Removeu o encantamento e logo ordenou a todas as aranhas de Jarius que a consolassem.

Gultrathaca soltou um suspiro. Pisou em Jarius, ignorando sua agonia.

Outro fracasso, pensou. Outra Gridda perdida. E, desta vez, membro de seu próprio bando. Bem, há estrelas bem mais brilhantes que Jarius... Ela fitou Fola, que retribuiu o olhar com fúria incontida.

— Por que fez isso? Por quê? — gritou Fola. Gultrathaca ignorou-a. Andou para uma outra parte da Câmara, onde as inconvenientes contorções de Jarius não a distrairiam.

O que mais poderia fazer para abalar o menino? Não tentara de tudo para influenciá-lo? Todos os encantamentos, ameaças, toda a sedução ou tentativa de convencimento levaram a nada! Essas crianças humanas, de um modo geral, pensou Gultrathaca, como é que são de verdade?

Um pouco poucas Altas Bruxas conheciam bem a língua e os costumes delas, aquelas que haviam retornado da

Terra, parte do exército derrotado de Heebra. Quando questionadas, chamaram Yemi de aberração: uma criança marcante, exasperante, mas atípica. Fola era mais típica: menos mágica do que muitas crianças, mas capaz de sentir medo.

Insisti tempo demais com meus desafios ao menino, Gultrathaca se deu conta. Preciso de uma nova abordagem. Quanto mais tempo Yemi suportar a Câmara de Avaliação, mais as Griddas ficarão temerosas. Se um bebê humano é capaz disto, o que dizer das crianças mais velhas? A cada dia, me faz parecer mais fraca...

Enquanto Gultrathaca dirigia-se aos planos da prisão, para interrogar as Altas Bruxas restantes, Jarius ficou deitada, tremendo, no chão da Câmara. Como não reagiu a suas palavras doces, Yemi quis ajudá-la mais. Hesitava, porém. Tinha medo de aproximar os lábios das garras dela, embora só conhecesse aquela maneira de curar. Ajoelhando-se a seu lado, curvou-se por sobre a carranca. Com delicadeza, pousou os lábios contra as bocas de Jarius e transmitiu ao interior encantamentos de alívio.

O pânico de Jarius cessou imediatamente. Foi substituído por um novo sentimento, nunca experimentado. Uma paz indescritível se propagava, chegando a seu coração. Jarius esqueceu-se de onde estava. Não havia pânico. Havia apenas o hálito de Yemi.

Permitiu que ele ninasse nos braços sua cabeça volumosa.

1  
ESCOLAS SEM CRIANÇAS



Sentada no jardim, Rachel contemplava os céus vazios. Fazia três dias desde a última vez que viram Larpskendya.

— Não estou gostando — disse a Eric. — Não tem menino por aí. Essa zona de exclusão de Heiki não parece acertada.

— Eu acho ótima — disse Eric. — Paz e tranquilidade, para variar. Além do mais, Heiki está certa de proteger você.

E olhou para ela significativamente.

— Antes de Yemi, da última vez que uma Bruxa veio à Terra, foi para pegar você, Rach.

As equipes de supervisão de Heiki estavam posicionadas em volta da casa e nas ruas próximas. Eram eficientes, as melhores disponíveis. Só os fãs mais determinados ainda tentavam se meter em meio aos cordões de isolamento; mas jamais conseguiam se aproximar.

Rachel olhou para cima de viés, onde Albertus Robertson, como de costume, pairava, junto à chaminé. Ele apareceu no momento em que Larpskendya partiu. Desde então fixado em cima do telhado da casa,

raramente se movia. Para Rachel, sua presença era bem-vinda. Ela confiava nele sem realmente entender por quê. Todas as crianças agora compartilhavam um sentimento assim em relação aos espectros.

— Ele é brilhante, não? — disse Eric. — Eu seria capaz de ficar observando Albertus o dia inteiro.

— Pois é o que você geralmente *faz* — disse Rachel, sorrindo. — Eu fiquei fora toda a manhã e juro que Albertus não se mexeu. Nem piscou.

— Por que deveria? — perguntou Eric. — Ele vai se mexer se alguma coisa lhe interessar. Aquelas orelhas dele são incríveis, sabe? São também capazes de captar raios X, raios gama, emissões de rádio, todos os comprimentos de ondas!

— Hum. Mas por que ele não nos diz o que está *pensando*? É irritante a maneira de ser dos espectros, tão silenciosa o tempo todo. Nada ouvimos desde a primeira mensagem deles.

— Quando precisarmos de seu conselho, vão nos avisar com suficiente antecedência — disse Eric.

Agarradas a Albertus, encontravam-se suas duas aventureiras. Elas se revezavam para mantê-lo no alto. Nos dias de vento, seguravam seus cabelos, para não caírem nos olhos. Ocasionalmente, lavavam suas orelhas, mantendo as superfícies livres de poeira e outras partículas.

— Eu me pergunto — brincou Rachel — por que o companheiro do espectro é sempre aventureiro.

— Você não sabe? — admirou-se Eric. — Pensei que sabia. É por causa do perigo. Só os aventureiros são loucos o bastante para levar espectros aos lugares onde desejam ir, Rach.

Ele a olhou firme.

— Ameaças e mais ameaças. Os espectros esperam-nas; ficam pensando nelas o tempo todo. É por isso que não têm qualquer expectativa a



respeito de assuntos comuns como comer. Não podem dispensar um segundo com coisas corriqueiras como essa.

Rachel se deu conta de que aquilo não era só intuição. Eric sabia.

— Você... você se comunica com eles?

— Sim.

A voz de Eric tremeu.

— Só vislumbres. Mas vou lhe dizer uma coisa. Os espectros se preocupam profundamente conosco. Estão a essa distância, o tempo todo temerosos. Não podem suportar a idéia do mal afetar qualquer um de nós. Mas Albertus... bem, ele se preocupa particularmente com você, Rach.

— Comigo?

— É. Você, pessoalmente. Rachel olhou para cima, atônita.

— Verdade? Por quê?

— Eu não sei, Rach. Não tenho a menor idéia, mas consigo sentir a preocupação dele.

Enquanto Rachel olhava Albertus no alto, um grupo de crianças passou por cima da cabeça dele. Era um sobrevôo de rotina de uma equipe de sentinelas. As unidades de sentinelas eram novos guardas especiais de Heiki, crianças com mais magia. Em poucas semanas ela conseguiu transformá-las numa força de considerável iniciativa. Eram basicamente treinadas à noite, sabendo-se que as Griddas — habitantes de túneis — mais provavelmente atacariam nessa hora.

Rachel contemplou-as, cheia de dúvidas.

— As sentinelas — disse. — Não me importa o quanto são disciplinadas ou valentes. Você acha que crianças, quaisquer crianças, têm

alguma chance contra as Griddas? Vimos o que elas fizeram com Larpskendya... *Larpskendya*, Eric, um Mago. Eu não...

— Psiu, um minuto.

Acima deles Albertus Robertson mexera-se. Suas aventureiras giravam-no em círculos fechados — um movimento frenético. Eric apertou com as mãos a cabeça quando a comunicação entre espectros em todo o mundo instantaneamente atingiu um nível febril. A unidade de sentinelas mais próxima mudou de direção. Desceu para cercar Rachel e Eric. De outra parte do mundo Heiki chegou, transportando-se loucamente. Ela disparou em direção a eles, o rosto aterrorizado.

Eric olhou para Rachel.

— São as Griddas.

— Eu sei — disse ela. — Elas estão aqui.

Heiki voou diretamente até Rachel.

— É isso mesmo — murmurou ela. — Ah, Rachel, é isso mesmo.

Rachel botou os pés no chão.

— Ora, vamos. As sentinelas precisam de você. E aquele treinamento todo? Você vai se sair muito bem. Estou com você. Estou aqui.

Heiki concordou, retomando coragem suficiente para instruir a unidade de sentinelas. As sentinelas adotaram posições táticas que melhor serviriam a um ataque de surpresa. Albertus Robertson permanecia no alto. Sua cabeça sacudia, como se bombardeada por dúzias de mensagens frenéticas de espectros à volta do mundo.

Eric suspirou — um suspiro de alívio glorioso.

— Três! Só três Griddas!

— Você tem certeza? — perguntou Rachel. — Não há mais, mais longe?

— Tenho certeza.

— Então, não acredito que seja um ataque. Se são tão poucas.

Eric chamou os prapsis para seu lado, enfiando-os no lugar costumeiro, dentro da camisa. Heiki postou as sentinelas em torno de Rachel e Eric, em seguida subindo aos ares para buscar reforços.

— As Griddas viajam devagar — disse Eric. — Ei, Rach. Devagar *mesmo*. Dando-nos toda a oportunidade de notá-las.

— Talvez queiram que saibamos que estão vindo — arriscou Rachel.

E correu para dentro de casa para contar aos pais o que estava acontecendo, implorando que não saíssem.

Quando ela voltou, Eric disse:

— As Griddas estão vindo nesta direção.

— Eu sei. Na *nossa* direção. Vamos, pelo menos, nos afastar da casa.

Pegando Eric pelo braço, ela voou para uma área de campos desertos, diversos quilômetros para o sul. Mais quatro unidades de sentinelas, lideradas por Heiki, reuniram-se a eles no caminho. Um punhado de espectros veio também, seus aventureiros voando a uma velocidade de tirar o fôlego para chegar em tempo.

— Eu me pergunto se as Griddas vieram para conversar — disse Eric. — Não estão exatamente aparecendo em cima de nós de surpresa.

— Não assumo isso — disse uma voz que eles jamais ouviram antes.

Pertencia a Albertus Robertson.

Ele aparecera junto ao ombro de Rachel, seguro por suas duas aventureiras. Todo mundo olhou para ele em estado de choque. Rachel havia imaginado freqüentemente que, se Albertus jamais falasse, sua voz seria monocórdia ou mecânica, como seus movimentos. Não era assim. Albertus falava como se toda a vida tivesse sido devotado a ela.

— O quê? O que você quer dizer? — perguntou Rachel.

— Eu... — Albertus tinha a garganta seca com tanto tempo sem uso.

As palavras transformavam-se em sussurro. Furiosamente, suas aventureiras massagearam-na, até os sons saírem mais coerentes. Quando Albertus recomeçou a falar, foi um fluxo grande de palavras, à velocidade de quebrar o pescoço.

— Se eu fosse uma Gridda — ele disse — e quisesse invadir a Terra com um mínimo de vidas perdidas da minha própria espécie, eu começaria eliminando as crianças mais perigosas. Em seqüência de prioridade, dada a ausência de Yemi, essas crianças são Rachel e Eric, seguidos de Heiki, os espectros, os das profundas, as sentinelas, os...

Uma das aventureiras tapou com os dedos a boca de Albertus, obrigando-o a tomar fôlego. Ela disse a Rachel:

— Se ele estiver falando depressa demais para você, me diga.

— Não, está... está bem.

— Para matar vocês — continuou Albertus —, isto é, para matar você, Rachel, e você, Eric, as Griddas têm que chegar perto o suficiente. Como? Como você põe os seres humanos à vontade? Aproximando-se como essas Griddas, não como uma grande força ameaçadora, mas como um pequeno grupo; não escondendo-se, mas vindo abertamente; não rapidamente, mas devagar. Para parecer que é uma delegação. Para chegar pacificamente. Para atrair vocês dois para fora.

De novo ele tomou fôlego rapidamente. Rachel disse:

— O que você sugere que nós façamos?

— Eu estou procurando estratégias.

Durante alguns segundos a cabeça de Albertus virou-se, pois recebia aconselhamento de todos os outros espectros.

— São fatores desconhecidos demais — disse ele. — A visão da maioria é de que as três Griddas ou são um grupo de extermínio ou um grupo avançado para testar nossa prontidão.

— Nossa prontidão para quê? — perguntou Eric.

— Para defender. Para atacar. Para combater.

— Então devemos trazer o maior número de crianças possível — disse Eric. — Mostrar a elas que não estamos com medo.

— Não necessariamente — respondeu Albertus. — Por que grandes números de crianças contra três Griddas apenas? Vão ficar impressionadas? Por que trazer tantas, se estamos confiantes?

— Não podemos simplesmente ignorá-las — argumentou Heiki.

— Na verdade, *poderíamos* simplesmente ignorá-las — disse Albertus. — No entanto, as Griddas podem ver isso como demonstração de fraqueza. Ou podem se sentir ofendidas. Qualquer das duas reações poderia precipitar o conflito. Ou nós poderíamos destruir as Griddas, mas ser agressivo demais também poderia precipitar o conflito. Eu sugiro isto...

Na mesma hora Albertus prosseguiu.

— Eric e Rachel não se encontram com as Griddas. Eu vou, ladeado por um número mínimo de sentinelas. Desta maneira, nós iremos *convidar* ao combate. Isto nos dará mais tempo para determinar as verdadeiras intenções das Griddas. Também nos permitirá proteger ambos, Eric e Rachel. E vai colocar em perigo o menor número possível de crianças... no caso de ser uma armadilha.

— Você acha que é tudo uma armadilha? — perguntou Eric.

— Sim.

A expressão de Albertus Robertson não se alterou.

— Ou que pode ser.

Rachel olhou em volta para todas as crianças.

— Não — disse ela. — Não vou botar uma outra pessoa em perigo para me proteger.

— Você tem de fazer o que é melhor para nós todos! — Albertus gritou com ela, com ferocidade repentina.

Em seguida, pousou a mão de encontro ao rosto de Rachel.

— As crianças sentinelas são mais determinadas do que elas imaginam — ele disse. — Deixe isto conosco.

— Tarde demais — disse Heiki. — As Griddas aceleraram. Vamos nos encontrar com elas no céu. Sentinelas! Fiquem perto de Rachel e Eric.

Não havia tempo para maior debate. Albertus permaneceu junto ao ombro de Rachel, dando-lhe um conselho de última hora.

— Nada diga a respeito de Serpantha — avisou ele. — As Griddas podem não estar sabendo de nada a respeito dele.

— Aí vem elas — disse Eric.

As três Griddas mergulhavam e saíam, sem pressa, das nuvens cumulus. Quando as cabeças cor de laranja e corpos cobertos de pêlo marrom foram vistos com clareza, a maior parte das crianças reagiu com descrença.

— Caramba! — Eric agarrou os prapsis.

— Não reajam à aparência delas — alertou Albertus Robertson.

Só os outros espectros conseguiram seguir seu conselho. O resto das crianças desanimou diante da estatura das Griddas, o excesso de músculos e as cabeças incrustadas em osso. Feito um diabo, ou um dragão, Rachel pensou. Um demônio, ela decidiu. Havia uma vaga semelhança com as Altas Bruxas, mas enquanto até mesmo Dragwena possuía algum tipo de feminilidade, aquelas criaturas sequer tinham um rosto verdadeiramente reconhecível. Pareciam deformadas, todas as partes de seus crânios em ângulo, dente ou cutilada de osso. Só os olhos eram identificáveis, e como podiam ser reais olhos como aqueles? Cobriam uma parte grande demais da cabeça para que os seres humanos pudessem aceitar.

Rachel apertou a mão de Eric quando as Griddas pararam, perto.

Durante uns instantes, as crianças da Terra e as Griddas avaliaram-se mutuamente. Então, uma das Griddas, a maior, dirigiu-se a Rachel:

— Como líder de todos os bandos de Griddas de Ool, tenho a honra de me apresentar. Eu sou Gultrathaca, meus cumprimentos.

A voz de Gultrathaca espantou as crianças. Não a dureza que todo mundo esperava daquela cara, mas o oposto: uma voz de mulher, perfeitamente modulada, humana. Em toda a volta, Rachel sentiu as crianças relaxarem ligeiramente.

— É um engodo — Albertus Robertson sussurrou a Rachel. — Nenhuma criatura com uma forma destas falaria naturalmente como uma mulher. Só há uma razão para tal imitação: nos deixar à vontade. Fique alerta. Não permita qualquer contato físico.

Gultrathaca estendeu a pata para Rachel pegar.

— Vamos?

Um aperto de mãos? Era um gesto que tanto desarmava, uma coisa tão humana que Rachel quase deu a mão à pata gigante de Gultrathaca.

Essas Griddas já sabem quem eu sou, ela pensou. Sabem tudo sobre nós, conseguem falar como nós. Até mesmo o cumprimento fora apropriado, civilizado, gentil. O que nós sabemos sobre as Griddas?, Rachel perguntou a si mesma. O que o próprio Larpskendya sabia? Praticamente nada.

As crianças que se encontravam a maior distância das Griddas iam ficando visivelmente menos tensas. Aquilo não devia acontecer, pensou Rachel. Torne o controle.

— Por que vocês seqüestraram Yemi? — inquiriu ela.

— Para nos proteger. Por que outra razão poderia ser? O tom de Gultrathaca era reservado, calmo.

— Não temos dúvidas de que Larpskendya tem a intenção de treinar o menino para ser um matador. Não poderíamos permitir isso.

— Você realmente espera que acreditemos em você? — perguntou Rachel.

— Não, eu não espero. Larpskendya já influenciou vocês contra nós. Aparentemente, você acredita em tudo o que o Mago diz, embora ele esteja enganado a nosso respeito.

Rachel hesitou. Gultrathaca não era como ela esperava.

— Onde está Larpskendya? — perguntou Eric. — Ele está...

— Vivo. É isso o que você queria perguntar? Sim. Ele escapou.

Rachel e as outras crianças não tentaram esconder seu alívio.

Gultrathaca disse:

— Sim, vocês amam Larpskendya, não é? Ele vem fazendo promessas que têm apelo. Vocês acreditam nelas porque são, na verdade, uma espécie relativamente simples, que julga em grande medida pelas



aparências. Ele diz a vocês que nós, as Griddas, não temos consciência, mas isso não é verdade. Nós temos honra. Nós parecemos brutais a vocês, então vocês pensam que devemos ser brutais.

Rachel não estava certa do que dizer em seguida. Sentiu a mão de Albertus em seu ombro, dando-lhe força.

— Fomos nós que nos arriscamos ao vir aqui — continuou Gultrathaca. — Você acha que, para nós, é fácil voar a este mundo, sabendo quantos dos de Larpskendya o protegem?

— Não lhe diga nada a respeito dos Magos, em particular, números — Albertus murmurou no ouvido de Rachel. — Não concorde nem discorde.

— Larpskendya não assusta ninguém — disse Eric.

— Não? — Gultrathaca o encarou. — Se você visse um Mago lutando ia pensar diferentemente! Não há nada que se compare àquela ferocidade! O que você realmente sabe a respeito dos Magos?

— Sabemos que podemos confiar neles!

— Sim, confiar. Vocês depositam um bocado de confiança em Larpskendya. Mas onde está ele agora, quando precisam dele?

— Vocês o botaram para correr! — disse Eric zangado.

— E tivemos bons motivos para isso. Mas, permita-me perguntar o seguinte: por que Larpskendya não voltou com os outros Magos? Já deu tempo para isso. Se, de fato, se importasse com vocês, não estaria aqui, ou ele ou algum outro Mago? Em Orin Fen existem milhões de Magos, no entanto nenhum está aqui. Nenhum Mago para proteger vocês enquanto Larpskendya se ocupa de suas atividades misteriosas. Isso não lhes parece errado?

Rachel olhou para Eric e o viu pensativo, as sobrancelhas franzidas.

Gultrathaca torceu a cara. Todas as aranhas, até então ocultas no interior das covas, saíram. Muitas crianças soltaram xingamentos, recuando. Com dificuldade, Rachel manteve posição.

— É assim que nós somos — disse Gultrathaca. — Fomos geradas para sermos defensoras. Por isso temos estas características aterradoras. Agora que derrotamos as Altas Bruxas, entretanto, não há mais razão para lutar. A guerra sem fim entre Magos e Altas era *deles*, não nossa. As Griddas estão prontas para a paz.

Os olhos enormes de Gultrathaca encaravam Rachel sem piscar.

— Até mesmo queremos paz com os Magos, se o permitirem. Não estamos interessadas em conquista. Nós vamos ficar em Ool.

Fazendo uma pausa, ela avaliou a todos.

— Vejo que nenhum de vocês acredita em mim. Não acreditam porque o seu entendimento das Griddas vem de Larpskendya. Permitam-me informar-lhes: ele nada sabe sobre nós. Sua opinião foi envenenada por séculos de guerra contra as Altas. Mas aqui estou eu, e ele não. Estou pronta para trazer amizade ao seu mundo, Rachel. Vocês estão preparados para fazer o mesmo?

Rachel olhou para Albertus Robertson.

— Conclua a discussão o mais depressa possível — ele disse a ela.

— Todo esse discurso de paz... — falou Heiki. — Mas vocês seqüestraram Yemi...

— Yemi está em segurança — respondeu Gultrathaca. — Não o machucamos, nem à sua irmã. Convido vocês a virem ver por si mesmos. Convido-os a virem a Ool.

Ela olhou para Rachel.

— Você volta conosco? Lá você será recebida com honras, prometo.

— Que provas temos nós de que você está falando a verdade? — questionou Rachel. — Por que deveria eu acreditar em você?

— Por que não deveria? — respondeu Gultrathaca. — Você acreditou nas palavras de Larpskendya sem qualquer prova. O que mais espera de mim? Vou deixar as outras Griddas aqui, como reféns, e mandarei mais, se quiserem. Se você for até lá comigo, também estarei revelando a localização de Ool. Conhecendo-a, você poderia mandar para lá um exército! Eu correria esse grande risco se você correr um menor. Duvido que Larpskendya tenha alguma vez oferecido coisa igual a você! Ofereceu? Tenho certeza de que nunca ofereceu levar você a Orin Fen.

Gultrathaca estudou atentamente a expressão das crianças.

— Por que não trazer Yemi e Fola de volta para a Terra? — perguntou Albertus Robertson. — Se é sincera a sua vontade de um acordo, devolva-os.

— Não posso — disse Gultrathaca. — Não ousou correr o risco dos Magos apanharem Yemi de volta. E, como vocês devem saber, Yemi não vai se separar de Fola.

— Se concordarmos, quem irá a Ool? — perguntou Eric.

— Todos estão convidados. Todos os que forem capazes de se transportar magicamente, quer dizer. De outro modo, a viagem é por demais longa por causa da distância.

Aquilo era mentira?, Rachel se perguntava. Ela quase disse: só eu e Heiki podemos nos transportar assim.

Um olhar alarmado de Albertus Robertson, porém, a impediu em tempo. Era exatamente o tipo de deslize que poderia tornar-se muito caro. Encarando Gultrathaca, Rachel falou:

— O que acontece se nenhum de nós for com você?

— A maior parte das líderes de bandos das Griddas já está convencida de que vocês foram escravizados pelos Magos — respondeu Gultrathaca. — Se ninguém voltar comigo, como vou convencê-las de que não é esse o caso? Especialmente se você, Rachel, não for. Você nos ajudou a ficar livres de Heebra. Há Griddas que têm pavor de você. Eu, pessoalmente, sinto que tenho uma grande dívida de gratidão para com você.

Antes de Rachel poder responder, Albertus Robertson disse:

— Obrigado. Vamos levar em conta o que você nos diz.

— Isso é tudo o que peço — disse Gultrathaca.

Baixando a cabeça, ela fez uma reverência quase perfeita. Para uma criatura com tantos músculos embolados em volta do peito, aquilo não era fácil. Visivelmente, tinha treinado.

2  
GRIDDAS



Deixando a maior parte das sentinelas guardando as Griddas, Heiki voou à casa de Rachel com Eric e Albertus Robertson, para decidirem o que fazer.

O pai de Rachel os botou para dentro e a mãe fechou a porta, enquanto a filha explicava o acontecido.

— Bem — disse Rachel, afinal, respirando fundo —, essas Griddas... O que pensam todos?

Heiki sacudiu a cabeça.

— São grotescas, não? Eu gostei de uma coisa, no entanto. O fato de as Griddas não suportarem as Altas Bruxas. E Gultrathaca, ela é interessante. Mas podemos confiar nela? Acho que não. Esqueçam as palavras que Gultrathaca usou. Por aí não se pode dizer se está mentindo. Fiquei mais interessada numa outra coisa. Rachel, você deve ter notado: Gultrathaca falava de paz, mas tudo o que eu sentia eram seus encantamentos de morte subindo, subindo...

— Sim — disse Rachel, pensativamente. — Eu reparei. Mas quantos de nós estávamos presentes ameaçando-a? Não estou certa se devemos

julgar as Griddas da mesma maneira que as Altas Bruxas. Elas só são parentes distantes das Altas.

— Você está louca? — reagiu Heiki. — Bruxa é bruxa. Elas não mudam!

— Não?

Rachel olhou para ela.

— Você mudou. Heiki baixou os olhos.

— Mesmo assim... Rachel atravessou a sala.

— Olhe, eu sei que são assustadoras e também não quero acreditar nelas, mas alguém deu uma chance às Griddas? Mesmo Larpskendya? Além disso, Gultrathaca disse uma coisa ou duas interessantes a respeito dos Magos...

Eric falou:

— Ei, acho melhor esperar aqui pelas respostas de Larpskendya do que sair correndo para Ool.

— Concordo — disse sua mãe, em tom de fim de conversa. — Seria loucura confiar nas Griddas. Nenhum de vocês pode sequer cogitar em ir.

— O que pensam os espectros? — perguntou Rachel a Albertus Robertson.

Durante algum tempo Albertus não falou. O silêncio na sala foi rompido apenas pelo ruído de suas duas aventureiras, quebrando os biscoitos deixados na mesa de jantar mais cedo. Certificaram-se de que os pedaços tinham tamanho razoável, as meninas amaciaram o biscoito na boca e depois o colocaram entre os lábios de Albertus.

O pai de Rachel observava com fascinação desconfortável. Albertus mal parecia consciente da comida. Por isso o amaciaram, ele se deu conta.

Senão, ele podia engasgar.

— Não nos decidimos — disse Albertus. — Durante a conversa com Gultrathaca, os espectros monitoraram flutuações em sua temperatura, ritmo cardíaco e sistema respiratório. Entre humanos, nos é fácil saber, a partir dessas taxas, se alguém está mentindo, mesmo no caso de meia mentira. Não é possível, no entanto, lermos as Griddas assim. Seus corpos estão permanentemente quentes; os corações, erráticos, o tempo todo acelerados.

— Aquela, definitivamente, não era a voz verdadeira dela — afirmou Eric.

— Certo — concordou Albertus. — No entanto, Gultrathaca pode estar usando voz de mulher em nosso benefício. Talvez não tenha querido nos assustar. Talvez sua voz natural seja tão diferente da nossa que não conseguiríamos entender nada se não a modificasse.

A mãe de Rachel andava incessantemente para lá e para cá pela sala.

— Então não podemos estar certos de coisa alguma. Exceto do tamanho das garras, é claro! E aqueles dentes!

Ela apontou para Rachel.

— Já vi esse seu olhar antes! Já se decidiu, é? Bem, decida. Eu não vou permitir que vá. Está escutando?

— Sim, mãe, estou escutando — respondeu Rachel. — Também estou me lembrando da última coisa que Larpskendya nos disse. Ele disse para encontrarmos Yemi. Disse: procurem um meio, antes que as Griddas façam alguma coisa terrível com ele. Esse é o meio, o *único* meio. Não podemos ajudar Yemi daqui.

Sua mãe tentou interromper, mas Rachel acrescentou:

— Não vou deixar Yemi e Fola em Ool. Antes, não sabíamos como encontrá-los. Não havia como ajudar. Agora há.

Ela sentiu todos os encantamentos dentro de si tremerem quando tomou a decisão.

— Irei sozinha se for preciso.

— Até parece! — disse Eric, enquanto a mãe explodia e o pai se levantava.

— Agora, escutem — disse o pai. — Quero que todos se acalmem. Especialmente você, Rachel. Ninguém quer ver qualquer dano a Yemi e Fola. Todos nesta sala querem fazer a coisa certa por eles.

Rachel concordou.

— Sim... desculpe... eu sei, papai. É claro que sim.

— Muito bem, então. Desse modo, a questão é julgar se devemos acreditar em Gultrathaca ou não. Não vejo maneira de se ter certeza.

— Tem uma outra coisa, Rach — disse Eric. — Uma vez que você estiver fora da Terra, ninguém poderá protegê-la. As Griddas, provavelmente, sabem disso. O que as vai impedir de assassinar você silenciosamente no espaço?

— Nada — disse Rachel. — Eu sei. Mas por que vir de tão longe só para fazer isso? Não faz sentido.

A mãe de Rachel aproximou-se da filha, tomou suas mãos, olhou-a nos olhos.

— Por favor, não vá — murmurou.

Em meio às suas lágrimas, Rachel disse:

— Eu não *quero* ir, mãe! Só que... Como posso deixar Yemi lá? Não posso fazer isso! Não posso!

Albertus levantou-se. Sem ajuda das aventureiras, andou a curta distância que o separava de Rachel e ajoelhou-se a seu lado.



— Sei o que está pensando — disse. — Há uma imagem, Rachel, dentro da sua cabeça. Uma imagem de Yemi e Fola, e também de Serpantha, sendo maltratados em algum lugar horrível, sem ninguém para ajudá-los. Você não consegue suportar. Você está pensando que, ao zarpar para Ool, poderia ajudar. Talvez possa, talvez não. Pense, porém, no seguinte: e se Gultrathaca tiver vindo à Terra apenas para pegar você. Talvez não consiga que Yemi faça o que ela quer. Pretende pegar você para ajudá-la. Ou precisa de você por outras razões que jamais poderíamos calcular ou adivinhar.

A mãe de Rachel deu um pulo e abraçou Albertus.

— Exatamente, exatamente — ela disse a Rachel. — Isso põe um fim no assunto. Estou pronta a aceitar o conselho de Albertus. E você?

Rachel não quis comprometer-se.

— E então? — pressionou a mãe. Rachel afinal assentiu.

Albertus fixou a mulher, com expressão grave.

— Acho que a senhora me entendeu mal. O perigo para Rachel é real, mas existem razões importantes por que está sendo exigida a presença dela em Ool. Nossa opinião, a visão combinada dos espectros, é a de que Rachel deve ir.

A mãe de Rachel demonstrou abatimento, o rosto lívido.

— Eis as principais razões — disse Albertus. — Se você, Rachel, for morta, essa perda seria terrível. Mas a perda de Yemi seria catastrófica para o mundo, especialmente se as Griddas encontrarem uma forma de usá-lo contra nós. De modo que, se houver uma pequena chance de você ser capaz de impedir isso, o risco de vida que corre é válido. Para mim, é difícil dizer isso porque sou o seu espectro, e você é preciosa para mim. Enquanto eu viver, e enquanto você viver, estarei devotado ao seu bem-estar. Minha prioridade, porém, tem de ser o bem-estar de todas as crianças. Indo a Ool, Rachel, você poderá evitar a guerra. A visão dos espectros é a de que as

crianças não seriam capazes de vencer uma guerra contra as Griddas. Você até *pode* descobrir, no final das contas, que Gultrathaca está dizendo a verdade. Mesmo que esteja mentindo e que sua visita só faça adiar a guerra, terá servido a um propósito. Pode nos dar o tempo necessário para nos prepararmos para uma invasão, caso haja.

A mãe olhou Albertus Robertson com amargura.

— Diga-me — falou —, qual a probabilidade de Rachel ser morta pelas Griddas?

Albertus Robertson olhou diretamente para Rachel — um olhar pessoal, cheio de candura.

— É possível que você jamais volte.

— E mesmo assim acha que eu deveria ir?

— Sim, eu pediria que fosse.

— Então vou — disse Rachel, correndo para o lado da mãe.

Durante algum tempo a mãe tentou desesperadamente fazer Rachel mudar de idéia. Eric achou que iria magoá-la demais se contasse sua própria decisão mais tarde. Tinha que contar agora.

— Também estou indo — disse.

— O quê? Não vai não! — o pai explodiu. — Você não está indo, Eric!

— Papai, mamãe, vocês não entendem. Eu, na verdade, sou capaz de lutar contra essas Griddas. Acho que elas não têm idéia do que minha antimagia é capaz de fazer.

Rachel sacudiu a cabeça.

— Não, Eric. Não vou colocar você em risco também.

— Deixe Albertus decidir — insistiu Eric.

Albertus fitou Eric. Suas aventureiras também fitaram Eric. O rosto de uma das meninas, pela primeira vez, revelou forte emoção.

— Você é o dom fatal — disse ela, a cara branca de medo.

— O quê? O que isso quer dizer?

— O dom fatal é o nome que os espectros deram a você, Eric — revelou Albertus. — Você tem a capacidade de destruir mágica. Nossa tarefa na Terra é valorizar e honrar a mágica das crianças. Você nos amedronta por causa do que pode fazer. Quanto a se deve ficar na Terra ou ir com Rachel, eu nada posso dizer.

Houve um período de silêncio enquanto todos absorviam essa declaração.

— O dom fatal... — Eric disse à menina. — O modo como você diz isso... é... Soa como se eu fosse uma espécie de monstro...

— Não — respondeu Albertus firmemente. — Não é isso. E você é que tem de se decidir quanto ao que fazer. Você mesmo tem de escolher.

A menina aventureira que falara aproximou-se do rosto de Eric de repente, tanto que seu cabelo escuro caiu sobre os joelhos dele. Ninguém jamais olhara para Eric da maneira como ela agora o olhava — como se quisesse beijá-lo, mordê-lo ou as duas coisas. A outra menina a puxou para trás.

Eric permaneceu sentado, quieto, acariciando os prapsis para se acalmar. Depois disse:

— Larpskendya sugeriu que mais coisas poderiam vir a depender de mim do que antes. Ele disse que confiava no meu instinto. O meu instinto me diz que eu vá.

A cara de mamãe estava pálida. Papai a segurava, lutando contra o próprio medo.

— Eu também vou com vocês — disse Heiki. — Se vocês...

— Não, por favor, fique — pediu Rachel, agarrando o pulso de Heiki. — Preciso de alguém forte aqui. Preciso de  *você*  trabalhando com as sentinelas.

Heiki concordou. Todo mundo olhou para Albertus Robertson.

— Eu seria de pouca utilidade para você — Albertus disse em tom casual. — É a inteligência interconectada dos espectros que serve à Terra. Uma vez isolado dos outros, eu seria apenas como qualquer outra criança. E, lembre-se, não tenho magia própria. A não ser que esteja enganado, e não estou enganado, nem você, Rachel, será capaz de transportar magicamente a longas distâncias mais de um companheiro.

Rachel não conseguia olhar para os pais.

— Então somos só nós — ela disse a Eric.

As Griddas foram escoltadas a um local mais seguro, e Rachel e Eric passaram a maior parte das horas seguintes com os pais. O doloroso discorrer de argumentos em cima da decisão de partir não chegou propriamente a um fim, mas havia também que se fazer preparativos para ir a Ool. Rachel sabia que precisava fabricar as indumentárias necessárias com seus encantamentos. E se sua magia não funcionasse em Ool? Decidiu-se por conjuntos de pouco peso, confortáveis, para se locomover, mas com forro de pele, à prova de chuva e bem impermeáveis. O de Eric trazia bolsos extragrandes porque, é claro, os prapsis se recusavam a ficar para trás.

Antes de partir, Rachel deu uns últimos conselhos a Albertus Robertson, mas não foram necessários... Os espectros já haviam iniciado as mais hábeis estratégias de defesa que nem Rachel imaginava. Ela disse adeus a Albertus, que a beijou.

Houve outras despedidas, muitas.

Por fim não havia mais motivo para adiamentos.

Enquanto Rachel fechava o zíper do conjunto branco, seu pai amarrava lentamente os cordões da gola. A mãe alisava o cabelo de Eric sob o capuz. Os filhos olharam para ela, atrás; só os olhos e parte da testa à mostra. Todos muito angustiados para falar.

— Vou cuidar deles — Heiki sussurrou para Rachel.

— Eu sei que vai.

E olhou para Heiki.

— Você nos acompanha até lá em cima?

— É claro.

Partiram no céu quente e azul da manhã. Rachel não podia acreditar em como aquele céu comum lhe parecia bonito hoje. Milhões de crianças vieram se despedir. Voaram no ar até a mágica já não poder fazê-los subir. Então, acenaram e gritaram seus votos até perderem Rachel e Eric de vista.

Alguns espectros mandaram os aventureiros escoltar Rachel à máxima distância possível. Foi uma partida terrível para os aventureiros, desamparados sem os seus espectros, de modo que Rachel ficou feliz de vê-los retornar ao chão enquanto subia na estratosfera. Aqui, no ar mais fino, onde pássaro algum era capaz de voar, só as crianças com mais magia ainda conseguiam acompanhá-la. Paul e Marshall se encontravam entre elas, amigos íntimos de outras épocas, de decisões impossíveis. Querendo dar-lhes força, os meninos sorriam sorrisos tensos. Finalmente, envolvendo Eric numa cobertura protetora de calor e oxigênio, Rachel afastou-se, voando, daquelas duas crianças especiais.

Só uma criança permanecia com eles agora.

— Ah, Rachel — murmurou Heiki. — Você está fazendo a coisa certa? Tem certeza?

Rachel não respondeu. Em vez disso, virou-se para longe de tudo o que conhecia e disse a Gultrathaca:

— Para que lado?

Rachel pensou ter visto um sorriso. Era um sorriso aquilo? Mesmo na cara socada, de ângulos quebrados, Rachel achou reconhecer a expressão.

— Siga-me — disse Gultrathaca.

3

## PAÍSES SEM FRONTEIRAS



Rachel transportara-se via magia muitas vezes antes, algumas demorando-se gloriosamente horas, mas jamais por tanto tempo assim — e nunca através do vácuo do espaço.

No entanto, em vez de cansarem-se, seus encantamentos de transporte queriam mais. Depois de meio dia carregando Eric sem descanso, continuavam tinindo, garbosos, prontos para novas velocidades. Sentindo isso, Gultrathaca aumentou o ritmo. Deslocava-se a intervalos cada vez maiores.

Está me testando, Rachel se deu conta. Eu também posso testar você, Gultrathaca, pensou. Se você passou a maior parte da vida debaixo da terra, deve haver limites para a sua capacidade de voar.

De modo que, cada vez que Gultrathaca acelerava, Rachel acelerava ainda mais. Voavam lado a lado, estudando atentamente uma à outra: procurando fragilidades, desequilíbrios, o mais mínimo defeito.

Sóis passavam, belas constelações, mal notadas por qualquer das duas.

A versão falante de Gultrathaca desaparecera assim que deixaram a Terra. Durante a viagem, parecia absorta em si mesma.

— Ool está perto — repetia, distraída, a cada hora mais ou menos.

À parte isso, mal respondia às perguntas. Eric disse a Rachel, em particular:

— Para onde foi o charme? Achei que Gultrathaca ia aproveitar esse tempo para nos contar mais coisas a respeito de Ool. Não se dá o trabalho. Por quê?

— Não sei. O que acha daquelas aranhas?

As vigias de Gultrathaca, empoleiradas por toda a sua cara, não tiravam os olhos de Rachel um momento sequer.

Eric sussurrou:

— Você acha que Gultrathaca vai apenas nos matar? E por isso está tão quieta?

— Se fosse, provavelmente já estaríamos mortos.

— Talvez esteja esperando por auxílio, esperando até chegarmos a Ool.

Rachel bem gostaria de uma resposta...

Não havia lugares de parada durante a jornada. Comiam enquanto voavam. As refeições de Gultrathaca estavam metidas dentro das covas da pele: lanches rápidos, pequenas criaturas vivas. Era nojento observá-la comer, mas Rachel se obrigou a isso — poderia vir coisa muito pior em Ool.

Será que Gultrathaca é uma Gridda típica?, perguntou-se. Seriam todas assim intimidadoras?



— Os prapsis estão ficando com fome — reclamou Eric, após algumas horas. — Eu não trouxe muita comida porque você nos disse que não nos preocupássemos. Quanto tempo ainda falta?

— Não falta quase nada.

Deixando fluir para longe todas as suas ansiedades, Gultrathaca disse:

— Bem-vindos a Ool! Bem-vindos ao mundo das Griddas!

Ool surgiu diante deles de repente. Era de um tom vermelho, apesar de muito fechado, quase negro. Rachel tentou captar detalhes na superfície, mas nada havia. Um sol brilhava para baixo feito um diamante, mas formações gigantescas de nuvens reuniam-se de encontro a ele, como uma fortaleza contra o calor e o brilho.

Antes dos encantamentos de informação de Rachel serem capazes de investigar mais adiante, Gultrathaca apontou para baixo.

— Aí vêm as jovens — disse.

Incontáveis infantas Gridda ergueram-se em longas fileiras da superfície de Ool. Seu vôo era desajeitado, com chutes desengonçados, feito os de sapo, as pernas dando patadas no espaço à frente. Mordiam membros do próprio bando, desesperadas para serem as primeiras a chegar.

O terror atravessou Rachel.

Seria aquilo boas-vindas? Como? Mais parecia um bando assassino. Tudo terminaria ali, antes mesmo de saberem se Yemi estava vivo ou morto?

Eric mantinha com esforço os prapsis frenéticos debaixo da roupa.

— É melhor nos prepararmos para a defesa — disse a Rachel.

Eram demais, e era tarde demais para isso, pensou ela.

Gultrathaca parecia confusa com as reações de Eric.

— As crianças não vão machucar vocês intencionalmente — assegurou. — Deixe que sintam os corpos de vocês. O toque é a maneira como aprendem a identificar umas às outras nos túneis onde nascem.

Rachel tentou não vacilar quando as primeiras infantas chegaram.

Patas exploradoras esticaram-se, quase timidamente, de início. A falta de ângulos em Rachel intrigou as crianças. Cercaram-na, procurando as pontas. Que olhos de dar pena! Tamanha falta de garras! E onde estavam as mandíbulas? Maravilhadas com sua pele branca, queriam sentir o gosto do cabelo, confusas com a textura comprida, solta. Eric fechou os olhos enquanto as infantas cheiravam seu corpo de cima abaixo. Onde se escondiam as aranhas dele?, imaginavam. Tocavam com as caras suas roupas — como se a estranha indumentária pudesse retribuir o toque.

— Afastem-se! — avisou Eric, quando uma infanta esticou-se na direção de um prapsi.

Ouvindo Eric levantar a voz, as infantas mais próximas recuaram — apenas para serem empurradas de lado por outras. Quando ficou óbvio que não seriam machucadas, mais infantas tiveram coragem de aproximar-se. Na maior algazarra, roçavam Rachel e Eric, esfregavam-se neles, insaciáveis.

Uma soltou um lote de aranhas nas pernas de Rachel.

— Um presente — disse Gultrathaca. — De uma admiradora.

— Admiradora? — Rachel fitou a criança, espantada, esforçando-se para ver alguma expressão por trás da cara ossuda.

— Mande-as embora agora! — gritou Eric, de repente incapaz de continuar a suportar aquilo. — Tire-as daqui! Tire-as daqui!

Gultrathaca emitiu um estalo gutural e as infantas todas, aos chutes, puseram-se a voltar à superfície de Ool. A que oferecera aranhas a Rachel

sugou-as de volta às bocas e, relutante, foi-se com as outras crianças.

Rachel tentou equilibrar-se enquanto Gultrathaca os guiava rumo ao planeta embaixo. Qual o tamanho de Ool? Seus encantamentos de informação mediram a circunferência: mais de trinta vezes o tamanho da Terra.

Entraram na atmosfera — um céu da cor de metal.

Por dúzias de quilômetros, Gultrathaca os conduziu através de nuvens de neve. Nem mesmo em Ithrea Rachel vira cair neve tão pesada. Em outra época poderia achar nos flocos uma beleza própria. Agora, estava muito consciente do perigo. Os próprios flocos davam a sensação de serem perigosos. Não eram leves nem se espalhavam em meio a espaços por onde se pudesse ver o mundo. Era como se o peso de uma pessoa pressionasse essas neves tão densas por todos os lados. Puxando Eric para perto, Rachel enxugou os flocos de seus olhos. Os prapsis, aninhados de encontro ao peito do menino, podiam observar seu rosto e sentir a batida reconfortante de seu coração.

Afinal as nuvens afinaram e eles irromperam no ar mais claro.

— O Detaclyver — disse Gultrathaca, sem entonação, apontando embaixo. — O lugar da morte. Gridda nenhuma sobrevive muito tempo aqui.

Rachel ficou boquiaberta com as montanhas que viu: uma cadeia colossal. Pico após pico, estendia-se sobre os continentes do sul e do norte de Ool inteiros.

— Está se movimentando! — gritou Eric. — Rachel, ela é... viva!

O corpo do Detaclyver era como uma vasta maré, que se deformava e levantava, tentando estender-se pelo mundo. Em sua extremidade mais ao norte, os picos não estavam voltados para o céu. Eram mais pontudos, modificados, cravados dentro da terra à frente.

— Você identifica o que o prende? — gritou Rachel. — Tufões!

Em Ithrea, a bruxa Dragwena usara de mágica para criar imensos furacões similares. Aqueles objetos sem vida, no entanto, não tinham qualquer semelhança com os verdadeiros furacões sensíveis de Ool. Centenas encontravam-se, em massa, entre a terra e o céu. Na raiz da borda exterior do Detaclyver, mantinham-no em xeque.

— Uma batalha incessante, paciente — explicou Gultrathaca. — Ambas as espécies faziam parte de Ool muito tempo antes de as Bruxas chegarem. As Altas Bruxas jamais foram capazes de controlar o Detaclyver. Eventualmente conseguiram dominar a mente dos furacões que, agora, nos obedecem.

— Não entendo — disse Rachel. — Para que vocês precisam dos furacões?

— Para manter nossas casas a salvo do Detaclyver — respondeu Gultrathaca. — O Detaclyver tenta destruir as cidades. É natural que o faça: ele nos odeia.

Ao sobrevoarem os cumes do Detaclyver, Rachel olhou por entre os pés. Nada, aparentemente, seria capaz de viver em meio aos picos desolados. Estava enganada, porém. Seus encantamentos de informação descobriram vida, encantamentos, criaturas por toda parte, embaixo: na própria neve, que caía incessantemente, e dentro da carne do Detaclyver. Entre elas, assinaturas mágicas, palpitando com a mesma potência que qualquer Bruxa, embora não fossem Bruxas — nem nada parecido.

Enquanto Rachel ponderava sobre isso, Eric murmurou:

— Yemi está aqui. Ainda a longo caminho, e bem no fundo da terra. Fola também está com ele.

E sorriu.

— Está viva! Ambos estão!

Gultrathaca olhou Eric, chocada.

— Você é capaz de sentir o aroma mínimo de Fola desta distância? O que mais consegue detectar?

— Nada — grunhiu Eric.

Espiou os prapsis embaixo, que espiaram de volta, temerosos por ele.

Tão quietos, pensou Eric.

Não tinham dito uma palavra desde que chegaram a Ool. Acariciou as cabeças, sentindo-os tremer.

— Eric — disse um, com nervosismo. — Cuidado com a neve.

— Eu sei — disse Eric. — Está em toda parte. Simplesmente mantenham-se de cabeça baixa, meninos. Eu vou tomar cuidado por vocês.

— Não, Eric, a neve está errada. Está indo para o lado errado.

Grandes plumas de neve projetaram-se dos picos do Detaclyver. Subiram, depois mudaram de direção, rumo a Gultrathaca. Não era neve comum — Rachel via. Os flocos não eram levados no sopro do vento. *Lutavam* contra o vento para chegar a ela.

A neve era viva.

— O que é isso? — espantou-se Rachel.

— Os Essa. São servos do Detaclyver — disse Gultrathaca. — Protejam-se.

Rachel puxou Eric para perto de si e aumentou os encantamentos de defesa.

Gultrathaca subiu, entrando em ventos mais fortes. Os Essa acompanharam — milhões de toneladas de vida minúscula girando em arco para cortá-la.

— O que devo fazer? — perguntou Eric. — Usar minha antimágica?

— Não, ainda não — sussurrou Rachel.

— Mas eles estão vindo!

— Espere, Eric!

Um pequeno número de Essa a alcançou. Pairaram, trêmulos de interesse. Quem era ela? Rachel sentiu-os na mente, todos esperança e expectativa, seus pensamentos perseguindo-a.

Não a queriam mal. Rachel logo viu. Seu alvo era Gultrathaca.

Gultrathaca corria entre as nuvens mais espessas, tentando jogar os Essa para baixo. Eles, porém, a pegaram. Pousando em suas mandíbulas, dominaram os soldados-aranha e lhe penetraram a garganta. Durante um tempo Gultrathaca desacelerou; em seguida, tossiu fora os Essa de seu corpo. Continuou voando. Atravessou a fronteira do Detaclyver.

Uns poucos Essa permaneceram com Rachel. Eram tão leves e sem substância como a própria neve. Brevemente seus corpos quentes prenderam-se ao rosto dela, curiosos, cheios de perguntas. Depois, não tiveram escolha, partiram, voltando a suas casas no alto do Detaclyver. Rachel estendeu as mãos, sem querer que se fossem.

— Vejo que os Essa gostaram de você — disse Gultrathaca, divertida.

E conduziu Eric e Rachel na direção do norte, deixando o Detaclyver para trás. Alcançaram os tufões. Gultrathaca ordenou a um deles que se pusesse de lado, sendo logo obedecida.

Atrás dos tufões havia uma área de gelo liso.

— O mar Prag — informou Gultrathaca. — Bom terreno de caça para valentes.

Rachel mandou seus encantamentos de informação para baixo das águas congeladas. Havia vida ali, milhões de peixes. Cada um deles com

armadura, o sangue mantido a temperaturas de fervura, para queimar e abrir caminho através do gelo sólido.

Finalmente, atravessando o mar Prag, entraram numa vasta região de planícies nevadas sem quaisquer características notáveis. À margem delas, erguiam-se sólidas montanhas, e Rachel viu uma fileira de torres-olho desmoronadas que uma vez marcaram os limites de uma cidade.

Eric inclinou-se na direção de Rachel.

— Há Altas Bruxas embaixo de nós. Não muitas.

— As outras estão mortas — Gultrathaca disse a ele. — Mantivemos umas poucas para distrair as crianças.

Sobre os restos das torres, Rachel tentou absorver a escala da devastação.

— Thûn — declarou Gultrathaca. — A cidade arruinada. Durante o reinado de Heebra, as Altas mais importantes viviam aqui, embora Gaffilex e Tamretis sejam maiores. Também destruimos essas duas cidades.

Não havia torres-olho de pé, mas conforme baixavam, Eric viu que as infantas Gridda ocupavam as ruínas. Algumas escondiam-se em meio às pilhas de pedras. Outras mergulhavam, entrando e saindo das entradas subterrâneas, gritando de medo ou excitação — Eric não conseguia discernir de quê. Muitas voavam — com maior ou menor habilidade — pelo céu.

No coração de Thûn, um único tufão rodava. Rachel reparou que era menor que os outros.

— Um tufão juvenil — Gultrathaca disse a ela. — Serve de área de recreio para as nossas crianças.

E indicou a base, onde os ventos eram ligeiros, e crianças saltavam e rolavam.

— Um lugar onde podem aprender a voar sem medo — disse Gultrathaca.

Mais alto no tufão, Rachel localizou Griddas mais velhas. Em pequenos grupos, supervisionadas por treinadores, debatiam-se. Ocasionalmente, uma caía, sendo apanhada pelas infantas embaixo que, reunidas em torno dela, uivavam, zombando.

— As batalhas de verdade acontecem no topo, onde os ventos são mais duros — revelou Gultrathaca.

Rachel viu uma das Griddas cair do tufão mais alto. Quando bateu no chão, suas aranhas espalharam-se pela neve. Antes de as poder juntar, infantas as pisotearam.

Rachel tentou manter a voz firme.

— Por que fizeram isso?

— Por que não? Magia de má qualidade tem de ser punida.

Gultrathaca fitou Rachel, genuinamente intrigada com sua reação.

Aqui, essa crueldade casual nada significa, Rachel se deu conta. E pensou em Yemi e Fola, imaginando o que as Griddas poderiam ter feito com eles.

Da borda do tufão juvenil surgiu um grupo de jovens Griddas. Voando para perto de Gultrathaca, uma lhe disse uma coisa qualquer.

Gultrathaca riu — Rachel agora conseguia mais ou menos identificar expressões assim.

— Estas reverenciam você: aquela que derrotou Heebra — Gultrathaca contou a Rachel. — Esperaram muito tempo por este privilégio.

Os olhos das jovens demoravam-se em cada detalhe do corpo de Rachel. Fizeram-lhe, então, uma reverência. Não havia dúvida quanto à



sinceridade do gesto. Depois de um último olhar, todas as jovens voaram para o leste, chamando umas às outras ruidosamente.

— Por favor, leve-nos para ver Yemi agora — pediu Rachel.

— Primeiro, uma coisa — Gultrathaca parou no céu.

Diversas Griddas adultas, consideravelmente maiores que as infantas, aproximaram-se de Rachel e Eric. Chegaram numa fila elegante, sem pressa. Rachel notou que Gultrathaca cumprimentou cada uma, individualmente — aquelas Griddas eram obviamente importantes. As adultas fitaram Rachel de maneira desinibida. Em seguida, uma de cada vez, a começar por Gultrathaca, baixou a cabeça, expondo todo o comprimento do pescoço.

O que significava aquilo? Esta é uma raça guerreira — os encantamentos de informação de Rachel lhe contaram. Elas estão expondo as áreas mais vulneráveis como forma de lhe prestar homenagem.

As Griddas líderes de bandos deixaram os pescoços expostos por um longo intervalo. Finalmente, ergueram as cabeças e Gultrathaca disse, com sinceridade:

— Esperamos que tenham apreciado a afeição das infantas. Por isso pedimos a elas que viessem cumprimentá-los. As Griddas a meu lado são as líderes de maior categoria dos bandos de Ool. Reuniram-se com o fim de aclamá-los, a ambos. Estimamos você, Rachel, e você, Eric. A morte de Heebra significa mais para nós do que imaginam.

Todas as líderes de bando fizeram reverência. Membros dos bandos próximos o bastante para testemunhar também curvaram-se, fazendo com que um enorme movimento de ondulação cruzasse a cidade.

Rachel ficou incrédula. Um tributo genuíno. Não fora morta no espaço, pensou. Nem na chegada. Seus encantamentos lhe pulavam aos olhos, cheios de esperança.

— E agora é a vez das jovens de homenageá-la, à moda delas — disse Gultrathaca.

E seguiu na frente, em direção à periferia a leste de Thûn. Com deferência, as líderes de bando de Ool saíram atrás. À medida que voavam, restos de torres-olho passavam depressa, em número cada vez menor, até que deixaram a cidade totalmente para trás. Griddas infantas os seguiam. A maioria voava. Aquelas que ainda não tinham capacidade de voar saltavam por cima umas das outras na mesma direção.

Além da cidade as neves se aplanavam. Gultrathaca desacelerou. Todas as Griddas fizeram silêncio absoluto, inclusive as infantas.

Rachel viu antes de entender: uma grande estrutura oval na superfície, com centenas de metros de altura e largura. O grupo de jovens que anteriormente estudara Rachel acabava de terminar o trabalho quando a menina chegou.

Minha nossa!, surpreendeu-se Rachel.

Era o seu rosto: uma escultura de neve.

A escultura tinha expressão pensativa — olhar medido, o mesmo que Rachel lançara às jovens, que o captaram perfeitamente. Um cacho de cabelo caía por cima de um olho. As narinas eram cavernas grandes o bastante para se hibernar lá dentro. Neve escovada formava as sobrancelhas. Numa delas encontrava-se, sentada, uma aranha minúscula.

Rachel levantou a mão para tocar em sua face real. Lá estava a aranha, imóvel. Ela a espantou dali.

Durante um tempo fez-se silêncio, enquanto as Griddas humildemente esperavam para ver se Rachel aprovava seus esforços. Então Rachel ouviu vozes. Jamais ouvira algo como aquilo. Gultrathaca conseguira a presença ali de todas as Griddas da cidade. Enchiam o céu e o chão, tão numerosas como os flocos de neve que caíam.

Rachel e Eric viram todas as Griddas abrirem as mandíbulas e rugir sua homenagem.

4  
Tóquio



Tão ensurdecadora era a homenagem das Griddas que Rachel e Eric tiveram que tapar os ouvidos até terminar. Cada vez que isso acontecia, Gultrathaca a reiniciava. Finalmente, as líderes de bandos levantaram as patas e se fez silêncio.

Gultrathaca voltou sua atenção de novo para Rachel.

— Agora vamos lhe render homenagem de outro modo — disse. — Cada Gridda quer ser a primeira a lutar contra você. Escolha uma oponente conveniente.

— Lutar... contra mim?

— É claro. O que esperava?

— Não entendo. Não precisamos lutar. Viemos aqui pela... paz.

Gultrathaca a olhou com desprezo.

— Você realmente acreditou em que eu queria paz? Um olhar de nojo atravessou as caras das líderes dos bandos. Com dificuldade Gultrathaca acalmou-as.

— Não desonre a si mesma, Rachel — disse ela ameaçadoramente.

— Eu *não vou* lutar!

— Você não tem escolha. Não pode voltar atrás agora. Rachel olhou para Eric abismada, preparando-se para transportar-se e evadir-se.

Os olhos de Gultrathaca brilharam.

— Sim, por que não tentar? No entanto, a esta altura, vai se dar conta de que jamais poderá se transportar depressa o bastante para escapar de mim se estiver carregando Eric. Descarte-o. Dê uma chance a si mesma...

— Devíamos tê-la matado na Terra! — trovejou Eric.

— Aquilo foi um erro — concordou Gultrathaca. — Naquele momento me dei conta de que vocês eram fracos. Mas como convencer minhas Griddas? Elas sabem que você enfrentou Heebra, Rachel. Você as está deixando ansiosas. Tenho que mostrar você reduzida a seu tamanho real. Quando virem com que rapidez você pode ser despachada, será mais fácil proceder a invasão do seu mundo.

— Por favor... — Rachel começou a falar, mas parou. Viu pela expressão de Gultrathaca que argumento algum mudaria sua opinião.

— E Eric? — perguntou. — Se eu cooperar, se concordar com a luta, você vai...

— Poupá-lo? Não. Pretendo dá-lo às infantas como diversão.

— Você não deve... Eu...

— Não implore — disse Gultrathaca.

E, com um gesto, mandou que Eric fosse retirado dali. Liberando as mãos, Eric preparou-se para usar seus antiencantamentos. Os prapsis pularam-lhe nos ombros.

— Espere — Rachel disse a Gultrathaca. — Deixe Eric. Eu vou... Eu faço. Vou divertir as infantas para você no lugar dele.

— Muito bem — disse Gultrathaca com indiferença. — Prometi uma coisa qualquer às infantas, no final. Neste caso, seu primeiro combate começa amanhã.

Enquanto Rachel tentava absorver o que aquilo poderia querer dizer Gultrathaca acrescentou:

— Despeçam-se. Esta é a última vez que você vai ver Eric.

— Não!

Rachel estendeu as mãos na direção dele, mas teve o braço golpeado.

— Depressa, devo usar meus antiencantamentos? — perguntou Eric.  
— Devo usá-los agora?

Rachel estava em agonia.

— Sim. Não... Ainda não, Eric.

Gultrathaca os separou. Antes de Rachel ter tempo de dizer qualquer outra coisa, duas jovens Griddas voaram pelo céu. Sacudindo os prapsis, agarraram Eric pelos ombros e dirigiram-se para fora da cidade. Os prapsis acompanharam, gritando insultos.

— Por favor — implorou Rachel, quando a arrastaram. — Deixe-me...

— Você é uma guerreira — Gultrathaca disse. — Não há necessidade de despedidas.

— Não. Eu...

Rachel virou a cabeça, querendo ver o que estava acontecendo com Eric.

— Patético! — silvou Gultrathaca. — Mantenha a cabeça ereta!

— Deixe-me falar com Eric! — Não!

Pelos céus que escureciam Eric foi carregado na direção sul. Já muito longe, sua voz ou a dos prapsis não a podiam alcançar.

Quando Gultrathaca a pegou, Rachel tentou deslocar-se, mas não funcionou.

— Até que enfim você tentou alguma coisa — zombou Gultrathaca.

Rachel sentiu seus encantamentos estremecerem dentro de si. Ela tremeu.

— O que você fez comigo?

— Usei um encantamento de contato com a pele — revelou Gultrathaca. — Reduz suas habilidades. Tenho de dar às infantas uma chance contra você esta noite. Você não consegue se transportar. Você não consegue voar. Ah, e também não será capaz de mudar de forma. Nenhum de seus outros encantamentos ficou afetado.

— Agora você me deixou sem nada!

— Nada? Não é bem assim. Os seus encantamentos de morte ainda estão intactos. Você vai precisar das suas mortes hoje à noite.

Rachel estremeceu. As mortes sempre fizeram parte de sua magia — a parte que escondia, ignorava, detestava. No entanto, lá estavam. Agarrando-a pelo braço, Gultrathaca voou para uma parte leste de Thûn que

Rachel ainda não vira. Ali, a torre-olho de Heebra permanecia de pé, furando o céu.

— Um lugar adequado para você ficar — disse Gultrathaca. — Se você fosse uma Alta Bruxa não poderia haver glória maior — descansar na torre de Heebra, acima de todas as outras! Você vê? Mais honrarias.

— Não estou interessada no seu código de honra!

— Você está interessada no que acontece com as crianças do seu mundo?

— É claro!

— Neste caso, mate-se agora. Uma Gridda faria isso, a menos importante delas. Quanto mais tempo ficar viva, mais aprenderemos com você. Veremos os seus encantamentos, reconheceremos como combatê-los. Saberemos o que esperar quando enfrentarmos as crianças da Terra. É isso que você quer?

Rachel não teve resposta.

— O que vai fazer com Eric? — perguntou, trêmula.

— O que eu quiser.

Gultrathaca levou Rachel, voando, pela janela-olho quebrada, depositando-a no chão da câmara.

— Na verdade, Eric pode vir a ter uma utilidade. Ouvi das Altas Bruxas que ele é capaz de destruir encantamentos. Quem sabe tenham deixado de notar algo mais importante?

Gultrathaca saiu. Do lado de fora, no escuro que chegava, Rachel viu silhuetas de infantas.

Vinham desajeitadas pela neve, rumo à torre.



3  
FOGO SEM CALOR



Junto à janela-olho destruída, Rachel observou as infantas.

Enquanto durou a luz do dia, permaneceram na base da torre de Heebra, satisfeitas com observá-la, os olhos semicerrados. A chegada da noite tudo mudou. Não houve crepúsculo nem pôr-do-sol sutil. Uma hora tinha luz — magra, mas suficiente para se ver — no momento seguinte, nada. Instintivamente, Rachel procurou o fim do sol. Como alguém que fosse morrer sem luz, que estivesse faminto e cujo único alimento fosse a luz, buscou o feixe que desaparecia baixo no leste. O sol de Ool tomou uma última posição contra o escuro. Em seguida extinguiu-se — e uma vasta sombra moveu-se através do mundo.

E aí não houve luz alguma.

Apenas frio inacreditável e som de respiração — a da própria Rachel, entrecortada — misturado a novos: rumor das infantas escalando as paredes da torre.

Rachel piscou várias vezes, achando que seus olhos se ajustariam. Mas não se ajustaram. As pupilas aumentaram de tamanho para

alimentarem-se da luz que pudessem captar, mas nada havia a captar. Ool não possuía lua. As estrelas jamais piscaram através das nuvens. De tão assustada, Rachel daria boas-vindas até mesmo à luz verde-esmeralda que no passado provinha da torre de Heebra — as Griddas, porém, tinham removido para sempre aquela cor do mundo.

Sua magia lhe veio imediatamente em auxílio. Primeiro, criou uma claridade de luz a vela. Ao ver as Griddas do lado de fora da janela, Rachel intensificou a luz, fazendo-as retroceder. Se não podia voar, se não podia deixar a torre-olho, qual seria o lugar mais seguro onde ficar? Escolheu o meio do chão — perto o bastante para ver o que poderia entrar pela janela e perto o bastante para reagir ao que poderia entrar pela porta. Na escuridão, abriram-se seus olhos noturnos: uma prata brilhante.

A noite de Ool jamais havia visto tais brilhos.

Apesar disso, as infantas mais ousadas avançavam. Logo acostumaram-se ao brilho dos olhos de Rachel, não a deixando mais em paz. Estimuladas por sua aparência estranha e pelas histórias ouvidas, desafiando uma à outra, amontoaram-se em todos os espaços: na câmara-olho, na escada ascendente que levava até a câmara nas neves no lado de fora. Penduradas nas paredes íngremes da torre-olho, das trevas, espiavam lá dentro.

As primeiras infantas estavam assustadas demais para entrar na câmara-olho. Como Rachel cometeu o erro de não punir as que se aproximavam, logo esqueceram seus medos. Queriam olhá-la mais de perto. Era tão deformada. Por que não a tinham matado ao nascer?

Rachel não ousava tirar os olhos delas um segundo. Estava com fome, com sede, com frio, precisava pensar, precisava descansar — dormir, principalmente dormir — mas não teve oportunidade. Durante toda a noite seus encantamentos construíram barreiras, escudos e pequenas ilusões para confundir as infantas. Nunca antes tivera necessidade de invocar tão continuamente sua magia.

As Griddas, porém, tinham seus olhos-escudos e tempo de sobra. Começaram por procurar caminhos e contornar as barreiras de Rachel. Sem poder voar para longe ou mudar de forma, Rachel precisou constantemente reconstruir e reparar suas defesas. E — sabia — aquilo eram apenas umas poucas infantas curiosas. Sua verdadeira primeira prova sequer havia começado...

As horas passavam. Rachel achava que a aurora jamais chegaria. O escuro aprofundou-se, as infantas pareciam incansáveis. Então, no meio da noite, uma delas furou seu escudo. Quando isso aconteceu Rachel fez uma coisa que se prometera nunca fazer: invocou os encantamentos de morte. Pela primeira vez na vida chamou a morte à superfície. Momentaneamente, seus olhos ficaram pretos com a força.

Morte era algo que as infantas entendiam, temiam. Por um intervalo de tempo deixaram Rachel em paz. Dando-se conta do quanto estava frágil, ela sentiu vontade de chorar. Sempre tomara resoluções nobres, jamais usar as mortes. No entanto, assim que uma única infanta a ameaçava, as resoluções nobres evaporavam-se todas.

Pensou em Eric — mas mal houve tempo sequer para isso. As infantas retornaram, em maior número que nunca. Já não temiam seus olhos de prata nem a incandescência da câmara-olho. Sabiam que suas defesas começavam a fraquejar. Rachel se viu a tremer. Diversos de seus mais finos encantamentos levantaram-se para inspirá-la. As mortes faziam o que melhor sabiam fazer: imaginavam mortes. Foram capazes de imaginar tantas para as infantas inexperientes — um número perto do infinito — que Rachel sentiu-se suja, enquanto fazia a seleção. Mesmo assim, selecionou.

Finalmente, chegou um ponto em que não conseguiu pensar nenhuma outra maneira de manter as infantas afastadas que não as mortes. Estava de pé na torre-olho cercada de Griddas. Algumas começavam a lhe arranhar as coxas. Suas mortes clamavam para serem liberadas. Rachel as segurava com dificuldade.

— Dêem-me outra opção — ordenou.

A magia jamais lhe falhara antes, pelo menos quando havia ameaça à sua vida. Olhando lá fora a noite, a neve, o frio, viu o que fazer. Abriu caminho à força para um canto e iniciou o encantamento.

As infantas nunca testemunharam coisa igual. Rachel levantou os braços, aconselhando-as a recuar. Então, uma nova luz disparou de seus olhos, arrancando brilho das paredes, do chão, dos cacos de vidro, do próprio ar, absorvendo tudo o que uma Gridda fosse capaz de respirar. A câmara faiscou, cor de laranja, pelo resto da noite.

Pela primeira vez em sua longa história ardeu um incêndio no olho de Heebra.

Eric estava encostado numa parede de pedra. Os prapsis, dos dois lados de seu rosto. Sentia os olhos deles sobre si e o tique-taque acelerado dos corações.

Sua cela de prisão era um rude buraco circular cavado na pedra, embaixo de Thûn. Magia alguma o prendia ali. Bastava a rocha. Para manter Eric preso, não precisavam de nenhum dos encantamentos sofisticados necessários para conter Yemi ou Rachel.

Durante um longo período de tempo ele permanecera sentado junto à parede, tentando se manter acordado. Não ousava adormecer. Aquele era o primeiro intervalo que Gultrathaca lhe dava na noite. Por quê? Para irritá-lo? Para embotá-lo antes do próximo ataque? Queria dormir. Mais que tudo queria apagar o que lhe havia acontecido aqui. Mas, como esquecer todas aquelas Bruxas que ferira?

As experiências de Gultrathaca começaram no momento em que Eric entrou na cela.

O primeiro teste envolvia um animal nativo mágico que ele jamais vira — uma espécie de cão. A própria Gultrathaca o fez entrar. Na hora em que viu Eric, o animal havia sido deliberadamente chicoteado. Encontrava-se num estado frenético. Assim que Gultrathaca abriu a porta, o cachorro atacou.

Eric não teve tempo para pensar. Sem considerar as conseqüências de suas ações, voltou todo o seu espectro de antimagia contra o cachorro. Nunca fizera isso antes.

Jamais sequer pensara em fazer. Normalmente, só cancelava encantamentos individuais. Desta vez, no seu pânico, foi muito além. O cachorro era um simples predador — só usava encantamentos para aumentar sua mordida.

Não era par para Eric.

Em seu terror, o menino procurou todos os encantamentos e destripou o cão de toda a magia. Tirou tudo. O que ocorreu em seguida o chocou e intrigou Gultrathaca. O corpo do cachorro, em meio ao ataque, perdeu toda potência. Caiu no chão sem mais conseguir erguer a cabeça. Sem magia, o cachorro ficou deitado, ofegante, fraco e confuso.

Em seguida vieram outros animais mágicos — tantos que não deu para contar.

Então, Gultrathaca mandou contra ele uma coisa bem mais grandiosa: uma Bruxa. Alta Bruxa, uma daquelas prisioneiras. Eric não tinha idéia do que fez aquela primeira voar em cima dele com tanta sofreguidão. Preparados, os prapsis tentaram suas distrações costumeiras.

— Venha atrás de nós! — um guinchou, voando em volta da cela.

— Venha nos pegar, besta!

— *Venha nos pegar!*

Contra animais essa tática às vezes funcionava. Eles ficavam em dúvida quanto ao alvo, dando a Eric tempo suficiente para desmontar sua magia, sem prejudicá-los demais.

Contra uma Alta Bruxa, jamais funcionaria.

Ela ignorou os prapsis e foi diretamente em cima de Eric.

Como todas as Altas Bruxas, essa possuía magia em abundância. Seu corpo transpirava magia. A magia ocupava sua mente misteriosa e lhe tomava o coração. Era o estonteante fundamento de sua força e o agente catalisador de seu formidável intelecto. A que voou em cima de Eric estava viva há sete séculos. Todo esse tempo convivendo intimamente com seus encantamentos. Usou-os tanto tempo que nada podia fazer sem eles.

Eric tremeu, lembrando o que acontecera depois. Por que teria ela se atirado em cima dele com toda aquela energia insana? Por que não esperara ao menos um momento? Não deu tempo para argumentar nem pensar. Em nome da autopreservação, Eric atingiu seu âmago, raspando fora toda a magia. Abismado, acompanhou seu poderoso corpo desfiar-se lentamente.

Seguiram-se mais Altas Bruxas, muitas vezes diversas ao mesmo tempo, enquanto Gultrathaca tentava descobrir as limitações de Eric. Todas as Bruxas entravam voando loucamente pela cela. Depois do pânico inicial, Eric se ajustava ao que quer que fosse que Gultrathaca lançasse em seu caminho. Deixou de precisar matar as Bruxas. Encontrou caminhos engenhosos de selecionar determinados encantamentos para desarmá-las sem feri-las gravemente.

Há mais de uma hora estava em xeque-mate. Enquanto Gultrathaca imaginava o que mandar em seguida.

Eric deitou-se, o rosto de encontro ao chão de pedra. Estava frio, mas não tão frio que o fizesse tremer — com certeza Gultrathaca o queria vivo.

Os prapsis se apertavam de encontro ao coração de Eric, consolando-se com sua batida. O contato era maravilhoso também para Eric, mas ele não dizia isso a eles. Queria que fossem embora, que escapassem. Seria bastante fácil. O teto da cela era aberto, a uns dez metros de altura, mais ou menos. Eric não era capaz de escalar as paredes lisas, mas os prapsis poderiam estar do lado de fora, passando por qualquer número de guardas, num segundo. Só o amor por ele os mantinha dentro da cela.

Deitado em silêncio, Eric sentia os pequenos corações baterem de encontro a seu peito. Mais uma hora se passou ao embalo de sua batida rítmica.

— Nós vamos ficar de sentinela — sussurrou um prapsi. — Você dorme, menino.

— Vocês também estão precisando dormir — murmurou Eric.

— Nós vamos dormir. Cada um de uma vez.

Um dos prapsis deitou no peito de Eric e fechou os olhos; o outro ficou andando em círculos em sua volta.

— Está certo — disse Eric. — Vamos fazer rodízio. Uma hora é o bastante. Então me acordem e eu fico de sentinela.

— Sim.

Eric imediatamente caiu num sono exausto. Quando respirava profundamente, o prapsi que fingia dormir ergueu-se e olhou o umbral da porta. Pelo resto da noite ambos os prapsis ficaram em silêncio, vigilantes, deixando Eric descansar.

Enquanto Eric dormia e os prapsis vigiavam, os Essa, semelhantes à neve, chocavam no sul de Ool. Que acontecera hoje? Que coisa maravilhosa! Tinham interceptado os seres mais extraordinários. Não eram Griddas, não eram aquelas ossudas amantes de aranhas. Nem eram as incapturáveis Altas Bruxas, há muito sumidas dos céus. Coisas novas. Sem pêlo, coisas pequenas, maleáveis. Sem armadura! Frágeis, dispostas ao amor, no entanto... viajando com Griddas. O que eram? Amigos ou inimigos? Amigos! Amigos! Os Essa pensavam assim, mas eram sempre esperançosos. Como poderiam descobrir mais coisas?

Pobre Detaclyver — tão velho e cansado, tão abatido. Tão amoroso. Se pedissem, não lhes permitiria ir com os estrangeiros. Diria que têm expectativas demais. Diria que não cuidam como devem das próprias vidas.

— Mande-nos para fora! Mande-nos para fora! — imploravam.

— É longe demais — respondia. — Vocês não conseguem vencer a distância até Thûn.

E suspendia o sopro poderoso para não deixá-los ir.

— Somos capazes! Somos capazes! — diziam. Ele dizia:

— Não!

Há quanto tempo, no entanto, deixara de haver qualquer esperança para o Detaclyver?

Ninguém mais era capaz de fazer viagem tão longa quanto aquela. Tremulando nos picos do Detaclyver, os Essa se convenciam. Não sabiam se eram capazes de voar tão longe e ainda ter força para voltar. Mesmo assim, os estrangeiros...

Uma noite inteira de distância. Uma jornada terrível. Seriam capazes de empreendê-la?

Sem o sopro do Detaclyver, os Essa partiram.

Flutuaram rumo ao norte, em pequenos grupos, de modo a não atrair atenções. Os ventos eram contra, mas eles estavam determinados. Silenciosamente, ocultando-se na neve noturna, passaram pelos tufões. Viajavam bem alto, acima do mar Prag e das frias planícies além. Quando se aproximavam de Thûn, muitos dos Essa, cansados demais para prosseguir, voltaram para casa, no Detaclyver. Outros, porém, continuaram a jornada.

Passaram sobre milhões de Griddas infantas aninhadas nos túneis sob Thûn. Passaram sobre as Altas Bruxas aprisionadas, onde Calen, deitada na imundície da cela, pensava sobre as opções que fizera. Passaram sobre Fola e Yemi. Griddas constantemente prestavam assistência na Câmara de Avaliação — mesmo àquela hora da noite, lançando e relançando encantamentos para impedi-lo de escapar.



A prisão de Yemi localizava-se muito no fundo. Era impossível para os Essa ajudar. Em vez disso, voaram nos ventos que passavam sobre a torre de Heebra. Não podiam deixar de vê-la, aquele lustro cor de laranja na noite. Assim que se aproximaram, os Essa viram o estrangeiro mais alto, de cabelo comprido, de pé, mantendo posição, olhos arregalados, protegendo-se das infantas. Muitos dos Essa quase congelavam quando correram em direção ao fogo. Os primeiros a chegar quase adentraram, voando, as chamas. Em tempo frearam, admirando aquela maravilha e aquecendo as asas minúsculas.

— Estar tão perto sem poder ajudar!

Os Essa não podiam esperar para contar ao Detaclyver, mas aspiravam coisas maiores primeiro.

Buscaram o segundo estrangeiro.

Onde estava? Não havia como descobrir, uma vez que não possuía aroma de magia. Os Essa, portanto, enfiaram-se em todas as cavernas das Griddas, passando pelas sentinelas sonolentas dos túneis. Alguns Essa se perderam, não conseguindo, de jeito nenhum, achar o caminho para o lado de fora. Um número ainda menor encontrou o buraco onde o menino, sentado, era guardado por duas estranhas criaturas voadoras. Cautelosamente, eles deslizaram para junto dos prapsis.

Os prapsis pulavam num pé e noutro, imaginando o que fazer.

Os Essa tocaram nos seus rostos de bebê e sentiram suas mentes.

— Vocês conseguem carregá-lo? — perguntaram.

— Ele é pesado demais — gemeu um prapsi.

Os Essa pousaram sobre Eric para testar seu peso.

— Sim, demais — disseram.

Era quase amanhecer. Flocos de neve tão no fundo do mundo seriam notados na luz. Eles queriam ficar com o segundo estrangeiro e confortá-lo, mas não havia tempo. Tinham de voltar para contar ao Detaclyver. Ele saberia o que fazer.

Estavam cansados demais? Quase o dia todo... E estavam tão cansados. Se o vento tivesse mudado de direção nunca conseguiriam batalhar a volta.

Beijando os prapsis, beijando Eric e uns aos outros, os Essa subiram as paredes da cela.

6

## SERPANTHA



Com o romper do dia, as infantas que cercavam a torre de Heebra voltaram a seus túneis para descansar. Rachel estava exaurida demais para reparar. A sós na câmara, afinal extinguiu o fogo e encontrou um lugar para aliviar-se e massagear as coxas doloridas. Umas aranhas correram ali pelo chão, deixadas para morrer por suas jovens proprietárias negligentes. Arrastando-se para longe delas, Rachel deitou-se. Não se sabe como, dormiu.

Pouco tempo depois, Gultrathaca entrou na torre-olho. Observou Rachel um instante, acompanhou seu peito a subir e descer. Finalmente deixou cair comida numa de suas mãos. A comida era viva: um roedor.

Acordando, Rachel o espantou.

Gultrathaca apanhou o roedor pela cauda. Tornou a oferecê-lo.

— Com nojo? É a mesma comida que as Griddas comem.

— Não quero.

— Mas você precisa. Como vai lutar direito sem força?

Rachel olhou o roedor. Sentia uma fome imensa, mas sabia que, mesmo que o animal — semelhante a um rato — estivesse morto, só o poderia comer se estivesse morrendo de fome. Uma Gridda não hesitaria, ela se deu conta. Comerá qualquer coisa.

Para ter alguma chance contra elas, preciso ser assim, pensou Rachel. Preciso ser capaz de comer essa coisa que parece um rato.

Estendeu a mão, depois a deixou cair. Não conseguiria comer o roedor. Quando teve essa certeza, toda a sua coragem precária pareceu lhe faltar.

Não serei capaz de sobreviver mais este dia, pensou.

A imagem de Eric lhe veio à mente. Quase gritou. O que dissera Gultrathaca ontem? Mate-se, antes que descubramos alguma coisa... Rachel invocou seus encantamentos. Chamou aqueles que a ajudariam a pôr um fim em sua vida. Eles recuaram. Até mesmo suas mortes recuaram. Nenhum dos encantamentos estava disposto. Amavam-na demais.

Gultrathaca soltou o roedor, deixando que corresse a um canto.

— Você sobreviveu a uma noite com as infantas — disse. — Muitas das líderes de bando não esperavam por isso. Nem *eu* esperava por isso.

Um elogio? Rachel ignorou-a. De pé, ereta, alisou a roupa. Pensou em Heiki, nos espectros, nos pais e em todos os demais na Terra cuja existência de alguma maneira poderia depender de como ela se comportasse hoje. Obrigou-se a olhar para Gultrathaca.

— Quando vai começar a prova?

— Imediatamente. A não ser que você precise de descanso primeiro.

Sim, pensou Rachel, é *disso* que eu preciso. Mas, ao contrário, disse:

— Se eu sobreviver à prova, o que acontece?

— Acho que sabe a resposta.

— Simplesmente vai haver outra prova, não é? E outra. Até eu estar morta.

— Fico satisfeita de ver que você entende. Vou lhe dar um tempo para preparar-se.

As aranhas de Gultrathaca seguiram-na para fora da câmara-olho.

Quando a última saiu, Rachel caiu no chão, em colapso.

Conseguiria escapar? Não. Não sem poder deslocar-se magicamente, voar ou mudar de forma. O que fazer? Implorar misericórdia? Como poderia um apelo por compaixão ter resultado com Gultrathaca?

Os melhores encantamentos de Rachel tentaram encorajá-la. Disseram-lhe o quanto se orgulhavam dela e que estavam preparados, não lhe faltariam. Enquanto ouvia suas palavras, Rachel se perguntava como fora um dia capaz de sobreviver sem eles, antes de saber que possuía mágica.

Suas mortes, porém, falavam de modo diferente.

Afinal, diziam, ela *estava* sendo observada.

Sua prova era uma oportunidade para as Griddas julgarem a capacidade de todas as crianças, não só a dela.

Lute!, argumentavam. Provavelmente só haverá uma chance de impressionar. Convoque todos os seus recursos!

Deveria? No momento em que Rachel deu às mortes uma fração de sua atenção, estas levantaram-se dentro de seu cérebro, matadoras que eram.

Talvez, disseram, se você lutar com ferocidade, com suficiente talento, discernimento e imaginação, e se for brutal, direta, as Griddas

possam vir a pensar duas vezes antes de desafiar as crianças da Terra. Ou, pelo menos, podem adiar, dando a Heiki, aos espectros e sentinelas mais tempo para se prepararem. Não é por isso que você está aqui?, lembraram-na. Não é por isso que Albertus Robertson deixou você partir, quando isso era a última coisa que queria?

Rachel ouvia. Perguntava-se quantas Griddas teria que matar para impressionar Gultrathaca. Seria capaz de fazê-lo? Deveria fazer amizade com suas mortes por um dia?

Rachel botou de lado a fome, o cansaço e as desculpas. Sondou seu coração. Tentou invocar a ausência de misericórdia.

Um grupo de observadoras precedeu o reaparecimento de Gultrathaca.

— Está pronta?

— Sim.

— Então me acompanhe.

Enquanto desciam a escada, Gultrathaca disse:

— Pretendo fazer sua primeira prova com uma jovem.

— Não uma infanta — Rachel logo respondeu. — Quero enfrentar uma adulta.

Gultrathaca concordou, apreciando.

Quando saiu da torre de Heebra, Rachel viu que Griddas de todas as idades estavam reunidas para assistir à prova. Será que as Griddas eram capazes de identificar uma expressão humana de medo? Rachel não era capaz de escondê-lo totalmente, mas fez o melhor que pôde. Levantando o queixo, mantendo-se ereta, atravessou a neve.

Gultrathaca abriu os braços.

— Escolha uma oponente.

Rachel olhou em volta. Para ela, todas as caras de Griddas eram iguais: maciças, de pontas duras, amedrontadoras.

— Qualquer oponente?

— Qualquer.

— Então escolho *ocê*, Gultrathaca.

Assim que Rachel disse o nome, os encantamentos de morte ergueram-se como sombras cruas em seus olhos. Ela não os fechou. Queria que Gultrathaca visse as mortes. Precisava de tudo contra aquela Gridda, o melhor e o pior de sua magia.

— Bem — Gultrathaca disse. — Uma honra inesperada. Vejo que suas mortes estão preparadas, ainda que *ocê* não esteja.

Assegurando-se de que o maior número possível de Griddas escutasse, Rachel disse:

— *ocê* tem todas as vantagens, Gultrathaca. Eu ouvi *ocê* falar de honra. Se isso quer dizer alguma coisa, permita que eu escolha a prova. Vou lutar contra *ocê* onde mora o Detaclyver. Vou lutar com *ocê* lá.

Gultrathaca hesitou, depois viu sobre ela os olhos das outras Griddas, líderes de bando, na expectativa. Elas entenderam o desafio lançado por Rachel.

— Concordo — disse Gultrathaca. — Uma prova particular, então. Mas aviso, Rachel: *ocê* pode pensar que encontrou amigos nos Essa, mas eles não são páreo para uma Gridda experiente.

Gultrathaca deu um passo atrás. Um sorriso tenso, exaltado, espalhou-se pelo seu rosto. Através das mandíbulas, as aranhas corriam, frenéticas.

— Devolva-me os meus outros encantamentos! — exigiu Rachel.

Gultrathaca tocou nela, bem embaixo do olho.

— Não tudo — disse ela. — Agora, pode voltar a voar. Mas não será possível transportar-se nem mudar de forma. Não vou permitir que você escape dessa maneira. E, caso tente voar para qualquer outro lugar que não seja o Detaclyver, será morta. Nós seremos escoltadas, ambas.

Gultrathaca selecionou uma dúzia de Griddas adultas para ir com elas. A metade cercou Rachel.

— Só será permitido a uma de nós duas deixar o Detaclyver viva. Se você usar qualquer encantamento antes de estarmos no interior do Detaclyver, a escolta a mata. Você está pronta?

Não, Rachel pensou.

— Sim! — gritou ela.

Gultrathaca aspirou as aranhas e balançou no céu que clareava.

Apontando para o sul as poderosas ancas, a escolta de Griddas foi na frente. Atravessaram a fronteira da cidade. Voando em ritmo, entraram pelo interior das planícies nevadas de Ool. Durante um tempo, algumas infantas as seguiram, tentando manter o passo. Sua mágica imatura, porém, não era páreo para a das Griddas mais velhas e logo ficaram para trás, os gritos angustiados perfurando as nuvens por quilômetros.

Depois disso, ouviu-se apenas um som — o vento batendo nas coxas da escolta de Griddas.

O movimento de Gultrathaca era confiante, sua velocidade impressionante. Sem saber o que mais fazer, Rachel ia atrás dela, poupando sua força para o que viesse. Dirigiram-se ao mar Prag e, em algum ponto daquela região remota, Rachel desejou de todo coração sentir o toque do sol de verdade. A aurora de Ool oferecia pouco sol. Não havia calor, conforto de cor, nada que repelisse a escuridão do céu.



Ela tentou não olhar para as Griddas. Sua presença espantava: os braços destramente esticados à frente, o pêlo marrom achatado com o vento, os corpos flexíveis dobrados — físicos de força assustadora.

Finalmente, Rachel viu avolumarem-se os promontórios do Detaclyver.

E, antes dele, como uma amurada atravessando o mundo, giravam os poderosos furacões.

As Griddas foram diretamente a eles. Não havia intervalo entre os furacões. Gultrathaca gritou, então, uma ordem e elas puseram-se de lado.

Aproximando-se, Rachel era apenas uma mancha mutável. Rajadas de vento ensurdecedoras lhe batiam nos cabelos, roupas, olhos. Instintivamente, enfiou a cara no peito e levantou as mãos para se proteger. Com isso, o rugido cessou. Ficou tranqüilo, pacífico, sem vento, sem frio. Rachel olhou em volta. As Griddas todas haviam passado os furacões. Só ela ficara.

Os furacões gentilmente fecharam-se em torno dela.

Rachel espantou-se, ouvindo, ah, o que era? Estendeu as mãos, mergulhou os dedos nos tufões. A sensação não era de vento, nada parecido com vento. Os furacões a abraçavam. E naquele abraço, Rachel sentiu sua inteligência. Sentiu sua ansiedade, com medo de machucá-la. E a das Griddas, cujos encantamentos os escravizavam. Acima de tudo, no entanto, Rachel sentiu seu amor: o amor magnífico, forte, grave, temerário, por seu antigo parceiro, o Detaclyver. Por todo o tempo de que eram capazes de se lembrar as Altas Bruxas e as Griddas os mantiveram separados. Famílias inteiras de tufões foram enraizadas na Terra, forçadas a impedir o movimento do Detaclyver. O incessante, doloroso arrastar-se para diante do Detaclyver não era mais que o desejo de estar mais perto de seus companheiros.

Rachel banhou o rosto nos tufões, querendo ficar ali para sempre. Virou-se para olhar para cima, como se olhos humanos a estivessem

contemplando.

— Ajudem-me — disse. — Ajudem-me. Estou com medo.

Uma tristeza terrível gemeu através dos tufões. Seus ventos seguraram-lhe a cabeça, mas disseram:

— Não podemos. Os elos de encantamentos são por demais numerosos para serem rompidos. Temos de passá-la para a frente. Não podemos segurar você.

Rachel agarrou-se aos ventos, querendo permanecer lá dentro — e como os tufões o desejavam também! —, mas os encantamentos escravizadores eram muito poderosos. Com um suspiro final de despedida, os ventos a fizeram avançar. Durante alguns instantes Rachel ficou deitada, do outro lado, a tremer.

Então viu o Detaclyver.

O Detaclyver jamais fora dominado por encantamento de criatura alguma. Entendia exatamente o que as Griddas fizeram com seus amados furacões, e à medida que Gultrathaca e sua escolta aproximavam-se, seus picos alongavam-se, formando farpas que pareciam punhais.

As Griddas reagiram imediatamente. Tentando confundir o Detaclyver, voaram em diversas direções pelo céu, oferecendo-lhe muitos alvos. Gultrathaca desceu mais, procurando um ponto de entrada na pele do Detaclyver. Encontrando, mergulhou direto e, abrindo caminho a mordidas, serpeou lá dentro.

Assim que desapareceu, grandes enxames levantaram-se no céu: os Essa.

Com longos impulsos empurravam as Griddas remanescentes, mantendo-as longe de Rachel. Outro grupo cercou a própria Rachel. Carregaram-na rumo ao Detaclyver, as asas mínimas batendo em boas-vindas.

— Entre! Entre! — gritaram.

— Mas Gultrathaca, ela está...

— Não! Não! Acredite em nós! Entre, suba e vá longe!

Ao verem Rachel hesitar, os Essa tentaram fazer com que ela acreditasse neles. Ela sentiu as preocupações deles com tudo: com ela, o Detaclyver, Eric, os prapsis. Vidas minúsculas, movidas pela esperança — Rachel se deu conta. Como podiam os Essa sobreviver num mundo tão duro? Então, explorando a magia deles, logo viu que nenhuma outra criatura precisava mais dela. Os Essa só se mantinham unidos pela mágica. Navegavam usando magia, encontravam-se uns aos outros como ela; no frio absoluto, no gelo da noite de Ool, não havia outra saída para seres tão frágeis.

Rachel parou de resistir. Deixou que os Essa carregassem seu corpo através da abertura no Detaclyver.

— Cuidado! Cuidado! — gritaram os Essa.

— Vocês não... Vocês não vêm comigo?

— Não! Não!

Os Essa posicionaram seus corpos na entrada, impedindo a passagem das outras Griddas.

— Agora o Detaclyver vai cuidar de você. Vá! Vá até ele! Entre!

Rachel voou ali dentro cautelosamente. Não havia sinal de Gultrathaca. Esperando penetrar em pele e cartilagem, Rachel encontrou, em vez disso, uma espécie de túnel. Passou por seu rosto um ar fresco, que quase a fez cair. Em seguida, ar quente, mais abafado, a banhou pelas costas.

Não é túnel, seus encantamentos explicaram. Um capilar: um tubo que carrega o ar através do corpo do Detaclyver.

Rachel botou um pé adiante — deu um passo. Uma luz suave no chão do capilar iluminou o caminho à frente. Outro passo. Mais luz. Outro. Assim, subiu o capilar até alcançar uma bifurcação. Esquerda ou direita? A luz cintilou à esquerda.

Estão me mostrando onde devo ir, deu-se conta. O Detaclyver sabe que estou aqui. Será capaz de me sentir? E se eu correr? Vou correr!

Rachel saiu correndo. Confiando totalmente no Detaclyver, perdeu-se. Só a luz a guiava. Gradualmente, os capilares alargaram-se e Rachel viu-se descendo, a correr, amplas alamedas muito iluminadas. Quando dobrou uma esquina, uma figura bloqueou o caminho.

Gultrathaca.

De cara, Rachel não discerniu. Brilhava sobre Gultrathaca uma luz tão forte que nem mesmo a menina conseguia suportar. Os olhos-escudos de Gultrathaca encontravam-se meio fechados. Diversas de suas observadoras espojavam-se cegamente pelo chão.

— O Detaclyver fez o que pôde para impedir — disse Gultrathaca, com voz rouca. — Mas eu vejo você. Ainda vejo!

Rachel procurou um meio de passar por ela. Não podia avançar — Gultrathaca bloqueava com o corpo a saída. Havia por ali, no entanto, pequenos atalhos. Levavam para fora do capilar principal, embora nenhum estivesse iluminado. Quando Gultrathaca correu na direção dela, Rachel tomou o primeiro.

Imediatamente, debaixo dos seus pés, o chão se abriu em pontas.

Uma armadilha.

Rachel caiu no chão. Quando tentou levantar, sentia apenas cãibra nas pernas. Olhou os tornozelos. As pontas já retrocediam. Deixaram buracos minúsculos. O que estava acontecendo? Rachel não sentia dor. Não sentia nada — uma ausência de sensação.

Seus encantamentos de informação tentaram explorar os tornozelos. A mente enevoada, porém, enevoava também os encantamentos. Iam aos lugares errados. Com enorme esforço, Rachel conseguiu sentar-se.

Gultrathaca estava de pé em cima dela.

— Adeus, Rachel — disse ela. — Aprecie a felicidade. Deixei-lhe isto.

E afastou-se a galope.

Durante um tempo Rachel conseguiu ouvir o passo pesado de Gultrathaca. Depois esqueceu Gultrathaca completamente. Uma estranha sensação tomava seu corpo. Era uma sensação de profundo contentamento. Alguma vez já se sentira tão feliz? Seus encantamentos compreendiam que alguma coisa estava errada, mas não conseguiam lembrar o quê. Rachel sabia que devia estar sentindo os efeitos do veneno, mas não tinha desejo de lutar contra ele, não mais.

O veneno entrou em seu coração, e ela não se importou.

Finalmente, deixou completamente de se preocupar. E, quando isso aconteceu, seus encantamentos também desistiram. Os melhores — os encantamentos que, por toda a vida de Rachel, tanto se preocuparam com ela, mesmo nos momentos em que nem sabia que existiam — também pararam de se importar. Sua bela luz abandonou os olhos dela.

Deitada de lado, Rachel botou as mãos debaixo da cabeça. Os olhos queriam fechar-se. Ela deixou. Já não podia mexer-se. Não tinha importância. Os lábios abriram-se, frouxos, conforme os músculos do queixo relaxaram sob a influência mortífera final das toxinas.

Estava morrendo.

Gultrathaca esquecida. Yemi esquecido. Mamãe, papai, Eric. Tudo.

# F PAIXÃO



Eric estava sentado de pernas cruzadas no chão da cela. Os prapsis não falavam há muito tempo.

— Como estão vocês, meninos? — murmurou ele. — Estão muito quietos.

— Estamos bem, Eric — disseram ao mesmo tempo. — Perfeitamente bem.

— Deviam ter me acordado mais cedo. Eu mandei vocês me acordarem.

— Nós não estávamos cansados. Nós não estamos cansados. Olhe.

Os prapsis abriram as asas para mostrar o quanto ainda se encontravam em forma. Nenhuma vez reclamaram desde que se encontravam na cela. Eric lhes acariciou as nucas, como gostavam, pensando nos Essa. Pequenos flocos. Seres como a neve. Se não tivesse visto ele próprio os Essa, em sua viagem a Thûn, ia achar que os prapsis tinham enlouquecido.

Poderia esperar ajuda da parte deles?

Não, pensou. Não faça isso. Pare de se agarrar à esperança de que alguma coisa ou alguém vai salvá-lo. Desta vez sequer podia contar com Rachel. Sabia disso porque conseguia senti-la — um aroma mágico distante, que mal se prendia à vida. O que estaria acontecendo com ela? Também sentia outro aroma: uma vida em equilíbrio ainda mais precário que a de Rachel. Pertencia a Serpantha.

Então?, perguntou-se Eric. O que vai fazer a respeito? O que  *você*  vai fazer?

A manhã inteira, absorto, pensara em Larpskendya. O que quis dizer o Mago quando falou que tudo poderia vir a depender dele agora?

O que sou, afinal?, pensou Eric. Apenas um menino comum, sem magia alguma. Sequer capaz de escalar esta pequena cela pateticamente rasa. Qualquer criança hoje em dia é capaz de fazer um encantamento básico de cura, mas eu não. De modo que os prapsis têm de tolerar o frio...

Poderia fazer alguma coisa que afetasse as Griddas? O esboço de um plano formava-se na mente de Eric. Por demais inalcançável, porém, para ser levado a sério.

Pelo menos as experiências haviam cessado por algum tempo. A manhã foi de paz até o retorno de uma Gultrathaca gravemente ferida. Fosse o que fosse o que lhe acontecera, logo retomou as experiências. Desta vez, notou Eric, usou Griddas, embora estas não se aproximassem. Na verdade, era o contrário: por um motivo qualquer, as Griddas disparavam encantamentos sobre ele de uma distância ridícula, bem além de Ool.

Os prapsis exibiam olheiras. Apesar dos protestos de Eric, não dormiram nada, sempre de olho na porta ou no telhado aberto.

— Aposto que querem voar, não? — disse, tentando animá-los. — Devem estar entediados, presos aqui dentro, sem poder voar. Vão! Dêem uma volta por aí!

Brevemente, eles dispararam em volta da cela. Embora, visivelmente, só para fazer a vontade de Eric: Logo voltaram a ele. Um observava a porta da cela enquanto o outro inclinava a cabeça redonda na direção de Eric.

— Você deve estar com fome — disse ele.

— Não — mentiu o prapsi. — Você está?

— Não, eu estou bem.

Os dois olharam para o outro lado.

— Está com frio, Eric?

— Não, nem um pouco.

— Posso ficar perto de você, se quiser.

— Tudo bem, mas não porque eu esteja com frio, hein?

O prapsi apertou-se de encontro ao rosto de Eric. Um olho nele, o outro, observando o alto vazio.

— Ela está vindo de novo — sussurrou o prapsi, vendo movimento.  
— Gultrathaca.

— Eu sei — respondeu Eric. — Não se preocupe. Estou preparado para ela.

Gultrathaca aproximou-se da cela de Eric. Sem movimentos repentinos. Sem assustá-lo. Sabia com que rapidez sua antimágica seria capaz de demolir um corpo cheio de magia.

Enquanto caminhava, aranhas curadoras continuavam com os reparos nela. A fúria do Detaclyver! Teve sorte de escapar de seu corpo! E os Essa a assombraram até a metade do mar Prag.



Alcançou a abertura acima da cela e ali ficou, virada para baixo. Eric! Quase gostava do garoto. Como a desafiava! Diferentemente de Yemi, Eric não sorria nem queria brincar. Escarnecia gloriosamente. Ao fitá-lo, naquele momento, raiva e amargura maravilhosas avivavam seus traços.

— Vai descer, então, sua bruxa! — desafiou ele.

— Daqui a pouco — respondeu Gultrathaca, recompondo-se.

Ela pensou no dom especial de Eric. Viu-o amadurecer diante de seus olhos. Não a capacidade de destruir mágica. Aquilo já era um bocado marcante. Ainda mais marcante, porém, era *a distância a que* ele conseguia detectar mágica. Nenhuma Bruxa nem Mago chegava perto. Para testá-lo inteiramente, lançara magia de muito longe, prolongando os encantamentos de suas Griddas de maneira jamais solicitada.

Não importava a que distância, Eric detectava cada encantamento que vinha.

As ambições de Gultrathaca aumentavam a cada novo teste. Como, porém, obteria sua cooperação? Bem. Quem sabe conseguisse? Eric não era como Yemi. Yemi era impossível de manipular. Mas a Eric se podia assustar. Já não o colocara num mundo de medo? Era hora de libertá-lo inesperadamente daquele medo.

Se eu lhe oferecer esperança para a irmã pensou Gultrathaca, vai querer acreditar. Se eu lhe prometer segurança, especialmente para os prapsis, aceitará, agradecido.

Mesmo assim, à beira da cela, Gultrathaca hesitava. Seria tão fácil avaliar mal a situação. Esta requeria uma delicadeza que ela não tinha.

Haveria mentiras em meio às coisas que ela lhe diria. Entre as mentiras todas, estaria uma importante. Será que Eric se daria conta?

Controlando a própria ansiedade, Gultrathaca inclinou-se e olhou para baixo.

Eric retribuiu o olhar desafiadoramente.

— O que é agora? — disse, com desprezo. — Quem vai sacrificar desta vez? Covarde! Por que não tenta *ocê* me atacar? Pensa que está em segurança aí em cima, fora de meu alcance?

— Sei que *ocê* é capaz de me atingir — disse Gultrathaca, com a voz mais suave de que foi capaz. — Mas, por favor... não faça isso. Nada mais será lançado para machucá-lo. Prometo. Concorde *ocê* ou não em me ajudar, não haverá mais ataque de qualquer espécie.

— *Promete, é?* Adivinhe se acredito em *ocê*!

— Eu vou descer.

— Mato *ocê* se o fizer! Estou falando sério.

— Quando ouvir minha oferta, não vai querer me matar. Eu pretendo soltá-lo, Eric.

Ao ver que tinha a atenção dele, Gultrathaca flutuou para um canto da cela, mantendo as observadoras em suas covas, para não o alarmar.

Eric cruzou os braços.

— E?

— Eu vou libertá-lo — disse Gultrathaca. — E vou entregar Rachel de volta a *ocê*.

— Entregar morta, *ocê* quer dizer.

— Não. Viva, Eric, e sem ferimentos. Eu garanto.

— Oh, aposto que sim!

A voz de Eric estava cheia de sarcasmo, mas por dentro, lá dentro, uma louca esperança irrompeu. Ele a combateu. Sabia que Gultrathaca apenas jogava mais um jogo.

Que atrevida!, pensou.

Fitando-a, repentinamente odiou Gultrathaca com mais intensidade do que jamais odiara qualquer coisa em sua vida. Que ela lançasse mais Bruxas contra ele! Desse modo poderia, pelo menos, permanecer zangado, insultar, meio que enlouquecer. Aquela súbita versão nova de Gultrathaca, porém, gentil... Se a escutasse, se permitisse, mesmo que por um segundo, acreditar em que ali poderia verdadeiramente estar uma saída, um final feliz

— ele jamais teria coragem de levar adiante o próprio plano pela metade.

Aquele plano era a única coisa que o impedia, até ali, de desmoronar.

— Não vou mais machucar você — disse Gultrathaca.

— Deixarei você ir, Eric. E libertarei Yemi e Fola também. Libertarei a todos. Vocês poderão voltar à Terra. As Griddas não os perturbarão outra vez. Nós... é minha culpa... cometemos um erro terrível ao tratar com toda a sua raça. Perdoe-me.

Eric concordou, como se estivesse ouvindo. Na verdade, imaginava como seria bom se o corpo de Gultrathaca murchasse feito um saco. Via-o como um sebo no chão. Não era uma imagem à toa. Eric era capaz de realizá-la. A magia das Griddas assemelhava-se à das Altas Bruxas. Gultrathaca tentara proteger dele os seus encantamentos. Ele, porém, conseguia ver através dela.

Ela não tinha idéia de que tormentos ele poderia introduzir nela.

Sem certeza de como proceder, Gultrathaca tentou elogiá-lo.

— Você nunca usou seus talentos completamente antes, Eric, usou? Veja como se tornou mortal! Não é mais aquele apontar de dedos infantil. Você já não tem necessidade de apontar dedos para destruir encantamentos.

Eric se deu conta de que Gultrathaca tinha razão — e também da falta que sentia dos dedos apontados, que faziam parte dele. Pertenciam a

uma versão mais antiga de si próprio, que queria de volta.

— Em troca por libertar você — disse Gultrathaca — não vou lhe pedir que traia os Magos nem sua própria espécie. Estou pedindo uma coisa simples, quase nada. Quero que me ajude a encontrar o mundo-prisão das Griddas.

— O quê?

Gultrathaca espalhou as garras no chão de pedra.

— Botei você aqui por um motivo. Esta cela fica num dos túneis originais. As primeiras gerações de Griddas moraram aqui. Eram exatamente como as Altas Bruxas, na época, com a mesma ânsia por vôo. E foram amontoadas aqui dentro, no escuro, para que seus olhos crescessem ou murchassem, enquanto as Altas faziam com elas, conosco, diversas experiências.

Eric sabia que Gultrathaca afinal contava uma versão da verdade. Conseguia sentir a pegada dos encantamentos das Griddas antigas. Estavam gravados nas rochas das quais elas tentaram escapar.

— A maior parte das Griddas sempre viveu no mundo-prisão — prosseguiu Gultrathaca. — As Altas não queriam muitas de nós estragando Ool.

Baixando a voz, desviou dele o olhar, do jeito como vira seres humanos fazerem ao expressar sentimento profundo.

— O mundo-prisão é um lugar terrível — disse. — As Griddas ficam acorrentadas. Umhas poucas Altas Bruxas as guardam e alimentam. Agora, porém, que nós tomamos Ool, duvido de que isso esteja ocorrendo. Nossas Griddas devem estar morrendo lá.

Eric, observando Gultrathaca atentamente, nada disse.

— Sei que você é capaz de sentir magia a distância considerável, Eric. Tudo o que peço é a sua ajuda para encontrar esse mundo-prisão. Há

encantamentos que o ocultam. As Altas fizeram isso para ocultá-lo dos Magos, mas também mantiveram secreta a localização do planeta para nós. Você sabe onde fica?

Gultrathaca fez a pergunta num tom tão casual, de passagem, que Eric compreendeu sua importância de imediato. Tentou ler a expressão de Gultrathaca. Era de tristeza? Não distinguia se a tristeza era real ou fabricada em função dele. Via, porém, Gultrathaca tremendo. Quanto a isso não havia dúvida.

Deixou-a esperando. Em seguida, disse:

— Sim, eu sei onde fica.

Gultrathaca mal se conteve. Desejara, mas não chegara a acreditar em que seu talento fosse capaz de descobrir localidade tão distante. Tinha de ser Orin Fen! Nenhum outro mundo possuía encantamentos de guarda como aqueles. Estaria a localização do planeta dos Magos a seu alcance, afinal?

— A que distância fica... o... mundo-prisão? — ela perguntou, a voz embargada com o esforço de manter-se firme.

— Por que deveria lhe contar?

— Você... você não vai me contar?

— Não. Porque se o fizer, você vai me matar. Vai simplesmente mandar aqui para dentro um animal qualquer sem magia para me despedaçar.

— Não, Eric, não farei isso. Eu...

— Cale a boca! — disse Eric. — Deixe-me pensar.

E andou para lá e para cá pelo chão da cela. Murmurava com os prapsis. Deitou-se, pôs as mãos atrás da cabeça, fingindo relaxar. Depois, levantou-se, foi até Gultrathaca e gritou no máximo de sua voz:

— Não vou lhe contar, mas lhe *mostrar* onde fica, se você mantiver a promessa a respeito de Rachel, Yemi, Fola e Serpantha!

— Mantereí — o peito de Gultrathaca arfava.

Eric olhou-a com ferocidade. Via o quanto ela podia lhe dar agora, qualquer coisa que pedisse.

— Ou talvez seja melhor eu não lhe mostrar — disse ele. — Em vez disso, vou lhe dizer uma coisa: concordo em pensar sobre o assunto. Só isso. E enquanto penso, quero um lugar melhor para ficar. Quero algo mais bonito.

— É claro... é claro, Eric. O que você quiser.

— Vou lhe dizer o que quero, sua bruxa! Quero que aqueça este lugar e dê a mim e aos prapsis uma refeição decente!

Gultrathaca concordou vigorosamente.

— Então vai nos ajudar?

— Dou a resposta quando estiver preparado. Saia.

Gultrathaca jamais fora tratada de maneira tão ofensiva. Suas mandíbulas ardiam de vontade de matar Eric, mas aquele prazer teria de ser adiado. Sem querer irritá-lo ou dar-lhe motivo para mudar de idéia, estendeu a pata, sem jeito, à moda humana de se despedir.

— Simplesmente vá embora e deixe-me em paz — ordenou Eric, virando-se.

Queimando de raiva, Gultrathaca recolheu as garras e saiu correndo da cela.

Assim que se foi, Eric começou a tremer. Que modo de falar! Viu o quanto ela o queria matar! Como fora capaz de fazer coisa tão perigosa? Aquilo, porém, provava que ele era importante para ela. Eric andou em

volta da cela um tempo, a mente distraída, tentando se acalmar. Os prapsis o acompanharam.

— Logo teremos comida — Eric disse a eles. — Coisa boa. Também teremos este lugar aquecido.

— Não confie em Gultrathaca — um dos prapsis disse, correndo para manter o passo.

— Griddas, não acredite nelas, elas mordem — o outro sussurrou.

— Psiu — fez Eric. — Quietos, já. Eu sei.

Olhou as paredes, a mente muito longe. Seu plano poderia não ser tão impossível, afinal. Gultrathaca tinha as próprias esperanças, altas, mas as de Eric eram igualmente ambiciosas. Ele permaneceu imóvel durante um tempo considerável, observado pelos prapsis agitados.

— Está pensando sobre o quê? — um inquiriu. — O que é que você está elaborando?

— Nada — disse Eric. — Absolutamente nada. Cortava-lhe o coração nada dizer aos prapsis sobre o que estava planejando, mas como poderia?

— Eric, não faça nada que deixe as Griddas zangadas — implorou um. — Agora somos melhores, melhores guardas. Nós vamos guardar você melhor que antes.

— Eu sei que vão — sussurrou Eric, reunindo-os. — Está tudo bem. Gultrathaca não vai mais me machucar. Ela não vai machucar nenhum de nós.

Ali de pé, olhando para as paredes, nem por um instante Eric acreditou em coisa alguma do que Gultrathaca dissera. Sabia que ela não libertaria Yemi. E mesmo que libertasse Rachel, seria somente para assassiná-la quando ela não fosse mais útil.

Mas estaria Gultrathaca falando a verdade sobre o planeta das Griddas aprisionadas?

Possivelmente. Assim que o mencionou, ele procurou, através da mágica aquele mundo distante, e o descobriu. Havia proteções em torno dele, e encantamentos de invisibilidade. Que encantamentos magníficos! O que mais poderiam ocultar senão Orin Fen? Eric penetrou nos encantamentos de invisibilidade. Sabendo que os Magos sempre esconderam Orin Fen, esperava encontrar não Griddas, mas a mágica de milhões de Magos no mundo embaixo. Surpreendentemente, não havia nenhum ali. E claro, os Magos provavelmente esconderiam seu aroma. Eric, porém, tinha certeza absoluta: se houvesse algum Mago, seria capaz de detectá-lo — não importa o que fizesse para se esconder.

No planeta não havia um Mago sequer.

De modo que talvez Gultrathaca realmente pretendesse levá-lo a um mundo cheio de outras Griddas.

Eric desejava que fosse assim. Era exatamente o que queria.



## URSINHOS FLUTUANTES E OUTRAS BELEZURAS



Envolta no enredamento final do veneno, Rachel não notou. Só seus persistentes encantamentos de informação, ainda ouvindo por ela, escutaram o som. Parecia subir de um poço no fundo do mundo: um vento quente, aromático, forte.

O sopro do Detaclyver.

Naquele sopro, montados, vinham os Essa.

Não precisavam bater as asas. O Detaclyver lhes dava toda a velocidade de que necessitavam, impulsionando os pequenos corpos ao longo dos capilares. Chegariam a tempo? Chegariam? Ajudaram antes, quando as Griddas tentaram ferir o Detaclyver com tais venenos, mas este novo ser era muito mais delicado.

Através dos capilares. Além dos pulmões, acima, acima, acima.

Os Essa encontraram Rachel deitada de lado, as veias do rosto enegrecidas pelo veneno.

Sem considerar o perigo para si mesmos, pularam dentro de sua boca semi-aberta.

— Depressa! Depressa! Só os mais jovens! Descendo a garganta, lá se foram voando os Essa menores, espremendo-se artérias adentro. Seus corpos absorventes sugaram os venenos. Quando enchiam-se até quase explodir, os jovens subiam tontos pelas vias respiratórias de Rachel. Caindo sobre a roupa dela, cuspiam fora o veneno — e voltavam para buscar mais. Longas ondas deles entraram e saíram continuamente até os efeitos mais prejudiciais das toxinas serem removidos.

Então, cansados, tontos e orgulhosamente sustentados pelos mais velhos, os Essa jovens pairaram no ar, a poucos metros de Rachel. Não queriam assustá-la.

Gradualmente, a pele de Rachel retomou um tom mais saudável. A face fria tornou a mexer-se à medida que as terminações nervosas voltavam à vida. Quando estava pronta, os Essa ajudaram a abrir suas pálpebras. Ela piscou, e os Essa — timidamente — piscaram de volta.

Rachel os reconheceu. Levantou um pouco a mão — e aquilo bastou aos Essa em termos de convite. Imediatamente, suas vozes animadas encheram os pensamentos dela, cumprimentando-a, dando seus nomes. Tocaram ternamente o rosto dela, inquiridores e ansiosos.

— Ei, devagar, devagar! — Rachel disse, meio rindo. — Digam-me... Digam-me quem são vocês. Falem de vocês.

Os Essa não falaram. Só queriam falar do Detaclyver. Rachel ficou sabendo que este, antigamente, andava livremente pelo mundo. Ool era mais quente nessa época e o Detaclyver vagava por onde o capricho levava, as bordas ondulantes, acompanhado dos majestosos furacões e seus constantes companheiros, os Essa. A chegada das Altas Bruxas mudou tudo isso. Durante séculos, forçaram o Detaclyver a voltar ao sul do mundo. Escravizaram os furacões, enquadraram os peixes em oceanos de gelo e puseram-se a construir as cidades de torres-olho.

Se as Bruxas, porém, esperavam que o Detaclyver renegasse os furacões, enganaram-se. O Detaclyver reagiu lutando. Levantava-se, em direção às cidades, agarrado às fundações. As Bruxas tentaram matá-lo de fome. Tentaram congelá-lo, livrando Ool completamente do sol que o aquecia — substituindo-o por neve de inverno incessante.

Nem isso estancou o Detaclyver ou seus determinados Essa. Indo completamente contra seus desejos, decidiram-se por uma forma de combate: tornarem-se eles próprios como a neve. Os Essa fizeram isso modificando seus corpos. Por mais tempo do que eram capazes de lembrar esconderam-se dentro da neve, defendendo, amando. Defendiam o Detaclyver onde podiam e amavam os furacões — sussurrando palavras de conforto através dos longos anos sombrios, de maneira que os furacões ficassem sabendo que o Detaclyver jamais os abandonara.

Enfim, quando as Griddas dominaram as Altas Bruxas, os Essa sentiram esperança. Mas nada mudou. As Griddas simplesmente continuaram as agonias infligidas pelas Altas Bruxas.

Rachel permaneceu imóvel, ouvindo os Essa, permitindo que seus encantamentos de cura tratassem dos restos de veneno. Assim que se sentiu capaz, levantou-se, cambaleando.

— Você não está preparada — os Essa disseram, segurando-a pelo braço.

— Tenho de estar. Meu irmão, Eric... tenho que encontrá-lo.

— Eric?

Os Essa formaram com os corpos um esboço de Eric deitado, as cabecinhas dos prapsis perto.

— Sabem onde ele está? — perguntou Rachel. — Vocês... Conseguem encontrá-lo?

— Sim, mas não ainda, não ainda!

— Não podemos esperar — disse Rachel. — Temos de encontrar Eric logo. Ele não tem magia alguma. Não vai sobreviver se...

— Não! Não!

Os Essa, apanhados entre querer confortar Rachel e um outro propósito, agitaram-se.

— O que é? — perguntou Rachel.

Os Essa criaram uma nova forma. Os de matiz mais escuro juntaram-se em pontos onde o marrom teria empoeirado as asas. Alguns enfileiraram-se como antenas: uma borboleta.

— Yemi! — ela abriu a boca de espanto.

Os Essa giraram no ar excitados, contando-lhe o que sabiam.

— Vamos encontrá-lo, é claro — disse Rachel. — Mas, se Yemi sobreviveu esse tempo todo, apesar das Griddas, ele é capaz de cuidar de si mesmo. Eric precisa...

— Não, Yemi primeiro! Yemi! — insistiam os Essa. — Sussurros. Ouvimos todos. Sussurros nos túneis, não entende? Ele não vai viver. Ele não pode. As Griddas não vão deixar!

Rachel pensou depressa. Eric e Yemi estavam ambos cativos sob Thûn. Como ela poderia chegar lá?

— Não consigo mudar de forma, nem me deslocar magicamente — contou aos Essa. — Mas posso voar. Se eu viajar lá fora, no ar, vocês me esconderiam? De algum modo me cercariam?

Os Essa responderam.

— Sim — disseram. — Durante algum tempo. Diversos bateram asas ao fundo do Detaclyver para

comunicar a decisão. Quando voltaram, todos os Essa se prenderam ao corpo de Rachel.

— Upa! — disseram. — O Detaclyver vai dar a partida para nós!

Das profundezas subterrâneas, a muitos quilômetros de distância, um imenso diafragma abriu e fechou. Rachel sentiu os pés subirem. Sua magia a equilibrava, resistindo. Dançando no novo vento, os Essa lhe pediram que não resistisse.

Rachel deixou-se ir — e o poderoso sopro a apanhou.

Lado a lado, ela e os Essa viajaram, ganhando velocidade. Em seguida, subiram, distanciando-se no alto. Um pico balançou e partículas de gelo caíram em chuva. Os Essa riram de Rachel, que quis cobrir a cara, pois nenhuma daquelas partículas a tocou. Para cima, para cima, sempre mais para cima. Finalmente: a luz pálida do céu. Justamente antes do Detaclyver impulsioná-la, Rachel teve um momento de contato direto com o cérebro dele.

Ele lhe ofereceu tudo: paixão, todos os seus desejos ardentes.

Então ela se viu no céu. Tremendo com os sentimentos — e escondida pelos corpos unidos, determinados dos Essa — Rachel foi para o norte, rumo a Thûn.

Sobrevoou os furacões. A seu modo grandioso, os furacões viraram-se, para não dar sinal às Griddas do que vinha vindo. Contornou a beira do mar Prag, onde peixes espiavam o alto através do gelo. Quando o sopro do Detaclyver amainou, os encantamentos de vôo de Rachel tomaram a si o encargo. Envolvida pelos Essa, ela viajou nos céus mais altos onde era menos provável que olhos inimigos a vissem. Foi só quando entrou nas nuvens sobre as planícies de neve que conduziam à Thûn que as primeiras Griddas começaram a aparecer. O vento também virou, de modo que os Essa viajaram na direção contrária à da neve de verdade.

— Não é mais seguro voar — avisaram os Essa.

— Mas ainda estamos tão longe de Thûn! Temos de chegar mais perto que isso.

— Lá está...

Os Essa pararam. Rachel os sentiu tremer.

— Desça, desça — disseram.

Imitando o movimento natural da neve que cai, Rachel flutuou até o chão. Quando pousou, pôde ver que os Essa se esforçavam para baixar a voz. Preocupavam-se com ela. Tinham enfrentado os túneis dos huraks muitas vezes, mas Rachel era grande demais para esconder-se. Os gatos azuis com certeza a encontrariam. Seus hálitos a botariam para dormir, como as aranhas das Griddas... Relutantes, os Essa contaram a Rachel dos túneis de huraks sob a planície. Alguns desses túneis levavam diretamente a Thûn.

— Existe algum outro caminho? — perguntou, diante da ansiedade dos Essa.

— Não, mas nós vamos acompanhá-la — afirmaram, sem hesitação.

Rachel quis abraçá-los quando disseram isso, mas como é que se abraça uma coisa tão pequena sem a esmagar?

Os encantamentos de informação de Rachel procuraram debaixo da neve. Num ponto um túnel quase rompeu a superfície. Ela correu por cima.

— Fiquem perto de mim — disse, usando magia para cavar e atravessar a neve, moendo a rocha embaixo.

Quando o primeiro feixe de luz do túnel bateu em seus olhos, Rachel recuou. O túnel era de um azul ultramarino estonteante.

— Por que tão claro?

— Griddas não gostam — explicaram os Essa. — Por isso.

Em pequenos grupos, flutuaram à frente de Rachel, para serem os primeiros a se deparar com os perigos.

— Não, não façam isso — disse Rachel. — Fiquem atrás de mim. Vou usar meus encantamentos.

Determinados a olhar adiante, alguns treparam em sua testa. Os Essa remanescentes guardaram a retaguarda ou posicionaram-se nos seus braços, com o propósito de ver o que poderia surgir dos túneis laterais. A roupa de Rachel lhes transmitia uma sensação estranhamente sedosa. Enfiaram-se nos pontos da costura, testando as pernas minúsculas para ver se conseguiriam movimentar-se sobre o tecido. Quando ficaram satisfeitos, Rachel usou um encantamento para apressar a queda e botar os pés no chão — dando o primeiro passo.

Rapidamente tomou a direção norte. Os túneis dos huraks, porém, nunca mantinham o mesmo rumo por muito tempo. Estavam cheios de armadilhas para as Griddas: laços, pontos cegos, inúmeras covas, pregas, silêncios. Às vezes eram manchas escuras — locais perfeitos onde se deitar à espreita... Os encantamentos de informação de Rachel a guiavam. A cada virada os Essa esperavam que ela fosse posta para dormir pelo hálito de algum hurak traiçoeiro. Mas não havia sinal dos gatos azuis.

Rachel avançava agachada, ocasionalmente voando, nas partes mais retas onde conseguia ver à frente. Os Essa ficavam mais perplexos à medida que aproximavam-se do perímetro da cidade. Onde estavam os huraks? Jamais deixavam seus túneis assim sem proteção! Um grupo de Essa desceu um afluente que fazia ligação com os túneis das Griddas.

— Vazios! Também vazios! — retornaram relatando. — Sem Griddas!

Deixando para trás os túneis dos huraks, entraram em novos espaços — as redes residenciais das Griddas. Ali havia túneis largos e cavernas espaçosas. Tudo vazio. Voando, Rachel atravessava, com disposição, caverna após caverna. Delas saíam rastros recentes de Griddas.

Todos — centenas de milhares de patas impressas — virados na mesma direção: rumo ao coração de Thûn.

— Escute — falou um Essa. Rachel nada ouvia.

— Armadilhas para pegar comida — explicaram os Essa. — Deveríamos ser capazes de ouvi-las. Nunca fazem silêncio, nunca se calam. Criaturas sempre chamando pelas crianças. O que significa isso?

Rachel soltou encantamentos de informação. Quilômetros adiante e em toda a volta não havia criatura viva de nenhuma espécie.

— Todos os animais foram-se também — constatou ela. — Tudo.

— Muitos não têm pés nem asas — disseram os Essa. — Como foram?

— Para onde levam todos esses rastros?

— Fundo, ao fundo — disseram os Essa. — Os Níveis de Avaliação. Yemi está lá!

— Segurem-se em mim, com toda a força.

— O que vai fazer?

— Confiem em mim.

Os Essa ancoraram os pés na roupa de Rachel. Meteram-se em seu cabelo. Depois de presos firmemente, os olhos dela soltaram lampejos azuis. A cor era tão intensa que brilhava mais que os próprios túneis dos huraks. Quase com medo os Essa a contemplaram.

Dando total liberdade a seus encantamentos de vôo, colocando toda a fé na sua magia, Rachel seguiu as trilhas das Griddas pelas profundezas.



## OS ESPECTROS



Enquanto aguardava a decisão de Eric, Gultrathaca fez uma visita a uma antiga participante do bando: Jarius, a destituída, caída em desgraça, corrompida.

O que lhe acontecera no período breve de tempo em que ficou sozinha com Yemi? De início, quando Jarius foi arrastada da Câmara de Avaliação, Gultrathaca pensou que Yemi lhe teria passado algum tipo de infecção humana. Na verdade, Jarius jamais estivera tão saudável. A velha Jarius fora uma infeliz, cheia de medos. A versão mais recente era mais equilibrada; deixou a guarda alarmada. Algumas até escutaram seu discurso de concórdia e fim da guerra.

Quando Gultrathaca chegou à solitária, Jarius surgiu das sombras, com sua recém-descoberta serenidade.

— Bem-vinda, irmã — disse.

— Você não é minha irmã — falou Gultrathaca, frustrada, humilhada pelo fato de ela continuar existindo.

Naturalmente, diversas vezes tentou matar Jarius, mas foi impossível. Yemi — mesmo da distância da Câmara de Avaliação — a

protegia com o mesmo fervor com que protegia Fola.

Jarius sacudiu a cabeça tristemente.

— A poderosa Gultrathaca! Vejo que se envergonha de ver aqui de pé, a desafiá-la, companheira de um menino cuja felicidade você sequer consegue arranhar. Pense de modo diferente, não sou sua inimiga, irmã.

— Ah, é!

— Não. Olhe em volta. Fala-se abertamente entre a guarda. Infantas demais. Os túneis estão transbordando. Confusão irrompendo em toda parte. Bando contra bando atrás de espaço. É insuportável. Eu mesma escutei infantas. Voam pelos túneis inquietas, rindo das adultas, tentando provocar uma reação. Como vai ser quando você perder o controle, Gultrathaca? E então?

Gultrathaca sorriu.

— Não se preocupe comigo. Eu ainda tenho o controle.

— Tem? Você mal consegue controlar a si mesma. Sei o que sente, Gultrathaca. Necessidade de combate, de violência, de sangue. Ficou inativa tempo demais. Como o resto das Griddas, não pode esperar para lutar. É isso o que dirige suas ambições contra Magos e crianças, nada mais. Entendo porque também sinto. Afinal esse desejo nos foi incutido pelas Altas Bruxas. Podemos, entretanto, escapar desse apelo. Yemi me mostrou outra maneira de viver.

— Não venha com a sua paz para cima de mim — indignou-se Gultrathaca. — Em vez disso, combata-me! Sem a assistência do menino! Eu retiro a guarda.

— Por que é incapaz de entender? — disse Jarius. — Pare de pensar continuamente em termos de conflito, você contra mim, os bandos contra Yemi, Griddas contra crianças. Veja além dos túneis! Não só os Magos se colocam contra as Griddas. Toda a raiva que ferve em Ool está se virando contra nós. O Detaclyver nunca esteve tão ativo. Há Essa nas profundezas.

Huraks ameaçam os túneis do lar. Enquanto há tempo, encontre Rachel. Faça o que puder para encontrá-la.

— Rachel está morta.

— Não, está viva, irmã. Viva. Gultrathaca tentou ocultar o choque.

— Yemi sabe mais que as suas próprias escoltas — disse Jarius. — Encontre Rachel. Liberte-a. Faça um pacto de paz com as crianças da Terra e os Magos. Eles desejam isso, genuinamente. Não há outra saída.

— Prefiro morrer — silvou Gultrathaca.

— Eu sei. Isso é que é terrível. — Não.

Gultrathaca aproximou-se.

— O que é terrível, Jarius, é que você esqueceu a glória da guerra. Eu já mandei uma força de invasão à Terra. Ela matará todas as crianças e adultos daquele mundo.

— Matá-los com que finalidade? Guerra com que objetivo? E mesmo que seja bem-sucedida, o que virá em seguida para as Griddas? Simplesmente continuarão em busca de novos inimigos, matando para sempre? É esse o grandioso destino que Gultrathaca oferece aos bandos?

— Uma vida de luta é tudo o que qualquer Gridda procura — Gultrathaca respondeu. — Não há honra mais elevada. Uma vez você pensava assim.

— Acha que os Magos permitirão? Jamais. Todas as Griddas poderão ser mortas. Está preparada para ser a causa disto? O que lhe dá o direito de tomar essa decisão?

Olhando Jarius, Gultrathaca viu sua preocupação em convencê-la, sua ansiedade em relação a tudo e a todos. Era a mesma expressão que Gultrathaca vira em Fola, Rachel e outras crianças da Terra. Aquilo a enojava.

— Mesmo que sejamos todas mortas, haverá primeiro um combate magnífico — disse a Jarius. — Que importa o que vai se seguir? Por que querer ver além da próxima batalha?

— Esses não são os seus pensamentos. Isso nos foi ensinado pelas Altas.

— Nesse sentido, ensinaram bem.

Quando Gultrathaca se preparava para ir, Jarius implorou:

— Não lidere os bandos contra a Terra. Será um horrível massacre.

— Horrível? Horrível? Ai, Jarius, tenho pena de você. Está esterilizada a ponto de não tremer de alegria diante da perspectiva de uma batalha? Guerra é o que eu quero, o que todas nós queremos. E não apenas guerra contra a Terra. Você tem razão quanto às infantas: elas *estão* inquietas. Para ocupá-las, vou precisar oferecer algo especial, e é o que pretendo. Eu lhes darei também os Magos. Eu lhes darei o mundo de Orin Fen.

— Você não o encontrará. As Altas nunca encontraram.

— As Altas não tinham Eric.

Enfim — enfim! — Gultrathaca viu um tremor de incerteza na cara de Jarius.

Recostado na nova cama, Eric decidia.

Sua segunda cela era melhor que a antiga, bem melhor. Gultrathaca lhe arranhou cadeiras confortáveis e cobertores quentes. Eric não tinha dúvidas de que lhe teria dado um brinquedo de pelúcia se pedisse. Até travesseiros de babados tinha. Não conseguia, porém, se resolver. Será que Gultrathaca realmente achava que ele ficaria impressionado com travesseiros de babados?

Sim, pensou. Ela achava. Ela não o entendia, absolutamente.

Bom. Isso queria dizer que seu plano tinha uma chance.

Pousou as mãos de leve nos prapsis. Cada um tinha uma pequena almofada particular na cama. Em casa, provavelmente, estariam brigando — quem ia ficar com qual almofada. Mas, ali não. Sequer estavam interessados nelas. Só queriam ficar perto de Eric. Normalmente, seguiam-no a toda parte. Nas últimas horas, no entanto, tornaram-se inseparáveis. Quando Eric se levantava, dentro da cela, para se esticar, eles se espreguiçavam junto. Se andava para lá e para cá, eles também andavam para lá e para cá. Se decidia voltar a se acomodar na cama, como agora, ficavam deitados a seu lado, em silêncio, sem nunca tirar dele os olhos azuis.

— Vocês estão bem, meninos? — ele perguntou, no meio dos dois.

— Sim, Eric — respondeu um prapsi. — Mas você não está. Você não está nada bem, não é?

— Ah, eu estou ótimo.

— Não, Eric, você não está ótimo.

— Já chega. Fiquem quietos agora — murmurou Eric. E eles ficaram.

— Tem alguma coisa que você queira, Eric? — um perguntou, depois de algum tempo.

— Só a companhia de vocês. Descansem um pouco agora. Eu fico dizendo isso a vocês o tempo todo. Vocês não escutam mais uma só palavra do que eu digo?

Os prapsis ficaram em silêncio. Eventualmente, um disse:

— Nós vamos fazer o que você quer.

— Sim, nós faremos qualquer coisa para você, Eric — o outro disse.

— Eu sei. Eu sei que farão, meninos — respondeu Eric, a voz quase tremendo.

E pensou: e terão que fazer; vou precisar pedir tudo a vocês agora.

Os dedos rolando e enrolando as penas dos prapsis, Eric obrigou-se a mais uma vez repassar seu plano. Nisso, o medo o abateu. Tentou ignorá-lo. Tentou, em vez disso, cultivar seu ódio das Griddas. Foi capaz de pensar com mais clareza quando fechou tudo o mais, deixando apenas esse ódio.

Seria *capaz* de executar o plano? Toda vez que Eric pensava nele, sua mente se punha de lado, aterrorizada. Para ganhar confiança, ele tornava a lançar seus talentos de detectar encantamentos. Lá estava: aquele grande mundo estranho tão atraente para Gultrathaca. Era mesmo um planeta-prisão cheio de Griddas? Talvez. Sinais misturados como Griddas e Altas Bruxas vazavam dele, mas não de Magos; nem uma vez ele detectou um Mago.

O plano, o plano. Recapitulou repetidas vezes o que tinha de fazer.

Griddas viviam embaixo de Thûn. Viviam também embaixo das duas outras imensas cidades de Ool, separadas por grande distância. Eric nada sabia a respeito desses outros lugares, mas isso não o impedia de atingir as Griddas que lá moravam, e cada impulso de sua mágica. Gultrathaca pensava que elas estavam a salvo. Pensava que, se as Griddas mantivessem distância de Eric, este não as poderia prejudicar. Na primeira cela, essa foi a parte mais dura — esperar até o último momento possível para agir contra cada ataque. Esperar até que alcançassem a cela. Seu espectro era na realidade bem mais amplo do que imaginava Gultrathaca. Por outro lado, não fosse ela o testar daquelas distâncias, ele próprio jamais teria descoberto isso. Seu alcance era vasto. Conseguiria envolver na destruição cada Gridda de Ool. Naquele momento, deitado na cama, a cabeça pousada no travesseiro, podia matá-las todas.

Pensar nisso o intoxicava e enjoava!

Destruir todas as Griddas de Ool era uma coisa. O plano de Eric, entretanto, era muito mais abrangente. Ele planejava também destruir as que se encontravam no mundo-prisão. Convenceria Gultrathaca a trazer o maior número de Griddas possível. Quando estivessem suficientemente próximas do mundo-prisão, abarcaria também todas as outras.

E pensava: mesmo que eu não seja capaz de destruir a todas, pelo menos vou danificá-las, feri-las gravemente. Estarão a grande distância de casa, longe demais para poderem voltar a Ool.

Deu-se conta do quanto eram terríveis esses pensamentos. Ultrajantes. Sabia disso. Era uma coisa horrível o que planejava fazer. Mas, Eric lembrou a si mesmo, *tinha* de pensar assim. Larpskendya não dissera que tudo agora poderia depender dele? Quem mais iria lidar com aquelas Griddas apavorantes? Não havia mais ninguém. Os Essa não voltaram; Serpantha era apenas um fiapo de vida num calabouço longínquo. Quanto a Rachel — Eric a sentia aproximando-se velozmente de Thûn, e ninguém conhecia melhor que ele o que ela era capaz de fazer... Contra um mundo de Griddas, porém, que chances ela teria?

Melhor ele mesmo agir, antes que ela morresse tentando salvá-lo.

— Não tem mais ninguém — disse a si mesmo. — Você tem que fazer. Você.

O que mais o aborrecia era o fato de não haver chance de poupar os prapsis. Se seu plano desse certo, se ele matasse todas as Griddas, ele e os prapsis teriam de morrer no espaço com elas. Eric não compartilhou essa informação com os prapsis. Não queria amedrontá-los ainda mais. Lá estavam, a seu lado. Jamais precisava procurar por eles — tensos, sempre olhando para fora, observando a porta. Quantas vezes a vigilância deles o mantivera a salvo? Quantas vezes a simples crença que tinham nele o impedira de perder o ânimo?

— Não importa — disse, com lágrimas nos olhos. — Eu posso fazer isso. Eu preciso.

Falara alto, sem querer. Olhando os prapsis embaixo, os viu a retribuir o olhar, com olhos trêmulos.

— Fazer o quê, Eric, você vai nos contar?

— Não posso.

— Eric, conte-nos!

— Ah, não posso. Não posso!

Sem poder agüentar mais, Eric pulou da cama.

— Estou pronto! — berrou ele. — Tomei a decisão. Digam a Gultrathaca que quero falar com ela.

A mensagem foi transmitida. Quando Gultrathaca entrou em sua cela, parecia boa, cheia de consideração e respeitosa, como jamais a vira antes.

— Nós ainda não conseguimos encontrar Rachel — disse ela, desculpando-se.

Eric a interrompeu.

— Suponho que cumprirá sua palavra. Não agüento mais ficar aqui. Se vamos a esse mundo-prisão, que seja agora.

— As Griddas estão prontas — disse Gultrathaca. — Eu mesma protegerei você. Nada lhe acontecerá, prometo.

Eric sequer olhou para ela.

— Espero que você tenha um grande exército.

— Devo levar a maior parte das Griddas. A que distância fica?

— A grande distância. Gultrathaca concordou.



— Você está fazendo uma coisa boa, Eric.

— Sim — respondeu Eric, a voz turva. — Eu sei.

Gultrathaca deixou Eric, tremendo de excitação e apreensão. Teria sido bem-sucedida? Mal ousava perguntar-se. Depois de instruir as líderes dos bandos a fazerem os últimos preparativos da partida, retirou-se para a solidão do próprio túnel por um tempo. Um exército fora despachado a caminho da Terra. Ameaçaria as crianças e ocuparia a atenção de pelo menos alguns Magos.

Seria ela capaz de controlar os bandos remanescentes? Realmente a seguiriam toda a distância até Orin Fen?

Enquanto esperava que o exército principal se reunisse, Gultrathaca foi ver Yemi pela última vez. Para chegar à Câmara de Avaliação, precisava passar por centenas de criaturas dos túneis. A fila de animais que, a essa altura, se dirigia a ele, amontoava-se junto a quase todas as entradas. Entre eles, cada vez mais huraks mortíferos. Aparentemente, todos os gatos azuis, em muitos quilômetros à volta, assombravam os túneis.

Dúzias de Griddas cansadas a olharam no olho quando Gultrathaca apareceu no umbral. Só manter Yemi dentro da Câmara era um trabalho exaustivo. Nenhum bando de Griddas conseguia permanecer mais que umas horas se ele desejasse de fato testá-lo. Iam embora sempre desanimadas, os encantamentos de contenção — que levaram anos a aperfeiçoar — destruídos.

Quando um turno saía, abatido, Yemi acompanhava as Griddas à porta, conversando, bem-humorado. Ao ver Gultrathaca, saltou pelo chão, oferecendo-lhe seu inocente sorriso costumeiro.

Aquele sorriso que enfurecia! Como Gultrathaca passara a detestá-lo!

— *Sere* — disse ele.

— Não — ela respondeu. — Não tem mais brincadeira. E pensou: você ganhou os jogos todos. Não temos mais nada com que atacar você.

Yemi chamou um dos companheiros hurak sempre presente. Saltando às suas costas, usou as orelhas do animal como leme. A besta alta, totalmente mansa, sonhadora, virava-se ao seu toque.

Gultrathaca agora odiava tudo o que dizia respeito a Yemi. Tinha também medo dele. Só um tolo não teria medo daquilo que não é capaz de ameaçar. Olhou seu crânio delicado, frágil, com vontade de morder... Só que, é claro, os huraks a impediriam. Ou, no caso de falharem, a magia dele impediria.

E a magia de Yemi *já* lhe falhava.

Gultrathaca desistira de usar Yemi como arma. Era só questão de tempo — sabia — ele escapar. Então, o que aconteceria? Sem dúvida, ele voltaria à Terra. Eventualmente as crianças, ou os Magos, encontrariam uma maneira de extrair seu poder incomensurável. Isso não podia ser permitido. A única opção que restava era matá-lo — antes que ele inviabilizasse até mesmo essa possibilidade.

Ela conseguiria? Os recursos da Câmara de Avaliação em si eram formidáveis. A isso, poderia adicionar um ataque combinado das Griddas mais eficientes. Baseada em suas observações de Yemi e em tudo o que aprendera numa vida de luta, Gultrathaca calculava que, se um número imenso delas o atacasse ao mesmo tempo, Yemi não sobreviveria. Dera aos bandos uma vantagem sobre ele: Yemi já não era capaz de transportar-se magicamente. Secretamente, ela utilizara o contato dele com Jarius para limitá-lo. Será que ele teria se dado conta disso? Provavelmente não. Mas logo se daria. Novos bandos o esperavam do lado de fora da Câmara.

Perto de Yemi, Fola tomava conta do irmão, como sempre. Ela o pegou.

— Por que não nos solta? Por quê? — disse, zangada, a Gultrathaca. — Eu gostaria que Yemi machucasse você! Eu disse isso a ele, mas ele não

entende o que você é!

— Penso que logo virá a entender — Gultrathaca disse. — Quando vir a quantidade de Griddas que estou juntando para atacá-lo.

— O que quer dizer?

Fola deu uma olhada rápida em Yemi. Seu sorriso costumeiro havia se apagado. Com gestos rápidos, ele fez sinal aos animais. Todos os que se encontravam dentro da Câmara correram a cercá-lo.

Com imensa satisfação, Gultrathaca o olhava fixamente. Finalmente apagara o sorriso daquela cara! Os animais estavam frenéticos. Quando Gultrathaca deixou a Câmara, e viu a expressão desanimada de Yemi, já não sentia qualquer medo dele.

À tarde, os bandos começaram a reunir-se nos pontos de partida designados. Uma névoa laranja amarronzada difundia-se pelos céus sobre Tamretis e Gaffilex enquanto as Griddas partiam aos milhões. Para ver a saída dos bandos de Thûn, Gultrathaca voou ao topo da torre-olho de Heebra. Hora após hora, bandos surgiam dos túneis e ultrapassavam as nuvens. Fazia saltar o coração de Gultrathaca acompanhar as infantas. Voltaram a aceitar ordens. Agora que tinham pela frente a perspectiva do espaço e motivo para amedrontar-se, sem reclamar postavam-se junto às Griddas mais velhas. Pelo menos aos bandos voltara disciplina de verdade.

Com grande orgulho Gultrathaca levantou as patas. Um grupo que passava a cumprimentou com um grito áspero. Esquecidas da incerteza, outras Griddas juntaram-se a essas, inclinando-se majestosamente para reverenciar Gultrathaca antes de partir. Ela as acompanharia, mas não partiria imediatamente. Havia uma coisa a fazer antes.

Gultrathaca forçou o caminho através dos animais para a Câmara de Avaliação. Quando entrou, Yemi olhou para ela, no alto, sem mais sorrir.

Milhares de Griddas haviam cercado a Câmara, todas com um propósito.

— Assim que os bandos partirem — Gultrathaca disse a elas —  
matem-no.

20  
LIBERDADE



A uma velocidade tremenda, que mal controlava, Rachel voava ao longo dos túneis das Griddas, no fundo de Thûn.

Alguns túneis encontravam-se obstruídos, de modo que virava o corpo de lado para passar. Outros — reservados às líderes de bando, de mais elevada categoria — eram como cavernas. Todos estavam vazios. Mais que vazios. Rachel detectava, acima de si, eventos que precisava entender: uma enorme partida de vidas e magia.

Navegando sobre um buraco no chão de um túnel, parou.

— Não! — os Essa disseram. — Yemi está mais adiante.

— Esperem.

Rachel ajoelhou-se. Um aroma familiar subia do buraco. Normalmente, seus encantamentos de informação o teriam captado muito antes. Mas o aroma estava enfraquecido, terrivelmente diminuído.

— Serpantha — sussurrou ela.

Todos os Essa ficaram em silêncio. Quando Serpantha chegara, secretamente, aos céus de Ool, quiseram segui-lo nos ventos. Ia, porém,

depressa demais. Não puderam manter o passo. Olharam por cima dos ombros de Rachel, piscando no escuro.

— Sei que Yemi precisa de nós — disse ela. — Mas não vou deixar Serpantha. Temos que ir até ele.

Os Essa se consultaram brevemente, flutuando parte da descida pelo buraco.

— Ele não está sozinho. Há Griddas também.

— Eu sei.

Rachel espiou lá embaixo pelo buraco. Descia, vertical, mais de meio quilômetro. Cheiros úmidos subiam numa corrente.

— Recém-nascidas — disseram os Essa. — Esse é o cheiro delas, o cheiro dos níveis do berçário. Por que Serpantha está com elas?

— Não sei — disse Rachel. — Vamos descer. Vacilante, ela foi à borda do buraco, balançando os pés, enquanto se acalmava.

— Primeiro os pés — disse.

Os Essa tomaram posições nos laços de seus sapatos ou sobre os dedos, à frente, prontos para confrontar o que quer que encontrassem lá fora. Uma vez posicionados, apertaram-se de encontro a ela.

— Vá em frente, vá em frente — disseram.

— Não se soltem de mim.

— Não nos soltaremos — prometeram.

Lentamente — usando sua mágica como freio — Rachel deslizou buraco abaixo. Depois de longa descida, caíram de um cano. Os Essa logo se projetaram, protetoramente. Adiante se encontravam os planos úmidos dos berçários.

Rachel abriu rapidamente as entradas.

Normalmente, haveria ali milhares de jovens Griddas buliçosas, para recebê-la, aos gritos irrefreáveis da vida nova. Em vez disso, havia somente um pequeno número de recém-nascidas. Estas olharam para cima com franca curiosidade quando viram os estranhos, jovens demais para sentir medo. Algumas, na verdade, ainda mordiam a casca do ovo para sair ou, recém-saídas, andavam aos tropeços pelo chão escorregadio. Num canto, um emaranhado de irmãs parecia empenhado numa brincadeira.

Não era brincadeira, Rachel se deu conta. Nessas infantas estava o cheiro de Serpantha.

Correu para lá com os Essa. A recém-nascida mais próxima silvou e outra, gostando do som, a imitou.

Com fúria, Rachel gritou:

— Afastem-se dele!

Levantou em sua volta um véu de força de que nem mesmo as recém-nascidas duvidaram. Estas fugiram para um túnel secundário.

Rachel e os Essa ficaram a sós com Serpantha.

Os lábios do Mago estavam atados por um fio de encantamentos. Os Essa ajudaram Rachel a removê-lo. Fizeram isso com muita delicadeza, evitando cortá-lo ainda mais. Dentro de sua boca havia mais fio. Quando retiraram o último de sua língua, Rachel ouviu os antigos encantamentos de Serpantha suspirarem de alívio.

Vivo!, Rachel se deu conta. Vivo!

Os Essa voaram alegremente em torno de Serpantha, querendo entrar em seu corpo. Tiveram, porém, medo dele estar frágil demais e machucarem-no.

Toda a radiante beleza interna deixara os traços de Serpantha. Seu rosto petrificado com os venenos e encantamentos das Griddas estava cinza. Os olhos, fechados; as mãos, presas; os dedos, muitas vezes amarrados com o fio de encantamento. Enquanto Rachel o removia, captou os cheiros dos últimos ataques ao Mago. Vieram da parte das infantas que acabava de botar para correr. No fim, Gultrathaca simplesmente deitou Serpantha numa plataforma de pedra para as recém-nascidas treinarem com ele.

Rachel perguntou-se: ousaria levantá-lo? Botou o ouvido de encontro a seu peito, escutando o coração. Lento e irregular, ainda murmurava. E uma outra coisa vivia com ele: assim que sentiram o toque de Rachel, os encantamentos de Serpantha viram que ela estava ali. Exultantes, gritavam:

— Cure-o! Socorra-nos! Socorra-nos!

Os Essa não esperaram por Rachel. Adentraram, flutuando, a boca de Serpantha. Era tamanho o estrago que não tinham idéia de onde começar. Devagar, ouvindo, puseram-se a trabalhar. Deixaram que os encantamentos de Serpantha os aconselhassem. Eventualmente, eles voltavam a aparecer.

— Pode movimentá-lo agora — disseram a Rachel. — Mas com cuidado.

A túnica azul-piscina de Serpantha estava imunda. Rachel botou o braço esquerdo por debaixo de seu corpo, preparando-se para levantá-lo. Ficou admirada com sua leveza — praticamente nenhum peso. Era como se a única coisa que mantivera o Mago inteiro aquele tempo todo fosse a grandeza de sua mágica.

Como deveria carregá-lo? Parecia errado fazer qualquer outra coisa que não fosse segurá-lo com ambos os braços, mas Rachel precisava ser mais prática. No fim, puxando-o à cintura, facilmente prendeu-o ali com uma das mãos.

— Você precisa dos dois braços — disseram os Essa. — Nós o carregaremos. Deixe-nos!



Quando Rachel foi entregar-lhes Serpantha, os Essa começaram a pular no ar, sustentando uns aos outros no alto.

— O que é? O que é? — gritavam.

Nunca em sua vida Rachel sentiu algo igual: encantamentos, milhares deles. Encantamentos por toda parte, um ataque mortal das Griddas. Ela cambaleou, mal conseguindo absorver. Não era ataque de uma Gridda a outra, nem mesmo de bando contra bando. Era um leque, uma concentração de encantamentos em escala inimaginável!

Todos os encantamentos se concentravam num único ser.

Yemi.

Rachel o sentiu. A grandeza de sua magia, levada a um desespero súbito, pulsava como um gerador em meio aos aromas menores das Griddas. Mas havia ali milhares de Griddas; havia Griddas demais. Puxando Serpantha junto a si, Rachel voou para fora das cavernas de berçários. Não precisou de magia para rastrear Yemi; bastaram os gritos de guerra das Griddas. Eles a levaram para o alto — Yemi tentava escapar.

— Segurem-se a mim! — Rachel disse aos Essa.

Seus encantamentos de vôo lhe deram toda a velocidade na subida dos túneis em espiral. Enquanto ia, passava por Griddas doidas para alcançar a terra em cima. Mais no alto ainda, os túneis que davam na superfície estavam tão cheios de Griddas que nem mesmo a magia de Rachel era capaz de abrir caminho para atravessar. Ela teve que diminuir a marcha — o suficiente para as Griddas detectarem-na e virarem.

— Não tente passar por elas voando — os encantamentos de informação aconselharam. — O caminho mais rápido não é pelos túneis.

— Qual o caminho, então?

— Diretamente para o alto.

A rocha em cima era dura, mas não tão dura que pudesse resistir à magia de Rachel. Ela a rompeu e atravessou. Escudando a cabeça de Serpantha com as mãos, irrompeu na superfície. Os Essa seguiram. Durante uns instantes fecharam os olhos com a luz repentina.

Depois viram a quantidade de Griddas.

— Depressa! Depressa!

Alguns dos Essa martelavam os lábios de Rachel. Queriam estar dentro dela naquele momento, onde lhe poderiam dar melhor assistência caso fosse ferida. Rachel deixou-os entrar pela boca, mal notando as ligeiras cócegas na garganta. Os Essa remanescentes formaram uma defesa à frente dela, dizendo palavras firmes para encorajá-la.

Num tom mais baixo, Rachel ouviu outra voz. Era fraca, abafada, uma voz humana: a de Yemi.

Os Essa o procuravam freneticamente. Rachel sabia onde ele se encontrava. No alto do céu cinza metálico. Yemi não podia ser visto porque estava afogado pelas Griddas. Centenas delas, em bandos bem organizados, o atacavam.

Havia barulho na terra. Quando Rachel olhou para baixo, não pôde acreditar no que via. Todo ponto onde uma Gridda tentava deixar um túnel estava sob sítio. Animais felinos imensos tomavam todas as posições em torno de cada saída de túnel: os huraks. Não importa onde aparecesse uma Gridda, os gatos azuis a atacavam, cortando grandes vazios em suas fileiras.

Então, um movimento à parte atraiu o olho de Rachel, e depois outro.

Ela sacudiu a cabeça, tentando compreender.

Não só os huraks vieram em socorro de Yemi. Ao lado, de pé, encontravam-se roedores. Mordendo as patas das Griddas, insetos. Tentando confundi-las, bichos dos túneis. Até o musgo arrastara-se das

profundezas. Aquelas criaturas inibidas que, normalmente, jamais deixavam a escuridão dos túneis, em sua devoção a

Yemi, vinham agora. Enfrentando a agonia da luz, jogavam os pequenos corpos contra as Griddas. As criaturas de Ool contorciam-se através de fendas, deslizavam das neves e vinham do ar. Do sul, chegaram Essa, ventilados pelo hálito do Detaclyver.

Apesar do castigo, as Griddas continuavam fustigando Yemi. Com Essa agarrados às mandíbulas, sem parar o atacavam, variando encantamentos, em ondas compridas e insistentes.

Rachel elevou-se na direção delas. Quando as Griddas a detectaram — dois bandos — mais de cem Griddas — destacaram-se do grupo principal para enfrentá-la. Compreendendo de imediato o que tinham de fazer, os Essa tiraram Serpantha de Rachel — e o carregaram em segurança para o outro lado do céu.

Rachel não parou para pensar. Assim que seus braços ficaram livres de Serpantha, mergulhou dentro do grupo principal, em torno de Yemi. Atacou com força inquebrantável e toda a capacidade de sua magia. Não conseguiu atravessar — mas provocou um momento de incerteza.

E aquilo foi o bastante. Yemi aproveitou a chance. Libertou-se.

Magnificamente, subiu acima das Griddas.

O coração de Rachel deu um pulo quando ela viu pela primeira vez a cabeça dele, depois sua camiseta laranja vivo e o short largo. Com um braço dobrado, dispensou diversas infantas; com o outro, segurava Fola. As Griddas sufocavam Yemi, seguindo-o, tentando separá-lo da irmã. De início, Rachel pensou que Yemi poderia escapar. No momento seguinte, seus encantamentos de informação lhe trouxeram de volta um relato da pouca força que restava a ele. Depois de tantos ataques, mesmo a magia extraordinária de Yemi estava fraca.

— Yemi, desloque-se magicamente! Por que não se transporta? — gritou.

E em seguida entendeu: ele não conseguia.

— Venha para perto de mim! — gritou, correndo em direção dele. — Oh, Yemi venha na minha direção!

Ele ouviu. Mesmo no meio das Griddas que guinchavam, Yemi ouviu sua voz. Voltou os olhos imperturbáveis na direção dela. Com isso Rachel sentiu novos encantamentos. Encantamentos de proteção. Yemi os enviava. Pensando que Rachel precisava de sua assistência, usava o resto de suas forças para protegê-la.

— Não! Não! — gritou-lhe Rachel. — Eu não quis... Pare! Não foi isso o que eu quis dizer!

Yemi ficou confuso. Rachel aproximava-se demais das Griddas. Por quê? Por que ela não voava para longe? Segurou-a por trás, ao mesmo tempo em que continuava mandando mágica para escudá-la.

— Não, não faça isso! Não! — berrava Rachel. — Yemi! Um grupo de Griddas lançou um forte combinado de encantamentos contra ela. Rachel foi lançada para trás, e não teria sobrevivido sem a assistência de Yemi.

O ataque, no entanto, tirou as forças dele. Yemi não foi capaz de sustentar sua proteção. Finalmente, foi obrigado a optar entre proteger Rachel ou Fola. Não conseguia optar. Era demais.

Desequilibrou-se — e as Griddas o dobraram.

Rugindo triunfalmente, rebocaram e sacudiram Yemi pelo céu. Duas infantas aproveitaram a oportunidade. Pegaram Fola, arrastando-a para as Griddas da superfície.

Yemi soltou um grito — uma voz fraca, perdida. Sem acreditar, olhou a mão que segurava Fola. Então, veio atrás da irmã. Ainda mantendo suas proteções em torno de Rachel, adentrou os bandos de Griddas na terra.

Os huraks tentaram alcançá-lo, mas não conseguiram. Rachel foi impedida de chegar pelas Griddas. Foi preciso toda a força dela para simplesmente sobreviver aos seus ataques. No horizonte, os Essa cansados que carregavam Serpantha quase foram apanhados por um bando de infantas.

Aí Yemi ressurgiu. Agarrando Fola, as Griddas arranhando suas pernas, ele ergueu-se no céu. Recuperar a irmã, porém, lhe custara tudo. Uma onda mais de ataques — das menores — bastava para abater suas últimas defesas. E, quando isso aconteceu, a proteção em volta de Rachel desmoronou. Yemi a olhou tristemente. Sussurrou uma desculpa. Olhou Fola, soltando um gemido. Beijou-a, o desespero lentamente lhe tomando o rosto.

E, de súbito, a expressão de Yemi endureceu. Encarando as Griddas, trovejou:

— *Iro!*

Virou-se. Olhou na direção sul, do Detaclyver.

E de lá veio um som. Nenhuma Gridda habitante dos subterrâneos das cidades de Ool jamais o ouvira antes.

Em seu desespero final, Yemi chamara os furacões.

E estes vieram. De início, eram uma sombra no horizonte sul; depois, uma forte corrente de vento que tudo obliterava em seu caminho. Libertos, afinal, de seu longo cativeiro, os tufões quebraram o gelo sobre o mar Prag. As planícies nevadas viraram um turbilhão, defesas postas abaixo. Griddas corriam sem conseguir escapar. As últimas ruínas de torres-olho foram aniquiladas. Nada conseguia desacelerar os tufões. Um grupo de Griddas infantas, instadas pela líder do bando, voou para confrontá-los e foi engolido como migalhas.

Quando os furacões aproximavam-se do coração de Thûn, as Griddas desbaratadas interromperam os ataques sobre Rachel e Yemi. Na medida do possível, voaram para os túneis.

Um único furacão, imenso, foi o primeiro a alcançar Yemi. Ao aproximar-se dele, desacelerou. Seus ventos acalmaram-se. Yemi estendeu os braços: ele e Fola foram envolvidos pelo interior. Quando o viram a salvo, os furacões remanescentes tomaram novas posições para perseguir as Griddas que viessem a encontrar. Yemi, sem uma palavra, chamou sua atenção. Sacudiu a cabeça: não.

Os furacões pararam.

O olhar preocupado de Yemi tudo absorvia. Ele entendia o perigo. Ele sabia que, em sua situação, ferido, com milhares de Griddas ainda querendo matá-lo, não podia arriscar ficar ali. Isso significava, porém, deixar todos os seus amigos para trás. Com lágrimas nos olhos contemplou os majestosos furacões, os tímidos roedores, os insetos sem magia, o musgo, a quem ninguém dava a menor importância. Pensou em Jarius e perguntou-se o que mais podia ter feito por ela. Na terra, seus leais huraks, ensangüentados, ergueram os focinhos. Cercados por gelo, ladravam para ele, repetidamente.

Querendo que ele soubesse que não estava muito ferida, Rachel levantou uma das mãos. Ele sorriu, acenou. Fola pegou a outra mão do irmão. Levantou-a para que todos vissem. Um silêncio se seguiu, em que cada criatura sabia o que aconteceria em seguida.

Com um longo soluço, Yemi apertou o rosto de encontro ao vestido de Fola. Seu tufão ascendeu, apontando para além das nuvens externas de matiz ferrugem.

Na borda do espaço, não podia ir adiante. Esperou. Yemi piscou para a escuridão além de Ool. O encantamento antideslocamento de Gultrathaca ainda vigorava nele. Ainda não sabia como reconquistá-lo, mas logo o faria. Até então, era capaz de voar. Ninguém entendia a velocidade com que Yemi conseguia voar. Nem ele entendia totalmente. Segurando a mão de Fola, meteu-se no frio das estrelas.

Durante algum tempo todo mundo observou o poderoso tufão retornar ao chão. Então, os Essa, que haviam mantido Serpantha em

segurança, pediram a Rachel que o segurasse, enquanto cuidavam dos próprios companheiros feridos.

— Ainda há esperança para nós? Para o Detaclyver? — inquiriram, timidamente.

— Sim. Enquanto Yemi estiver vivo, sempre haverá esperança — respondeu Rachel.

E virou-se para olhar sobre o mundo. Após a batalha, Thûn estendia-se desolada. A última torre-olho de Heebra ainda de pé fora pulverizada pelos furacões. Ventos misteriosos agitavam os céus. Tanta neve fora levantada no ar com a passagem dos furacões que as nuvens de Essa giravam em grandes enxames sem rumo, com dificuldade de encontrar o caminho de volta ao mar Prag. Na superfície, huraks vagavam em pequenos bandos; davam com as patas na neve, nostálgicos. O tufão que transportara Yemi para o refúgio do espaço virava, solene, no mesmo lugar, sem querer partir.

Havia Griddas espalhadas por todo lado. Ainda estarecidas com o impacto dos furacões, voavam, indigentes, pelo céu ou zanzavam tontas em meio às neves, procurando membros do bando que faltavam.

Fitando-as, Rachel sentiu que algo estava errado. Mandou além de Thûn seus encantamentos de informação, às cidades de Gaffilex e Tamretis.

— Partiram — disse. — Todas as Griddas se foram. A sensação que tive há pouco... As Griddas que estão aqui são as únicas que ainda se encontram em Ool. Eric?

Estremeceu, procurando o cheiro dele, não o mágico, mas seu cheiro humano real, ou o ritmo acalentador de seu coração. Não estavam presentes. Sem que precisasse pedir, seus encantamentos de informação buscaram, com toda habilidade e brilho um vestígio qualquer dos sinais mágicos dos prapsis. Nada. Tentaram disfarçar, escondendo essa informação de Rachel. Esta, porém, os conhecia bem demais. As lágrimas lhe desceram pelo rosto, molhando os Essa.

— Para onde... Para onde foram as Griddas? — murmurou.

— O seu mundo — os Essa disseram, captando as lágrimas. — É o que pensamos. Uns Essa ouviram nos túneis. As Griddas falaram nele.

Rachel fitou o céu.

— Tenho que voltar para casa — disse. — Tenho que avisá-los do que está chegando.

— Vamos acompanhá-la — disseram os Essa. — O Detaclyver nos pediu, e mesmo que não pedisse, é o nosso desejo. Estamos decididos.

— Não — disse Rachel. — Vocês já fizeram bastante. Eu...

— Não é bastante! Não é!

As vozes dos Essa eram firmes.

— Leve-nos!

Enfiaram-se na roupa dela; sentindo sua convicção, Rachel não discutiu.

As Griddas começavam a reagrupar seus bandos. Rachel não perdeu mais tempo. Com os Essa voou para dentro das nuvens. Antes de partir, porém, uma coisa bonita que ocorria no sul lhe tirou o fôlego: o movimento dos tufões. Viajando a grande velocidade, Rachel viu os primeiros alcançarem o Detaclyver e vagar numa alegria meio louca através de seu corpo.

Aconteça o que acontecer, pensou Rachel, Ool jamais será a mesma.

E virou-se, lágrimas de alegria misturadas com tristeza nos olhos e no coração.

— Ah, Eric — sussurrou. — Onde você está?



## ESCOLAS SEM CRIANÇAS



Eric mostrando a direção, Gultrathaca conduziu o exército principal rumo a Orin Fen. Era a maior força de Griddas jamais reunida. Gultrathaca não conseguia ver sua extensão: onda após onda, bando seguido de bando, milhões de Griddas abriam caminho através da permanente noite do espaço.

Só um número limitado de Griddas era capaz de se deslocar por mágica, de modo que Gultrathaca tinha de se contentar com a velocidade mais baixa dos encantamentos de vôo. Mas o ritmo não era tão lento porque as voadoras mais fracas, que não conseguiam manter o passo, eram deixadas para trás. Houve Griddas que perderam o juízo em meio ao labirinto de estrelas. Também essas foram abandonadas. As perdas menores nada significavam dado o tamanho do exército.

E mostraram a todos os bandos que não havia volta para Ool — não haveria retorno ao conforto dos túneis.

Dava-se um atrito constante entre as Griddas mais jovens e as mais velhas. Assim que se tornaram familiarizadas com as peculiaridades do espaço, as infantas tornaram a escarnecer da autoridade das líderes dos bandos. Deram para falar alto, excitadas, agressivas. Gultrathaca tolerava essa indisciplina, sabendo que ia precisar de toda a energia delas para ter

qualquer chance de derrotar os Magos. As líderes de bando mantinham a ordem, severas. Frequentemente, as Griddas adultas eram as que mais precisavam de apoio. Muitas nunca aprenderam a gostar de voar. E aquele vôo ao vazio que agora se exigia delas não dava trégua.

Uma Gridda, entretanto, demonstrava bastante calma, uma convidada autoconvocada: Jarius. De início, Gultrathaca recusara seu pedido de última hora. Bem antes de partirem, no entanto, mudou de idéia. Não havia crime mais imperdoável entre as Griddas que se virar contra os membros do próprio bando. Gultrathaca queria Jarius na primeira fileira de tropas de assalto. Se ela se recusasse a lutar, ou lutasse ineficientemente, as irmãs de bando a matariam. Era conveniente. Gultrathaca reparou que Jarius não parecia preocupar-se com o próprio bem-estar. Não dava atenção às Griddas mais próximas, nem mesmo quando a mordiam. Parecia mais interessada numa outra criatura: tinha os olhos sempre fixos em Eric.

Eric! O enigmático Eric!

O que faria com ele?, perguntava-se Gultrathaca.

Ele mostrava sem reclamar o caminho para Orin Fen. Dava-lhe, no entanto, o mínimo de informação possível.

Durante a viagem, ela manteve a mentira sobre o mundo-prisão de Griddas e Eric, aparentemente satisfeito, não fez outras perguntas a respeito. Talvez, na verdade, não acreditasse nela. Isso preocupava Gultrathaca, embora tivesse muito pouco tempo para de fato preocupar-se. Manter o exército em movimento exigia todo o seu esforço. Não havia repousos, lugares rochosos onde se esconder. As Griddas alimentavam-se em movimento. Ameaçando e lisonjeando as líderes de bando, não se sabe como, mantinha-as em movimento em meio às constelações.

Finalmente, Eric disse:

— Estamos nos aproximando.

— Quanto ainda falta? — perguntou Gultrathaca. Ele olhou para ela, em cima.

— Você não sabe dizer ainda?

— Não. Eu não tenho os seus dons, Eric.

Ele a encarou um momento; depois tornou a voltar-se para os prapsis, retomando o silêncio costumeiro.

Gultrathaca passou a nova informação às líderes de bando. Seu coração bateu com força quando pensou no grande desenrolar de eventos a que dera início. Que oposição encontrariam no mundo dos Magos? Larpskendya era terrivelmente poderoso, e lá havia outros de força similar, tais como Serpantha. Notável como esse Mago resistiu tanto tempo contra ela; nenhuma Gridda o teria feito.

Quantos mais como Serpantha haveria em Orin Fen?

Não restava, no entanto, outra escolha, senão seguir adiante. Só mesmo uma meta daquela magnitude manteria unidos os bandos de Griddas que se fragmentavam. E havia uma razão pessoal também. Jarius tinha razão a seu respeito: Gultrathaca sentia que nascera para aquele momento. Todos os seus instintos a conduziam ao sangue e ao brilho da batalha.

Tudo, entretanto, tudo, dependia de Eric.

Qual seria a melhor forma de fazê-lo sentir-se confortável?

Gultrathaca o envolveu nos braços, da maneira como vira Fola abraçar Yemi. Deixou-o descansar. Ele, aparentemente, não queria falar de jeito nenhum, de modo que ela também raramente falava. Não era capaz de imitar direito as figuras paternas da Terra, mas ocasionalmente sussurrava bobagens no ouvido de Eric, assim como vira Fola fazer com Yemi.

A jornada foi longa e, enquanto durou, Gultrathaca tentou fazer com que Eric se sentisse em segurança. Deixou que se recostasse de encontro a seu corpo. Não fez ameaças. Falou bondosamente. Às vezes, desordenava o

cabelo louro dele. Era um gesto peculiar, difícil de realizar sem machucar seu couro cabeludo, mas Eric parecia gostar daquilo — ou, pelo menos, não mandou que parasse. Ela até tolerou os prapsis. Cada vez que espetavam as caras redondas do lado de fora da camisa de Eric, ela tinha vontade de mordê-los. Controlava-se. Quando cuspiam nela, ela ria.

Os hábitos alimentares de Eric exigiam atenção especial. Quando o alimentava, não era com a comida viva ou crua que suas Griddas consumiam. Preparava-a do jeito que ele preferia: aquecida e partida em pedaços irreconhecíveis, de modo que ele não fosse capaz de discernir de que animais eram.

Quanto isso por si dizia desses humanos!

Mesmo assim, enquanto o exército desviava para evitar o puxão da gravidade de um gigantesco sol vermelho, Gultrathaca desejava ser capaz de penetrar na mente de Eric e ler seus pensamentos. Ele não parecia ter qualquer preocupação em particular. Perguntava sobre a irmã de vez em quando, compreensivelmente ansioso. À parte isso, só fazia apontar o caminho. Esse comportamento era bastante cooperativo, mas será que poderia confiar nele? Não. Porque escondia coisas dela. Não explicava o caminho, simplesmente a conduzia. Além disso, ele tentava fazer com que os prapsis parassem de insultá-la, o que mostrava que, na verdade, não confiava nela, temia que pudesse feri-los. Nada daquilo tinha importância. Continuará a animá-lo e mantê-lo por perto. Ele não podia respirar sem ela saber.

— Quanto falta agora? — perguntava de tempos em tempos, enquanto voavam.

— Quase lá — era a resposta habitual dele.

Ela tentava sorrir, como se tivesse alguma consideração para com ele.

Possivelmente — Gultrathaca se dava conta — Eric tinha um plano pessoal — uma coisa qualquer simples. Ela não o subestimava. Sabia

exatamente o quanto podia ser devastador o seu poder de perto. Quando alcançassem Orin Fen e ele descobrisse que aquele era o mundo dos Magos, quem sabe o que poderia tentar? Talvez tentasse matá-la. Desde que os Magos fossem destruídos e parte de seu bando sobrevivesse, Gultrathaca era capaz de aceitar isso — embora fosse uma pena perder a batalha. Entretanto, não tinha intenção de entregar sua vida com facilidade. Se ele planejasse lhe dar trabalho, estava preparada. Quando o exército chegasse a seu destino, tinha seu próprio plano para lidar com o pequeno Eric.

Eric aninhou-se contra Gultrathaca, fingindo ser capaz de suportar seu toque.

Ela o embalou com toda a sutileza de uma prensa mecânica. E daí? Ele suportou. Suportou as pontas de suas garras lhe correndo pela cabeça. Encostou-se bem, fingindo que ela era boa e, de certo modo, porque isso significava eximir-se do horrendo espetáculo que era o exército de Griddas. Reclamou um pouco da jornada — não muito, só o suficiente para provar que não escondia seus sentimentos. Às vezes até fez perguntas a respeito de Rachel. Era doloroso, mas, com certeza pareceria estranho se não perguntasse. Fazia isso com o fim de mostrar a Gultrathaca que ainda acreditava nas promessas dela, como um menino amedrontado.

Sou um menino amedrontado?, perguntou a si mesmo.

Sim, pensou. Sou. E tudo bem. Não tem problema ficar com medo, desde que não seja a ponto de impedir o que precisa ser feito.

Ao passarem mais uma constelação, um dos prapsis disse:

— Eric, seu rosto está errado. Torto. Qual é o problema?

— Nada — disse Eric, apertando-os contra o peito. — Absolutamente nada.

— Você está com frio, Eric?

— Não pedi a vocês que não conversassem comigo? Sabem que estou ocupado. Estou pensando muito, meninos. Não me interrompam.

— Nós sabemos, mas você está com frio, Eric?

— Não.

Eles voltaram a ficar em silêncio.

— Vocês estão? — perguntou Eric.

— Sim, nós estamos com frio.

Eric virou-se e verificou que nenhum dos dois prapsis estava frio. Só disseram aquilo para fazê-lo olhar para eles.

— O que está imaginando no seu cérebro? — um deles sussurrou.

— Absolutamente nada — disse Eric. — Agora não me façam mais perguntas.

— Por que Eric? Por que não podemos?

— Psiu. Simplesmente fiquem quietos, meninos. Eu estou pensando.

— O que você está pensando?

Eu gostaria de poder lhes contar, pensou Eric. Ai, meu desejo é poder compartilhar tudo com vocês! Aos prapsis poderia confiar o seu segredo, é claro, mas se Gultrathaca escutasse, ou suspeitasse, quem sabe o que faria com eles?

Achando impossível olhar para os prapsis sem que aquilo o deixasse maluco, Eric não olhava. Em vez disso, tentava endurecer o coração. Quando chegasse a hora de agir, tinha de fazê-lo clinicamente. De modo que praticou ignorar os prapsis. A ansiedade silenciosa que se seguiu só piorou as coisas. Sentia os olhos intrigados dos dois permanentemente cravados nele. Uma vez, depois de um trecho particularmente longo de silêncio, não suportou mais.

— Foi estúpido o que vocês dois fizeram — disse.

— O quê, Eric? O que foi estúpido?

— Lá na cela. Tentarem atrair todos aqueles animais e Bruxas para atacar vocês, em vez de a mim. E ficarem lá. Ficarem lá, em vez de fugir voando, quando tinham a oportunidade. Eu mandei vocês irem. Estúpido, realmente estúpido. Vocês poderiam estar livres agora, escondidos em algum lugar, com os Essa.

— Fizemos isso por você, Eric.

— Foi estúpido, só isso. Poderiam ter escapado, vocês sabem disso.

— Nós não queríamos. Não sem você.

Eric nada disse durante certo tempo. Em seguida, com a mais suave das vozes, falou:

— Estou tão orgulhoso de vocês dois!

As duas aves crianças o acariciaram e Eric se viu acrescentando uma coisa que não tinha intenção de dizer. Precisava manter-se distante, em função do que teria de fazer logo em seguida.

— Nunca mais me deixem — disse.

— Não deixaremos, Eric. Ficaremos sempre com você. Eric virou-se para longe. Fechou os olhos, tentando sem sucesso afastar os prapsis da cabeça. Para ajudar, tornou a concentrar-se em Gultrathaca. Esta, obviamente, estava muito desconfiada do comportamento dele. E se ficasse desconfiada demais e decidisse não percorrer com ele todo o caminho? E se decidisse matá-lo antes de chegarem?

Que loucura! Tentar imaginar o que deixaria Gultrathaca satisfeita!

Entretanto Gultrathaca se tornava mais fácil de lidar à medida que a jornada se alongava. Gradualmente foi ficando claro para Eric que seu papel de bom menino era desperdício. Para ela, a única coisa realmente importante era chegar ao novo mundo. Ele a mantinha feliz a esse respeito,

mostrando o caminho, mais e mais certo de que estava a salvo pelo menos até chegarem lá.

Sem erros, pensava. Não posso errar assim tão perto.

Quase chegavam ao mundo-prisão — ou lá o que fosse. Os mesmos traços estranhos — de Griddas e de Altas Bruxas — exalavam dele, mas nada distinto. Não contou a Gultrathaca. Para todo mundo, exceto ele, esses traços eram inteiramente ocultos. Às vezes, mandava seus destros detectores rumo à Terra. Sabia tudo sobre o segundo exército de Griddas que ia naquela direção, é claro — como poderia deixar escapar tamanho fedor de magia? Havia também um outro aroma, no entanto. Uma surpresa maravilhosa, um aroma que conhecia bem: o aroma de Yemi — que se dirigia para casa a uma velocidade milagrosa.

Eric sentiu-se melhor ao saber disso.

Quando já não agüentava mais mentir para Gultrathaca, nem olhar para os prapsis, nem pensar no que o futuro lhe reservava, Eric contemplava o exército de Griddas. Estranhamente, parecia ter um amigo em meio àquela selvageria de corpos. Não sabia quem era, mas sempre que olhava na direção de uma Gridda, esta retribuía o olhar. Analisando-a, agora, via uma expressão curiosa. Se uma cara de Gridda fosse capaz de demonstrar afeição, talvez estivesse vendo afeição nela.

Eric virou para o outro lado. Provavelmente não era expressão de afeição, mas seu próprio desejo! De qualquer maneira, tinha que tirar da cabeça também aquela Gridda que o deixava perplexo. Quando lançasse seu encantamento antimágica sobre todas as Griddas, não a poderia excluir. Como Gridda, teria que sofrer o mesmo destino das outras todas.

Em sua mente, Eric envolveu todo o exército de Griddas na destruição.

O destruidor de encantamentos, disse a si mesmo. É isso que sou. O destruidor de encantamentos.



Procurou sentir-se à vontade diante da afirmação. Não conseguiu. Isso, porém, não o impediu de ensaiar repetidas vezes o que ia fazer.

A certa altura Gultrathaca interrompeu seus pensamentos.

— Já estamos quase lá? — tornou a perguntar.

— Quase — Eric disse a ela.

— Então poderemos libertar nossas Griddas — disse. — Há muitas gerações não falamos com elas. Eu nada mais pedirei de você, Eric. E vou manter minhas outras promessas. Vou entregar Rachel sã e salva, se puder. Vou levar vocês de volta à Terra. Terão lugar de honra em nossa memória e não haverá guerra contra as crianças do mundo de vocês. Será dado um fim à guerra.

Ela fez uma pausa.

— Estou grata por todas as coisas que você está fazendo. Todas nós estamos.

— Obrigado — Eric disse, áspero.

## 2 GRIDDAS



Com Serpantha seguro em seus braços, Rachel saiu atrás das Griddas que se dirigiam à Terra. Já cansada depois da batalha por Yemi, precisou acreditar mais do que nunca em seus encantamentos de vôo. Gradualmente, aproximou-se do exército de Griddas. Fazendo um longo arco em torno dele, o ultrapassou e, durante algum tempo, voou à frente, imaginando que só ela, Serpantha e os Essa iam através da frialdade em meio às estrelas. Afinal, porém, seus encantamentos de vôo começaram a falhar. Transportar Serpantha os exaurira bem mais do que eles estavam dispostos a admitir.

— Quase em casa — Rachel murmurava, insistindo.

— Sim — diziam eles, oferecendo o que não tinham. Enquanto Rachel labutava, Serpantha ia deitado em silêncio nos braços dela. Nada da grande força do Mago voltara. Tendo os Essa trabalhado incessantemente por dentro dele, já era capaz de pensar. Ele pensava em Rachel. Sentindo sua exaustão, secretamente questionou os Essa, e avaliou a distância até a Terra.

Longe demais. As Griddas apanhariam Rachel antes de ela conseguir voltar — a não ser que ele a ajudasse.

O Mago abriu os olhos multicoloridos.

— Alô, corajosa!

Uma imensa felicidade tomou Rachel.

— Você está... você está acordado! — gritou ela, abraçando-o, depois soltando o aperto, com medo de machucar. — Ai, Serpantha!

O olhar dele a envolveu ternamente.

— Que deselegante da minha parte atrasar você! — disse ele. — Sem nada para oferecer em retorno.

— Isso não tem importância! — disse Rachel. — Não seja bobo! É claro que não tem importância! Tudo o que importa é que você está melhorando de novo! Quer alguma coisa? Precisa de alguma coisa?

— Você já deu tanto — respondeu Serpantha. — Tenho, porém, mais um pedido a lhe fazer.

— Qualquer coisa!

— Preciso que me deixe, Rachel. Você não poderá retornar à Terra em tempo se não me deixar para trás.

— O quê? Não, isso não está certo — reagiu Rachel.

— É verdade, Rachel. Você sabe que é. Os seus próprios encantamentos estão lhe dizendo isso há algum tempo. Você os está ignorando.

Firme, Rachel olhou para a frente, para o lado, para qualquer lugar. Menos para Serpantha. Sentia os olhos dele afundarem nela.

— Não posso! — gemeu. — Não posso deixá-lo! Não vou deixar!

— Você precisa!

Desta vez, com a voz na altura máxima, Serpantha gritou.

— Rachel, tudo pode estar dependendo de você chegar à Terra em tempo para dar um aviso. Você quer que as Griddas cheguem à sua casa e matem sua mãe e seu pai? Porque isso vai acontecer! É o que você quer? É?

— Os espectros vão se dar conta de que estamos chegando — Rachel disse, convencendo-se instantaneamente. — É claro que vão. Heiki vai saber. Eles estarão preparados.

— Não podemos ter certeza disso — disse Serpantha. — Você não pode arriscar tudo por mim, Rachel. Eu não permitirei.

Rachel virou a cabeça para longe e voou a uma velocidade renovada, afastando-se do exército de Griddas.

— Ainda não posso me deslocar magicamente! — disse, várias vezes. — Por que não consigo me deslocar, por quê?

— Por favor, Rachel — disse Serpantha. — Você pode voltar para me buscar.

Rachel sabia que não haveria retorno para Serpantha. Ele também sabia disso. As Griddas o despedaçariam assim que o encontrassem. Seria melhor matá-lo agora rapidamente.

Rachel olhou para ele e sentiu os seus encantamentos de morte subirem.

Serpantha também sentiu e não fez objeção.

— Use-os — ele falou.

Rachel pensou nos pais. Pensou em todas as outras pessoas na Terra vulnerável. Sabia, a não ser que colocasse a balança de suas vidas em perigo, que só havia uma coisa a fazer.

Era a coisa certa. Serpantha sabia disso, e ela também.

— Está tudo bem — sussurrou Serpantha. — Você pode fazer. Está tudo bem, Rachel. Tudo bem.

As mortes de Rachel, indóceis, debatiam-se em sua cabeça.

Ela olhou para Serpantha.

— Tenho uma resposta para dar a você e às minhas mortes.

Segurando Serpantha com mais força ainda, continuou voando rumo à casa.

— Rachel, me solte!

— Não — ela disse, de leve, acariciando o rosto dele. — Não mesmo.

Ela ignorou suas mortes. Apertou ainda mais Serpantha. Ele tentou lutar contra ela, mas ela se defendeu. E botando toda a confiança em seus encantamentos de vôo, dirigiu-se à Terra.

Gradualmente o exército de Griddas aproximou-se. A vanguarda tornou-se visível, e a viram. Rachel já não tinha força para ir adiante.

— Ajudem-me! — gritou aos Essa.

— Estamos ajudando! Estamos ajudando! Continue voando, Rachel! Continue voando!

Sem que Rachel notasse, os Essa acolchoavam sua magia, pilhando a própria força.

Rachel continuou, apenas à frente das Griddas. Uma hora se passou. Mais. A borda do sistema solar apareceu.

Rachel passou por Plutão. Cruzou a órbita de Netuno. Seus encantamentos ainda a carregavam? Ou os arrastava, meio mortos, por entre os mundos? Júpiter ficou para trás. Os anéis de Saturno. Marte.

Lá. O lindo azul cremoso da Terra, embora talvez não conseguisse chegar a tempo.

Os Essa se deram conta disso. Durante toda a jornada, quietos, esforçaram-se no apoio à magia dela. Agora, estimulando uns aos outros, giravam, para encarar as Griddas na liderança. Se aquilo fosse o fim de Rachel, estariam com ela quando exalasse o último suspiro, sempre a sussurrar em seu ouvido sua devoção.

Era o fim. Uma voz baixa, porém, disse que não.

Rachel sentiu novos encantamentos a fortalecer os dela.

— Estou aqui — a voz dizia. — Estou aqui. Rachel, estou aqui.

Rachel sentiu um deslocamento, seguido do sol em suas costas — um sol quente. Brisas reais a empurravam, nelas, aromas de crianças. E, agarrando-a pela cintura, o fino cabelo branco voando na brisa, estava uma menina da sua idade.

— Heiki! — sussurrou Rachel.

Sempre agarrada a Serpantha, durante algum tempo Rachel encostou-se na amiga. Finalmente, Heiki conseguiu soltar uma de suas mãos.

— Eu o estou segurando — disse ela. — Rachel, está tudo bem. Solte. Abra os dedos. Você pode soltar.

Rachel segurava Serpantha há tanto tempo que parecia estranho não tê-lo nos braços. Permitiu que Heiki o levasse, chorando de alívio.

— Yemi voltou — Heiki disse a ela. — Agora você também está de volta! Eu acho que realmente temos uma chance. Ah, temos de ter! Temos de ter!

— As Griddas... — Rachel começou a dizer.

— Eu sei. Logo chegarão aqui. Albertus e os outros espectros as estão acompanhando.

Rachel tentou localizar-se. Heiki a havia transportado via magia, junto com Serpantha, para um céu estrangeiro, sobre campos ondulantes. Em cima, uma equipe de crianças sentinelas estava de guarda, banhada na luz do sol do fim de tarde. Assustados com o brilho, os Essa amontoaram-se debaixo das orelhas de Rachel. Ela puxou o cabelo por cima para terem tempo de adaptar-se.

— Ei! — disse Heiki, recuando num salto. — Quem são *esses*?

Rachel tanto se acostumara com os Essa que mal os notava roçando sua pele.

— São meus guardas — disse. — E conselheiros. Meus olhos extras.

Ela riu.

— Uma espécie de hospital. E meus companheiros. E meus amigos.

Heiki os estudou, fascinada. Quando estendeu a mão, porém, os Essa encolheram-se, afastando-se.

— Você terá de ganhar o respeito deles primeiro — disse Rachel.

— Com a vinda das Griddas, parece que terei chance de fazer isso — respondeu Heiki.

Serpantha voltara a ganhar força suficiente para manter a própria posição no céu sem necessitar de assistência.

— Larpskendya? — perguntou ele. Heiki sacudiu a cabeça.

— Não soubemos de nada. E... Eric?

— Não temos certeza. Achamos que se encontra com um exército ainda maior — disse Serpantha. — O número de Griddas chegando à Terra é alarmante. Mas, se Gultrathaca realmente quisesse destruir todos vocês,

tinha de ser ainda maior. Deve ser alguma armadilha. Ela deve ter ambições mais altas em algum outro lugar.

Ele fez uma pausa.

— De fato, se Gultrathaca levou Eric, só posso imaginar um único outro lugar para onde as Griddas remanescentes devem ter ido.

— Onde?

— Orin Fen.

Um menino veio carregado até eles, embaixo: Albertus Robertson. Quando viu Rachel, seu rosto abriu-se num alívio, mas só por um momento.

— Há Griddas em órbita sobre todas as maiores populações do mundo — reportou ele.

Sua cabeça tremia enquanto os espectros o atualizavam.

— Pequim, Cairo, Nova York, Calcutá, São Paulo... Como previsto, as Griddas têm intenção de pegar o maior número de crianças que puderem num único ataque poderoso.

— Estejam onde estiverem, iremos a seu encontro e os combateremos — disse Heiki.

Rachel olhou para ela.

— O quê? Não pode mandar crianças contra Griddas!

— Não vamos simplesmente deixar que as Griddas nos despedacem, Rachel. Temos que nos defender! O que mais podemos fazer?

— Heiki, você não viu quantas estão vindo.

— Bem, elas também não viram todos nós — disse Heiki. — Dê uma olhada você mesma.



Aproximavam-se crianças de todas as direções. As equipes de elite, Rachel notou: as sentinelas, todas exímias voadoras. Diversas unidades delas alinharam-se em formação, aguardando novas instruções.

— Essas não vão bastar — disse Rachel. — Com certeza você se dá conta...

— Tem mais — Heiki disse a ela.

Atrás das sentinelas outras crianças começavam a chegar. Ladrões voavam lado a lado com descobridores de relâmpagos. Mergulhadores das profundezas oceânicas aproximavam-se, ainda pingando água dos mares. Gangues rivais das cidades vinham juntas. Havia criadores de avalanches e outros atrevidos. Crianças bem pequenas seguiam de perto em grupos maiores. Algumas, apanhadas inesperadamente, ainda esfregavam os olhos de sono ou ajudavam umas às outras a vestir casacos e roupas.

E, atrás dessas crianças, mais e mais bandos: irmãos e irmãs, pequenos grupos familiares, agarrados uns aos outros. De todos os vilarejos e pequenas cidades daquela parte do mundo, elas vinham. Nenhuma voava tão bem como as sentinelas, mas isso não as paralisava. Se conseguiam de alguma maneira subir nos ares, o faziam.

Uma espécie de criança parecia menos amedrontada que as outras — ou talvez simplesmente disfarçasse melhor. Eram crianças por demais preciosas para estarem juntas. As maiores unidades de sentinelas, com sorte, tinham consigo uma delas — um espectro.

Rachel observou-as chegar e notou uma coisa: sempre que as crianças a viam, ou a Serpantha, suas caras assustadas iluminavam-se, transformadas.

— Elas acham... que *nós vamos* resolver tudo — disse.

— Estão enganadas — Serpantha disse a ela. — Só uma pessoa pode fazer diferença decisiva agora. Temos que chegar até Yemi o mais depressa

possível. Rachel, faça-me voar até lá. Ainda não estou suficientemente forte.

— Esperem! — Heiki segurou Rachel. — Já tentamos! Yemi não ouve. Está se comportando estranhamente, ignorando todo mundo. Só vaga pelo céu cercado de animais. Não saia, Rachel, por favor! Precisamos saber o que você conseguiu descobrir a respeito das Griddas. Tática. Desdobramento. Como lutam? Que tipo de encantamento preferem? Qual...

— Você não entende? — Rachel agarrou o braço de Heiki. — Crianças não conseguem derrotar essas Griddas! Mesmo as infantas jamais param de lutar. Já as vi. Não desistem, e não se importam com quantas perdem para as sentinelas!

— Temos ao menos que tentar! — disse Heiki. — Não vão nos matar de qualquer maneira? Devemos facilitar as coisas para elas? Eu não vou ficar esperando sentada e deixar! Rachel, estou dependendo de você. Se puder entrar para aquela equipe ali, eles precisam...

— Não — interrompeu Albertus Robertson. — Os espectros concordam com Rachel. Nós agora conseguimos discernir as Griddas de perto. Uns poucos sentinelas as segurarão por algum tempo. Todas as outras crianças serão imediatamente dominadas. Espere...

A cabeça dele mexeu.

— As primeiras Griddas entraram na nossa atmosfera.

— Onde? — perguntou Heiki.

— Em toda parte.

As unidades de sentinelas que se encontravam acima de Heiki queriam ordens claras, tendo sido avisadas das mesmas notícias pelos seus espectros.

— A maior concentração encontra-se sobre a península asiática — Albertus disse. — Em cima de Huang Hai, mar Amarelo entre leste da

China e Coréia. O mesmo lugar — acrescentou — onde se localiza Yemi.

— As Griddas têm consciência de que Yemi continua sendo a maior ameaça — disse Serpantha.

Rachel ergueu Serpantha, seus encantamentos de informação traçaram o caminho mais rápido até Yemi.

— Um momento — Albertus disse a ela. — Uma vez que não somos capazes de vencer esta batalha, devemos negociar. Temos muitos materiais com os quais barganhar: animais e outras coisas alimentícias; base e metais refinados; nossa lealdade ou pelo menos uma pretensa lealdade, e...

— As Griddas não vão se interessar por nada dessas coisas — disse Rachel. — Elas só vão querer lutar.

Albertus Robertson piscou, procurando alternativas dos outros espectros.

— Não há melhor opção no momento — disse ele. — Portanto, nós *vamos* tentar negociar.

— Isso não vai funcionar, Albertus. Não vá. Essas Griddas não vieram para conversar!

— Mesmo assim, poderíamos distraí-las por um breve período de tempo. Isso pode adiar o ataque principal, dando a você e Serpantha tempo para elaborar uma nova estratégia com Yemi.

Albertus sorriu, os lábios roçando os dela. Então, antes que Rachel pudesse dizer o que fosse, suas aventureiras carregaram-no na direção do céu para receber as Griddas. Vendo aquelas duas meninas levarem-no sem pestanejar, Rachel afinal compreendeu por que, de todas as crianças, os espectros escolheram os aventureiros como companheiros — só as crianças mais corajosas seriam capazes de voar sem questionamentos para dentro daquelas nuvens.

Quietos todo esse tempo, os Essa agora enfrentavam a luz com bravura, empurrando Rachel à frente.

— Procure Yemi! — irromperam. — Leve-nos até ele! Leve-nos!

Serpantha deu a mão a Rachel. Com as forças combinadas, eles voaram através do mundo.

3

## PAÍSES SEM FRONTEIRAS



Gultrathaca diminuiu a marcha do exército à medida que se aproximavam de Orin Fen.

Para trazer um informe a respeito da disposição das sentinelas dos Magos, mandou equipes clandestinas, mantendo bem atrás o grosso das Griddas.

— Precisamos ter certeza de que não há Altas Bruxas à espreita — disse a Eric, para dissipar suas suspeitas. — Não queremos que saibam que estamos aqui.

Mal ouvindo-a, Eric fingiu concordar.

Gultrathaca estava louca para lutar. Suas irmãs de bando começavam a inflar os músculos, preparando-se. Acima de tudo queria juntar-se a elas, porém ainda precisava ter cuidado com Eric. O que ele entenderia do grito de guerra das infantas, quando começasse?

Quanto aos Magos, sem dúvida estariam preparados. Um exército tão grande de Griddas não poderia passar despercebido. Mesmo assim,

Gultrathaca não agüentava esperar pelo início do conflito. Perder ou ganhar, pensava.

Perder ou ganhar, na verdade, fazia alguma diferença? Suas Griddas não eram edificadoras de impérios. Diferentemente das Altas, não tinham paciência para acúmulos graduais de poder e status. O que as Griddas pediam era guerra, perspectiva ou promessa de guerra. Foram geradas para a mutilação da guerra, projetadas com esse fim. O que mais poderia levar bandos de Griddas tão longe ao cruzar da insanidade do espaço?

Durante aqueles séculos todos, pensou Gultrathaca, Heebra viveu nas alturas de sua torre-olho, fantasiando este momento especial. Mas as Griddas, não as Altas, o desfrutariam. Sentindo o coração acelerar, Gultrathaca acalmou-se. Aquietou as espiãs. Disse às curandeiras, ocupadas em lançar-lhe analgésicos nas veias, que esperassem mais um instante. Manteve todas as vigias concentradas em Eric. Este é um dia glorioso também para as aranhas, deu-se conta. Por toda parte, em sua volta, encontravam-se alertas, ativas.

Todas — isto é, exceto as aranhas de Jarius.

Gultrathaca mal a reconhecia. Havia na cara de Jarius a mesma expressão que tantas vezes vira demorar-se na de Fola, dentro da Câmara de Avaliação: medo. Só os animais mais imbecis não tinham medo algum. Mas os seres humanos e aqueles que eles afetam são cheios de medo, pensou Gultrathaca. O medo paira sobre seus olhos como uma armadilha. O que tinham de errado? De que tinham medo?

Olhando para Jarius, de repente sentiu pena dela.

Quando Eric e Gultrathaca pararam, as líderes de bando já não conseguiam conter as infantas.

— Orin Fen! Orin Fen! — assobiavam, entre si.

Elas sentiam o planeta agora. Estava tão perto que Gultrathaca quase podia roçá-lo. Ela farejou, testando a qualidade dos encantamentos de

invisibilidade. Estavam além de sua compreensão e, debaixo da camada de invisibilidade, havia encantamentos de fortificação. Gultrathaca sondou-os, dando-se conta imediatamente de que eram virtualmente impregnáveis. Suas Griddas levariam séculos, ou talvez a eternidade, para atravessá-los.

Quanto tempo levaria Eric?

Gultrathaca pressionou-o de leve. Teria calculado mal? Se Eric não conseguisse atravessar as proteções dos Magos, a maioria das Griddas pereceria — as infantas estavam exaustas demais para fazer uma viagem de retorno a Ool, a não ser que pudessem recuperar-se no mundo embaixo.

Gradualmente as equipes clandestinas trouxeram notícias. Não havia nada a informar, sinal algum de Magos. Onde estavam eles? Escondidos atrás das proteções? Esperando que as Griddas se desgastassem para se mostrar?

— Eric — perguntou ela —, você é capaz de lidar com esses encantamentos, em torno deste mundo?

— Vou ver.

Eric olhou o espaço vazio onde sabia que se encontrava o planeta. Suas proteções eram intrincadas, labirínticas, maravilhosamente elaboradas; sólidas demais para qualquer número de Griddas romper — e aquilo o chocou. Era magia de Mago; Eric não tinha dúvidas. Mas onde estavam os Magos? Um par de rastros antigos deixavam notar que haviam estado ali, nada mais. O que estava acontecendo? Por que os Magos teriam tão cuidadosamente protegido um mundo de Griddas aprisionadas?

Poderia haver muitas razões, pensou.

Não tinha tempo agora de se preocupar com essas razões. O importante era que havia Bruxas naquele mundo. Mais perto, Eric dava-se conta de que os traços de magia que vazavam mais se pareciam com os de Altas Bruxas do que os de Griddas, e isso fazia sentido. Se Altas Bruxas

supervisionavam aquele mundo, era de se esperar que estivessem relampejando pelos céus, embaixo.

Agarrou as penas dos prapsis, enquanto decidia.

Por baixo dos encantamentos de invisibilidade, havia três camadas de proteção. Tinha que agir assim que cortasse a última. Gultrathaca só o manteria vivo enquanto precisasse dele. Talvez só dispusesse de momentos para envolver todas as Griddas e Altas do planeta em sua destruição.

Bom, pensou. Menos tempo para pensar no que estou fazendo.

Os prapsis estavam inteiramente quietos a seu lado. Tinham parado de fazer perguntas, parado de insultar Gultrathaca, parado de implicar. Sequer falavam mais um com o outro. Simplesmente agarravam-se a ele, que não tinha coragem de olhá-los, não agora...

De repente, Eric sentiu-se como se fosse uma Gridda — ou o que elas representavam: arma de consumir assassinato. Dava-lhe calafrios aquela capacidade de destruição! Era como se tivesse se transformado num habilidoso rolo interior de todos os encantamentos de morte — como as mortes de Rachel, sempre se aperfeiçoando — mas sem outros encantamentos mais nobres que as freassem. Durante toda a jornada, aperfeiçoara sua capacidade mortífera. Sabia exatamente como destruir os corpos das Griddas. Era uma tarefa terrível — e não humana, nada humana! Mas era capaz. Tinha de ser!

Em toda a volta infantas gritavam umas com as outras, quase histéricas. Eric obrigou-se a observar. Deixou aquele horror lhe impregnar a mente. Lembrou a si mesmo do que essas mesmas Griddas fizeram com Rachel e Larpskendya, com Serpantha, com Yemi.

Para desenvolver seu plano, Eric precisava distrair Gultrathaca. Ela não se comportava com o mesmo abandono que as outras.

— O planeta tem diversas camadas protetoras — disse a ela.

— Você é capaz de atravessá-las?



— Se tiver ajuda. São defesas fortes demais para mim sozinho.

— De que precisa?

— Vou me livrar da máscara de invisibilidade. Depois disso, todas as Griddas devem disparar encantamentos nas camadas de proteção. Enfraquecendo-as assim, acho que posso terminar a tarefa. Teremos que descansar entre as camadas.

— Descansar?

— Há várias a atravessar.

Gultrathaca lançava olhares inquisidores para Eric. A expressão dele era neutra. Estaria tramando alguma coisa? Será que já sabia o que se encontrava lá embaixo?

Não fazia mal. Desde que rompesse as defesas, nada mais importava. A garra dela o esperava depois disso.

Ela deu ordens às Griddas para se posicionarem em torno de Orin Fen.

— Eric, por favor, ande depressa — disse ela depois. — As Griddas embaixo devem estar sofrendo terrivelmente.

— Estou pronto — afirmou Eric, e estava.

Todo o exército de Griddas e as Bruxas que se encontravam no planeta estavam dentro de seu alcance. Tinha também uma surpresa. Para manter Gultrathaca de guarda baixa, preparara toda a antimagia de que necessitava. Com um movimento suave da mente removeria *todas* as três camadas de proteção ao mesmo tempo.

— Você está com medo, Eric? — perguntou Gultrathaca, vendo-o tremer.

Ele a ignorou. Removeu a máscara de invisibilidade. Um imenso mundo amarelo-marrom revelou-se. Gultrathaca fez sinal às Griddas para se posicionarem rompendo as proteções. Elas mal arranharam a primeira camada.

Eric equilibrou-se. Agarrou os prapsis.

— Desculpem, meninos — sussurrou. Abrangendo a primeira camada de proteção que envolvia o planeta, a destruiu. Imediatamente, acabou com a segunda — tão depressa que nem Gultrathaca teve tempo de notar. Antes de atacar a terceira, Eric não pôde resistir. Olhou para os prapsis, que retribuíram o olhar. Não olharam para ele a viagem inteira?

— Não entendemos, Eric — um murmurou.

— Ah, meninos — disse ele. — Perdoem-me.

— Perdoar o quê? — Gultrathaca olhou para Eric com firmeza. Ela se deu conta da séria destruição das proteções sem a menor necessidade de descanso. Eric não havia requisitado as Griddas.

Ele estava mentindo.

Eric sentiu sua garra na espinha. Sabia que estava atrasado demais. Já devia ter rompido a terceira camada! Por que está se demorando?, perguntou a si mesmo.

Mas ele sabia, ele sabia. Ele estava com medo de morrer. Chegado o momento, agarrava-se à Gultrathaca, como se *ela* o fosse salvar. Estava com medo de morrer e com medo de matar. Estava com medo de tudo.

Não era capaz de fazer aquilo — mas tinha de fazer.

Levantou as mãos. Eram dirigentes primitivos de antimagia, mas nunca lhe falharam. Apontou uma delas. Apontou o indicador de sua mão direita para a borda sul do planeta lá embaixo. E começou a desenhar o contorno.

Sem mais adiamentos. Eliminou a terceira camada de proteção. Ele fechou os olhos.

Estava pronto.

Assim como Gultrathaca. Ela percebeu algo terrível iniciar o trabalho dentro dela, mas ainda havia tempo. Sua garra estava em cima do coração de Eric.

Mas ela não a usou. Ela hesitou. Eric também hesitou. Ele freou. Gultrathaca esperava ver legiões de Magos jorrando de Orin Fen. Eric, uma inundação de Griddas e Altas.

As criaturas que na realidade subiram daquele mundo eram tais que nenhum dos dois conseguia acreditar.

24 - Huang Hai

4  
Tóquio



Rachel, Serpantha e os Essa saíram voando através de quatro mares e dois continentes, seguindo o aroma de Yemi.

Finalmente, onde as águas cinzentas do Huang Hai batem contra Shindao, na costa chinesa, encontraram-no. Yemi estava cercado de

pássaros. Cercavam-no, num silêncio protetor: bando após bando, aves locais e aves jamais vistas em céus chineses.

E, embaixo delas, na praia, uma visão ainda mais notável: animais, apertados de encontro à maré. A escala da assembléia era de tal magnitude que nem mesmo os encantamentos de informação de Rachel conseguiram contar. Os animais estavam quietos. Predadores ao lado de presas, sem o barulho e o pânico costumeiros numa população densa de animais espremidos. Imóvel, de olhos fechados, cada bicho inalava pela boca aberta algo aparentemente prazeroso. As cabeças inclinadas, contemplavam um lado do céu.

Naquele local, ligeiramente acima, estava um menino de camiseta laranja vivo.

— Yemi! — gritaram os Essa.

Não havia caminho para chegar a ele, exceto por entre os pássaros. Enquanto os Essa tentavam ir até Yemi, os bandos lhes voltavam os bicos. As borboletas amarelas de Yemi então empurraram os pássaros, guiando os Essa pela abertura. Rachel e Serpantha foram atrás.

Enquanto as Belas de Camberwell a levavam na direção de Yemi, Rachel sentia o próprio coração florescer na quietude da cena. De olhos fechados, Yemi parecia dormir, o queixo apontado para os animais.

— Você... você já viu coisa semelhante? — ela perguntou a Serpantha.

— Não, e nem nenhum Mago viu — sussurrou ele.

— O que estão fazendo?

— Não sei, mas você consegue sentir a mágica ligando Yemi e os animais? Consegue sentir a tranquilidade nas mentes?

Rachel sentiu: calma. E não apenas as mentes dos animais e Yemi estavam calmas. O próprio mar estava calmo. Os ventos amainaram. As

barbatanas de um tubarão desgarrado, debaixo das águas, tornaram a afastar-se. Mesmo o sol, filtrado pelas nuvens, lançava a mesma luz pálida homogeneamente sobre os animais e Yemi na praia. Não havia manchas; não havia um ponto onde o sol estivesse mais claro ou mais escuro, em seu rosto ou nos animais — como se as diferenças naturais de luz e sombra não tivessem autorização para invadir sua meditação.

Rachel sentiu que qualquer palavra interromperia o que quer que estivesse ocorrendo ali. Mas tinha de falar. A paz daquela cena logo seria perturbada pelas Griddas.

Fola estava pendurada no ar próxima a Yemi, totalmente desperta.

— O que... o que está acontecendo? — Rachel perguntou a ela.

— Não sei dizer — respondeu Fola. — Yemi veio para cá, não sei por quê. Os animais o seguiram. Estão assim há muito tempo.

Ela sacudiu Yemi.

— Tentei acordá-lo. Não é possível!

— É uma espécie de transe — disse Serpantha. — Os animais, todos estão em transe com Yemi. Não sei dizer se eles têm consciência da ameaça das Griddas.

Os Essa puxaram as pálpebras de Yemi, querendo acordá-lo. Rachel uniu sua mágica à de Serpantha, tentando todos os tipos de encantamentos despertadores.

— O que podemos fazer? — gritaram os Essa. — Façam-no ouvir!

Acima, um guincho reboou pelo céu. O barulho não era humano. Vinha dos pulmões de um bando de Griddas. Se alguma coisa fosse capaz de romper a silenciosa reflexão de Yemi, seria aquilo. Sua expressão não se alterou.

No alto das nuvens uma unidade de sentinelas aguardava. Como em tantos outros céus pela Terra, sozinha, guardava uma enorme área. O líder dessa unidade, um menino que Rachel não conhecia, voava em meio à sua equipe, berrando instruções. Sua voz era rouca. Uma menina pequena de cabelo vermelho, ao lado dele, o acompanhava aonde ia — um espectro.

Diante da coragem deles, Rachel sentiu a raiva se acumular dentro de si. Gultrathaca mentira a respeito de quase todas as coisas, mas e as acusações dela a Larpskendya? Rachel não quisera levá-las em conta antes. Ela encarou Serpantha.

— Onde estão os outros Magos? — inquiriu. A expressão de Serpantha era de angústia.

— Quem pôde vir, o fez.

— O que isso quer dizer? — disse Rachel zangada. — Vocês não têm um mundo inteiro de Magos? Larpskendya me disse isso uma porção de vezes. Nem ele está aqui desta vez. Se eu não tivesse arriscado minha vida para salvá-lo, não haveria Mago algum na Terra. O que devemos pensar disso?

— Não há tempo para isso, Rachel.

— É por que o seu precioso mundo está ameaçado? É por isso que não tem ninguém aqui?

— Eu vou explicar, mas não agora. Você precisa me ajudar a chegar até Yemi.

— Ajudar *você*?

Rachel gritou essas palavras, apontando para o alto.

— Essas crianças estão oferecendo tudo por causa de Larpskendya, por causa das coisas que ele lhes contou! Onde estão os outros Magos?

— Eu ofereço a mim mesmo — disse Serpantha, o olhar diretamente pousado nela. — Não tenho mais que isso para dar.

Rachel sentiu vontade de gritar.

— É só isso que valem para vocês? A vida de um Mago? Depois de tudo o que aconteceu, é só isso que todos nós valem para vocês?

— Não. Vocês merecem muito mais.

— Sim. Merecemos! — Rachel deu as costas a Serpantha. — Merecemos!

O bando de Griddas apareceu em cima, as cabeças angulares baixas. A mera visão delas abateu as sentinelas. Não se sabe como, porém, elas mantiveram sua disciplina, espalhando-se para proteger Yemi de todos os lados. Rachel sentiu picadas na pele: eram os Essa, agitados, imaginando o que fazer. Puxavam-lhe as bochechas.

— Olhe! — gritavam.

A menina espectro de cabelo vermelho deixara a unidade de sentinelas. Levada por seu aventureiro, fora confrontar as Griddas.

— Ela foi negociar — disse Rachel, com voz monocórdia. — Foi essa a última instrução de Albertus Robertson aos espectros. Deve estar acontecendo isso em todos os lugares.

A menina subiu nas nuvens. As Griddas não diminuíram a marcha. Partiram para cima dela. Rachel tremia no esforço de controlar a raiva, incapaz de sufocar as palavras.

— Está vendo o que essa menina está prestes a fazer? — berrou a Serpantha. — Onde estão os Magos? Gultrathaca disse que vocês não dão a mínima para nós. Vocês só nos usaram esse tempo todo? Usaram-nos, para expor as Altas Bruxas e depois atrair as Griddas a Orin Fen? Suponho que os Magos montaram lá uma armadilha, para livrarem-se de suas últimas inimigas.

Serpantha olhou-a decidido.

— Acredita mesmo nisso, Rachel?

— Em que mais posso acreditar?

— Não existe armadilha — disse Serpantha. — As Griddas não vão encontrar Mago algum em Orin Fen. Ou talvez encontrem um, se meu irmão conseguiu voltar. Nunca existiram muitos Magos, Rachel. Dos poucos nascidos, a maioria morreu durante a incessante guerra contra as Altas. O restante foi morto quando Heebra soltou as Griddas. Larpskendya ocultou isso de você. Eu escondi isso de você. Tivemos que fazê-lo. Só o medo de nós é que segurava as Bruxas. Se elas tivessem descoberto a verdade, como somos poucos os Magos, mundo algum ficaria a salvo.

Ele botou a mão de encontro ao rosto quente de Rachel.

— Por isso, Larpskendya tanto se ausenta da Terra. Você acha que jamais deixaria seu mundo exposto se tivesse alternativa? Acha que eu o teria feito? Rachel, o motivo por que nós somos os únicos dois que visitaram o mundo de vocês é que não há outros. Larpskendya e eu somos os últimos dos Magos.

No céu, a menina de cabelo vermelho esperava pelas Griddas e tentava manter a coragem de seu aventureiro olhando nos seus olhos. Finalmente, no entanto, até ele virou-se e fugiu. Sabia que só assim poderia salvar a vida dela. Voou ao único lugar onde havia uma chance de mantê-la a salvo: de volta à unidade de sentinelas.

À medida que se aproximava, o bando de Griddas dividia-se, vindo de várias direções, escolhendo alvos específicos em meio às crianças. O líder da unidade das sentinelas voou ao longo da fileira, mantendo a ordem.

Serpantha, num golpe mental, tentou introjetar todo mundo. Rachel sentiu o começo de um imenso encantamento para proteger as crianças... O Mago, porém, ainda se encontrava fraco demais para sustentá-lo. Mesmo que estivesse de posse de toda a sua força, Rachel se deu conta, Serpantha



não seria capaz de resistir a tantas Griddas sozinho. Ela se preparou para usar os próprios encantamentos, sabendo que também não seriam adequados.

Veio das Griddas uma primeira saraivada de ataques. As sentinelas apressadamente erigiram uma barreira e a sustentaram. Apenas isso.

— Acorde! Acorde! — murmuravam os Essa.

Yemi esfregou os olhos, enxotando a sonolência. Os animais na margem também se sacudiram, espreguiçaram, flexionando os membros. Então, com grande clamor de asas, os bandos de pássaros espalharam-se.

Rachel pegou Yemi nos braços.

— Você consegue entender o que está acontecendo? E apontou as Griddas com a cabeça.

Vendo-as, Yemi tornou a olhar para Rachel, sem demonstrar qualquer preocupação.

Fola sacudiu-o com força pelo braço.

— Menino burro! *Odé!* Não está vendo? — Ela olhou para cima. — Olhe lá os monstros!

Yemi sorriu para a irmã. Beijou-a.

— Precisamos proteger as crianças em toda parte — disse Rachel. — Yemi, procure entender, por favor.

Os Essa correram atrás de uma gaivota. Cercaram a ave e a trouxeram de volta para Yemi.

Rachel abriu as mãos para mostrar que tinham a intenção de proteger tudo. Como poderia fazê-lo compreender?

— Yemi — disse —, não posso transportar a todos. Mas temos de tirar todo mundo daqui.

No alto ouviu-se um gemido — rompera-se a defesa da unidade de sentinelas.

Então chegaram mais crianças. Vieram do oeste, disparando encantamentos: três unidades de sentinelas a mais, lideradas por Heiki. O flanco do bando de Griddas recuou. Recuaram tentando recuperar-se. Mas Heiki não tinha intenção de dar tempo para as Griddas se recuperarem. Ao seu sinal, os olhos das crianças sentinelas ficaram todos pretos. Simultaneamente elas lançaram seus encantamentos de morte.

Rachel jamais sentira coisa igual ao poder das mortes combinadas. Mesmo a líder de bando das Griddas estremeceu quando sentiu o que a perseguia. Um pouco antes das mortes alcançarem as Griddas, Yemi ergueu os olhos. Ele colocou um cordão em torno das Griddas. Protegeu-as. As mortes bateram sem resultado de encontro ao cerco.

— O que está fazendo? — gritou Rachel. — Yemi! Yemi! As crianças! Proteja as crianças, não as Griddas!

Yemi olhou para ela: um olhar indescritível. Ele fechou os olhos. Os animais na praia fizeram o mesmo. E, de repente, todos — até as Griddas — sentiram-se tomados.

Yemi riu. Abriu os braços.

# 3 FOGO SEM CALOR



Bruxas. Céus de Bruxas. Bruxas por toda parte. Milhões e milhões, erguendo-se através do ar claro de Orin Fen.

Quando Eric eliminou a camada final de proteção, foi o que viu.

Mas não Altas Bruxas — nem Griddas.

De soslaio, olhava o brilho do planeta, tentando entender. Além das Bruxas, via oceanos; via cidades radiantes; via montanhas sem neve.

Seria aquilo alguma espécie de truque de Gultrathaca?

Olhou para ela e viu que sua expressão de espanto mostrava o contrário. Eric sondou a magia das novas Bruxas. Deu-se conta de que se aparentavam às Altas. Também as assustadoras Griddas eram, de certo modo, suas descendentes mais distantes.

Como podia ser?

Enquanto as Bruxas chegavam, Eric tentou compreender o que o esperava. A primeira coisa que notou foi que eram bonitas. Bonitas do

mesmo modo que Larpskendya e Serpantha eram bonitos. Eram as cores. Eric pensava ter visto todos os matizes dos olhos de um Mago, mas estava enganado. Era preciso luz de um sol mais selvagem para trazer à tona cada tom. Olhando aquelas Bruxas, Eric via todos.

Era um sol quente, um sol antigo, mas aquelas Bruxas pareciam mais velhas. Eric mal suportava olhá-las nem conseguia desviar o olhar.

As Bruxas de Orin Fen compartilhavam a mesma altura e proporções das Altas Bruxas, embora fossem mais esguias e sem garras, com caras humanas — uma mandíbula única, modesta.

As verdadeiras Bruxas, deu-se conta Eric. Quando um grupo de fêmeas partiu, há todos aqueles milhões de anos, nem todas se foram. As Bruxas originais — essas Bruxas — tinham ficado com os Magos.

Lentamente, as Bruxas tomaram posição até cercarem o planeta. Confrontaram o exército das Griddas. Então, juntas, abriram os braços.

Um convite? Gultrathaca vacilou, espantada. Esperava uma bateria de Magos, não aquilo. Suas comandantes levantavam questões confusas. Onde estavam os Magos? Disfarçados? Estariam escondidos por trás da distração oferecida por aquelas criaturas?

As Bruxas nada fizeram para alarmar as Griddas. Foram pacientes, esperando até as Griddas vencerem a surpresa. Não fizeram movimentos repentinos. Meramente abriram os braços.

Aqueles braços, a implorar!

Gultrathaca sacudiu-se, sentindo uma necessidade sem explicação. Parte dela desejava aceitar aqueles braços, ser levada à superfície — para longe do horror do sol. Era um encantamento em funcionamento? Não. Era alguma outra coisa, alguma coisa extraordinária das próprias Bruxas.

Gultrathaca combateu o desejo de ir ao encontro delas.

Em toda a volta, o exército de Griddas sentia emoções similares. Os bandos estavam preparados para Magos e morte, não para aquelas boas-vindas! Deviam atacar as estrangeiras? Seus corpos estavam prontos para lutar, mas não havia agressão nas Bruxas para as atíçar. Pelo contrário, as Bruxas eram todas ansiedade no olhar — e não por si próprias. Olhavam as Griddas como se vissem tortura e mutilação além do que se poderia acreditar em seus traços.

As Griddas infantas foram as primeiras a reagir. Com toda sua bravata ruidosa, a viagem fora longa e estavam cansadas; queriam o refúgio de um túnel; queriam aquelas Bruxas. Puseram-se a flutuar em sua direção. Tocar parecia ser a coisa mais natural. As infantas tocavam, exploravam, esbaforidas. Vendo que as infantas sentiam desconforto por causa da luz, as Bruxas a diminuíram. Escureceram os próprios céus, até as cidades caírem nas sombras e os olhos grandes das infantas poderem abrir-se completamente.

As líderes de bando refrearam algumas das infantas, mas não puderam parar todas. Então, algumas das Griddas mais maduras acompanharam-nas. Deslizaram tentativamente pelo espaço entre elas próprias e as Bruxas. As fileiras começaram a se misturar. Uma líder olhou desesperadamente para Gultrathaca, em busca de assistência, enquanto todo o seu bando a desertava. Bruxas e Griddas misturavam-se, tocando e não tocando, curiosas a respeito de suas diferenças físicas, repelindo e atraindo.

Mas sem luta! Sem luta! Todas em torno de Gultrathaca eram capazes de ver rebentar o desejo de sangue das Griddas. Instintos semelhantes aos de guerra estavam sendo substituídos por alguma outra coisa que ela não conseguia entender.

— Não! Não — enraiveceu-se. — É um truque! Ela correu ao longo das fileiras de Griddas.

— Os Magos estão escondidos! Eles são covardes! Procurem por eles no mundo aí debaixo! Encontrem-nos!

Umas poucas Griddas seguiram sua ordem. Assim que alcançaram as Bruxas, porém, sua determinação se apagou. Desacelerando, parando, acompanharam as infantas.

Gultrathaca viu que mesmo as mais firmes de suas líderes de bando já não conseguiam obedecê-la.

Quase esquecera de Eric. Estava deitado em seus braços, de olhos arregalados para o que via acontecer. Os prapsis, nos ombros de Eric, mexiam-se, excitados.

Gultrathaca avaliou suas forças. Já não compunham um exército. Griddas e Bruxas voavam abertamente juntas. Gultrathaca ouviu-as conversar entre si. Ouviu riso. Mesmo suas próprias irmãs de bando haviam deixado as posições defensivas.

Aquilo não era truque de Mago; Gultrathaca sabia. As Bruxas não tinham intenção alguma de maldade. Na verdade, Gultrathaca não queria outra coisa senão estar no meio delas. Como queria! Mas uma visão a reteve. Jarius já não era guardada, vigiada. Voava livremente com as irmãs, sua desonra esquecida.

Gultrathaca não podia permitir aquilo.

Invocou um encantamento de morte. Como todas as mortes, deu-lhe um conselho simples, que facilitava as coisas. Uma das Bruxas de Orin Fen pairava ali por perto. Seu sorriso era de preocupação, até mesmo tímido.

Gultrathaca olhou para ela e liberou a morte. Matou a Bruxa instantaneamente. Diante disso, pela primeira vez, as Bruxas mais próximas ergueram defesas.

Foi o suficiente. As Griddas reagiram instintivamente. Mais que instintivamente: reagiram da maneira como as Altas Bruxas as criaram para reagir. Seus corpos pulsavam com o sangue; as garras aumentaram. Gultrathaca correu entre os bandos, instilando confiança. O contato entre Griddas e Bruxas fora rompido.

Gultrathaca lançou outro encantamento de morte — ou pelo menos tentou lançar.

Eric impediu — e Gultrathaca entendeu que perdera aquele matador favorito para sempre. Pouco importava. Outras Griddas começaram a disparar encantamentos de morte. As Bruxas recuaram, defendendo-se. Puseram-se a voar para longe — rumo à superfície.

Uma perseguição!

Foi um erro. Os reflexos de perseguição das Griddas acenderam-se na hora. De repente, bando após bando descia os céus para pegar as Bruxas.

— Por favor, não façam isso — sussurrou Eric. — Gultrathaca, você ainda é capaz de parar com tudo isso.

— Poderia ser — concordou Gultrathaca. E o chutou longe.

Boquiaberto, Eric caiu, sentindo uma dor explosiva. Não tinha como reunir os pensamentos para chegar a qualquer espécie de antiencantamentos. Os prapsis atropelavam-se ao lado, tentando impedir sua queda.

Jarius foi atrás de Eric. Debateu-se quando as Griddas de seu bando tentaram segurá-la. Puxando para cima Eric e os prapsis, ela soprou oxigênio vital dentro de seus pulmões. Em suas patas eles ficaram deitados, meio desacordados.

As Bruxas de Orin Fen agora recuavam às suas cidades. As Griddas as seguiram. Agora, iniciada uma luta de verdade, Jarius via que as Bruxas não eram capazes de defender-se adequadamente. Eram mais mágicas que as Griddas, mas inferiores em termos de luta.

Jarius fugiu a toda velocidade, mas não tinha como escapar dos bandos. O fato de estar carregando Eric e os prapsis a tornava mais vulnerável e diversos membros de seu próprio bando saíram em seu encalço.

Jarius não tinha mais escolha. Num último esforço, contorcendo-se para se livrar do agarrão de uma infanta, voou na direção do planeta. Para onde mais poderia ir agora? Onde mais?

Larpskendya tudo observava, oculto pela coroa do sol de Orin Fen.

Seus encantamentos ainda se recuperavam. Durante semanas fora caçado através do espaço, sem jamais conseguir se livrar dos bandos de Griddas por muito tempo. Finalmente, com grande esforço, seus encantamentos de deslocamento por magia o levaram para casa.

Quando se deparou com aqueles acontecimentos, Larpskendya quase desejou que não tivessem levado.

Deliberadamente escondera-se, sabendo que se as Griddas o vislumbrassem, atacariam sem questionar.

E, aí, vira as belas Bruxas de Orin Fen, de almas abertas, tentando... Aqueles braços! Como poderia funcionar? Contra a violência das Griddas, jamais poderia funcionar... Mas quase funcionara...

Larpskendya sentiu lágrimas no rosto. De que serviam? De que serviam lágrimas naquela hora? Ao longo dos séculos, todos os esforços dos últimos Magos concentraram-se em isolar Orin Fen. Estavam errados? Como poderiam ter antecipado o talento extraordinário de Eric? Nunca existira algo como ele. Se tivéssemos permitido que as Bruxas entrassem na guerra sem fim — Larpskendya deu-se conta — poderiam estar agora melhor preparadas. As Bruxas quiseram. Sempre pediram isso. Nós as amávamos demais, pensou Larpskendya. Nós as mantivemos à parte da guerra... Um erro terrível.

Então, ao ver Jarius, por um instante Larpskendya voltou a ter esperança. Ali estava uma Gridda defendendo Eric com todo o coração.

Quando também Jarius falhou, correndo com Eric em direção a Orin Fen, Larpskendya achou que era hora de se revelar. Não havia como salvar as Bruxas de um número tão grande de Griddas. Bem, faria o que pudesse.



Pelo menos daria às Bruxas uma chance de alcançar suas cidades, onde podiam defender-se com mais eficiência.

Voou em direção às Griddas.

Gultrathaca o reconheceu antes de o ver. Impossível enganar-se quanto àquele aroma singular, amedrontador. Com o resto do bando, aproximou-se. Larpskendya, então, lhe fez um sinal que ela pensava ser conhecido só das Griddas.

— Não — disse ela, rindo. — Desafio pessoal, não. Não vou lhe dar essa satisfação. Eu vou decidir o método da sua morte, Mago.

E ordenou que três bandos avançassem.

Em Orin Fen milhares de Bruxas fizeram meia-volta e voaram em desespero na direção de Larpskendya. As Griddas não deixavam.

— Você não receberá ajuda, Mago — disse Gultrathaca.

Larpskendya convocou suas defesas. Os três grandes bandos de Griddas mandados contra ele estremeceram quando sentiram a autoridade dos encantamentos. Mas não por muito tempo. O Mago estava sozinho, elas eram muitas e o sangue de batalha gerado pelas Altas nas Griddas as impulsionaria agora, mesmo se não tivessem chance de vitória. Gultrathaca sabia que Larpskendya era capaz de massacrar os três bandos. Não podia, porém, massacrar todos. Mesmo ao grande Larpskendya faltava força para isso.

Quando os bandos se aproximaram, Larpskendya era uma figura solitária contra o fundo do espaço.

As Griddas, porém, pararam, antes de chegar a ele.

Espantadas, pararam para olhar borboletas e crianças.

6

## SERPANTHA



Todas as crianças da Terra estavam em Orin Fen.

Yemi trouxera todas: mergulhadores, ladrões, gangues; as que tinham dom e as que não tinham; voadoras e que jamais foram capazes de voar; todas. Muitas sentinelas haviam sido transportadas no meio da batalha. Espectros as acompanhavam, seguros por seus aventureiros. Borboletas amarelas batiam as asas na luz do sol.

As crianças mais novas agrupavam-se perto de Yemi. Seus olhos seguiam os dele, não importa para onde olhasse. Em toda parte crianças piscavam, ajustando os olhos à glória do sol de Orin Fen.

— O que está acontecendo? O que está acontecendo? — perguntavam os Essa, agarrando Rachel.

O mundo estonteante de Orin Fen lhes acenava, e Rachel também sentia aquilo. Como eles, por razões que não era capaz de explicar, estava trespassada. Queria voar à superfície.

— Tenho de achar Eric — avisou a Serpantha.

— Eu sei — disse ele. — E eu preciso achar meu irmão. Eric não se encontrava longe. Jarius ainda o segurava. Rachel aproximou-se, cautelosa.

— Estou bem — disse Eric. — Não tenha medo desta Gridda, Rach. Não sei o nome dela, mas manteve a mim e aos prapsis em segurança. Salvou nossas vidas.

Rachel olhou a cara dura de Jarius. Os Essa, também, sem confiar. Percebendo, Jarius virou-se para Rachel:

— Cuidarei de Eric — disse. — Você deve acompanhar Yemi. Ele pode... pode querer fazer coisa demais.

— Vá, Rachel — disse Eric. — Vá a Yemi, mas fique longe de Gultrathaca. Cuidado com ela.

Gultrathaca olhava sem acreditar a reunião de Serpantha e Larpskendya que se dava ali perto. O que estava acontecendo? Um Mago que devia estar morto; crianças que não deviam ter sido capazes de empreender tal jornada e até a presença das Griddas — as que haviam sido mandadas para invadir a Terra! Surpresas, arrancadas do brilho da batalha, aquelas Griddas não podiam esperar para continuar — mas quem deviam atacar agora?

Gultrathaca fez uma nova avaliação do equilíbrio de forças. Tinha se alterado. Ela já não possuía superioridade numérica, com todas aquelas crianças para ajudar as Bruxas de Orin Fen.

Se as Griddas lutassem, deu-se conta, iam perder tudo.

Flutuando perto de Yemi, esperou o velho sorriso enfurecedor. Desta vez, porém, Yemi não sorriu para ela — como se, afinal, se desse conta de que ela não o tolerava. Quando se virou, Larpskendya e Serpantha aproximavam-se.

— Pare com isto! — Larpskendya disse a ela. — Você pode parar com isto agora, Gultrathaca. Uma simples ordem aos bandos.

— O quê? — disse Gultrathaca. — Antes mesmo de a luta começar?

— Quantas Griddas você quer que morram primeiro? Desta vez foi Serpantha quem falou. Gultrathaca o fitou.

— Você ainda está vivo? O que tenho de fazer para matá-lo?

— Você deveria estar fazendo outra pergunta — disse Serpantha. — Como pode refrear as Griddas? Elas lutarão, a não ser que você dê ordens diferentes.

— Por que deveria?

— Não tem como você vencer a batalha. Todas as Griddas vão morrer.

— Você acha mesmo que uma Gridda dá mais valor à vida que à batalha, seja qual for seu resultado? Vou matá-lo, Serpantha, antes de morrer. Isso, eu juro.

Larpskendya avaliou-a.

— Nós oferecemos uma alternativa.

— Deixe-me adivinhar — disse Gultrathaca. — Algum tipo de paz. Coisa de fraco! Você acredita que Griddas fazem acordo com alguém? Vamos ter guerra em vez disso, Mago. É só o que conhecemos.

— Isso não é verdade. — A visão de Larpskendya abarcou todos os bandos. — A maior parte das Griddas só conheceu a paz. A maioria aqui é de infantas. Duvido que alguma delas tenha experimentado batalha além das brincadeiras nos túneis berçários. Se as fizer lutar, esta será sua primeira batalha.

— Eu me lembro da minha primeira batalha como sendo a melhor.

— Tem coragem de liderá-las de outra maneira? Gultrathaca sorriu com ironia.

— O que quer que façamos, Mago? Que renunciemos a nossos encantamentos de morte para brincar com as crianças da Terra?

— O que acha que está acontecendo aqui? — perguntou Larpskendya, com firmeza. — Você soa como uma Alta Bruxa vendo inimigos em toda parte. Não *existem* inimigos. As crianças não têm qualquer disputa com as Griddas. Nem os Magos. Só as Altas queriam a guerra sem fim. E olhe o que elas fizeram com as Griddas, Gultrathaca, enquanto lutaram essa guerra. Puseram vocês embaixo da Terra, mutilaram vocês, desprezaram, negaram tudo a vocês.

— Nós nos vingamos disso — disse Gultrathaca. — Esta é a nossa luta agora, a nossa oportunidade de luta.

— Não — disse Larpskendya. — Você ainda está seguindo os objetivos das Altas Bruxas. Elas fabricaram as Griddas para a guerra, mas vocês merecem mais do que isso.

Gultrathaca olhou para Jarius, ao longe.

— Eu vi a alternativa à guerra. Prefiro morrer que ficar como ela.

— Tem certeza? — Larpskendya aproximou-se. — A guerra não é tudo o que as Griddas querem. Acho que você sabe disso. Você também sentiu isso. Eu vi a reação que as Griddas tiveram quando viram as Bruxas pela primeira vez. Até você sentiu uma coisa qualquer, Gultrathaca. Eu observei você.

— Não era o que eu *queria*.

— Pode ser.

Larpskendya fez uma pausa, procurando uma maneira de fazê-la compreender.

— As Altas Bruxas construíram você, mas o chamado do sangue é apenas um reflexo, nada mais. Se Heebra estivesse aqui agora, ou pudesse ver, de seu túmulo, ia querer que vocês lutassem, Gultrathaca. Mas ela

estava enganada a respeito das Griddas. Vocês podem ser mais que máquinas dela. Já optaram por um outro destino quando deixaram os túneis. E podem fazê-lo outra vez.

Gultrathaca hesitou. Estariam os seus instintos enganados? Tudo dentro dela ansiava pela batalha. As líderes de bando estavam prontas, é claro. Como ela, treinaram para aquilo a vida toda. Ela olhou para Yemi, desejando ardentemente ver aquele sorriso de novo, de modo a poder destruí-lo. O rosto dele permaneceu pétreo. Ela estudou as Griddas infantas. Se soltasse um grito de batalha, sem dúvida iriam responder. Mas, se ficassem mais tempo com as Bruxas, a seguiriam à batalha com a mesma facilidade? Seguiriam?

No entanto, aceitar instruções de um Mago... quaisquer instruções... como podia ser aquilo aceitável? Qualquer coisa além da guerra, naquele momento, não seria vitória alguma. Não seria vitória *dela*, de todo modo, ou das Griddas. Em vez disso, seria vitória de

Larpskendya e Serpantha. Seria vitória das Bruxas de Orin Fen. De certa forma, também, vitória de Eric e de Yemi — e, quem sabe, até mesmo de Jarius...

Gultrathaca não era capaz de suportar essa idéia.

Ela preparou um encantamento de morte, um de seus favoritos. Não para Yemi. Aquele seria o seu alvo preferido, mas seria um desperdício. Ela o dirigiu a Serpantha.

— Não faça isso — rugiu Larpskendya.

Gultrathaca soltou o grito de guerra. Ele teve o efeito pretendido. As infantas imediatamente perderam qualquer incerteza. Ordenando a seu bando que avançasse, Gultrathaca fez sinal na direção de Serpantha. Esperou que Larpskendya protegesse o irmão, mas ele não o fez. Em vez disso, moveu-se para o lado. Deixou Serpantha sozinho.

Eric gritou:

— O que está fazendo?

— Não interfira — Larpskendya disse a ele.

— Você não faz idéia das habilidades que possuo agora — disse Eric.

— Eu sei, Eric. Fique para trás.

Rachel olhou nervosamente na direção de Serpantha.

— Você não quer ajuda nenhuma? Nós todos vamos ajudar. Você sabe disso, não sabe?

Serpantha sorriu para ela.

— Sim, eu sei. Fiquem a uma distância segura. Serpantha nada mais disse. Ele esperou.

As Griddas não entendiam. Olharam para Gultrathaca. A um gesto dela, o bando inteiro ao mesmo tempo deu início a encantamentos de morte contra Serpantha.

Yemi imediatamente deslocou-se magicamente e apareceu diante do Mago.

As mortes murcharam diante do escudo que ele representava.

Conforme Gultrathaca ordenava aos bandos que lançassem mais encantamentos, Heiki trocou um olhar de medo com Albertus Robertson.

— Não deveríamos fazer alguma coisa? — perguntou. — Temos de fazer alguma coisa!

— Não! — respondeu Albertus. — Esta guerra persiste há uma eternidade. Vamos deixar que os Magos e as Griddas a resolvam entre si, se pudermos.

— Mas eu não agüento ficar sem fazer nada!

— Não agüenta? — Albertus voltou-se para ela. — Nem as Griddas. Elas têm de lutar. Parte delas não aceita outra coisa. Os Magos sabem disso.

Gulrathaca trouxe mais Griddas ao ataque. Um número imenso de bandos pôs-se a disparar encantamentos de todo tipo contra Serpantha. Nenhum o afetava. Ele sequer precisou defender-se. Yemi desviava os ataques.

— O poder do menino não é infinito — Gulrathaca disse aos bandos.

— Você não pode me atingir — Serpantha disse a ela. — Não entende? Mesmo que vença as forças de Yemi, todas as crianças que estão aqui vão me defender, ou a qualquer outro alvo que você escolha.

Em procissão, os bandos continuaram lançando seus mais finos encantamentos contra Serpantha, sem qualquer impacto. Eventualmente, desanimaram. Gulrathaca não deu ordem alguma, mas os ataques gradualmente diminuíram até parar completamente.

Serpantha saiu ileso. Yemi saiu ileso. Muitas Griddas estavam exaustas.

— Acham que acabou? — Gulrathaca disse a Larpskendya.

Com um movimento mínimo da garra, ela mandou um ataque silencioso na direção de Eric. Foi tão inesperado que ele não destruiu a tempo. Um dos prapsis pulou à sua frente. O encantamento pegou na ponta de sua asa, quebrando-a.

— Oh, Eric — disse o prapsi. — Oh!

E bateu a asa inútil. O outro prapsi correu pelo ombro de Eric, para segurar a asa no lugar.

— Então? — Gulrathaca gritou para Eric, vendo sua fúria. — Se tem outros poderes, use-os! Acabe comigo!



Olhando para o seu exército, viu que já estava derrotado.

— Acabe com todas nós!

Eric ouviu os fracos gemidos de dor do prapsi.

— Não faça isso! — Rachel falou de repente, voando na direção dele.

Eric estremeceu ao ouvir a voz dela. Mesmo assim, disse:

— Fique fora disto!

Percebendo sua indecisão, Gultrathaca mandou outro encantamento, desta vez tendo os prapsis como alvo direto. Yemi o estancou, mas a intenção foi óbvia.

— Como você ousa? Como *ousa*? — Eric nem sequer precisou pensar.

Há muito aperfeiçoara suas técnicas de matar, em função das Griddas. Sabia como deslindar a magia delas. Era capaz de matá-las de uma vez ou desgastá-las até a ruína eterna.

Yemi lançou um escudo em torno das Griddas e olhou para Eric. Rachel, que jamais vira expressão de medo na cara de Yemi, via agora.

— Afaste-se, Yemi! — avisou Eric. — Já me decidi. Yemi sacudiu a cabeça.

Eric experimentou o escudo. Continha um número quase infinito de encantamentos para proteger as Griddas. Eric, porém, possuía formas de penetrar em número superior. Deu início ao desmoronamento. Quando Yemi sentiu o escudo fraquejar, soltou um guincho. Chamou suas borboletas, que o cercaram. Embora lhe tenham dado toda a sua força, não foi o suficiente.

Yemi então botou os dedinhos sobre os olhos e falou através das lágrimas.

— Pare com isso, por favor! — implorou. — Eric, pare com isso! Eric! Eric! Eric!

Eric o ouviu. Ouviu a todos. Ouviu Larpskendya, Rachel, Serpantha, Albertus — todos aqueles que o amavam, todos berrando, todos tentando alcançá-lo. Não, ele pensou. Vou terminar com isso. Evitou as defesas de Yemi. De repente, deu-se conta de que sequer necessitava destruir os encantamentos de Yemi. Podia contorná-los; podia alterá-los. Fez isso. Removeu o escudo de Yemi e agarrou com força os corações das Griddas. Ele era o destruidor de encantamentos. O seu era o dom fatal. E viu. Finalmente viu o que tanto assustara os espectros.

Não existia no universo magia capaz de fazê-lo parar.

As Griddas desintegravam-se. Algumas, sozinhas. Outras, amparadas pelas Bruxas de Orin Fen. Quando podiam, as Bruxas aproximavam-se das Griddas, tentando mantê-las intactas. Eric viu Gultrathaca. Ela se sacudia enquanto a magia se desprendia de suas células. Larpskendya dirigia-se a ela, devagar. Alcançou-a. Ela tremeu em seus braços feito criança. Em lágrimas, ele a segurou, tentando mantê-la inteira.

Eric sentiu calor perto da orelha.

— Eric — disse o prapsi da asa quebrada —, não façam isso, meninos.

E beijou seus olhos. Fez com que olhasse para baixo. Eric olhou. Jarius, embaixo, ainda agarrada a ele, estava aos solavancos.

Eric olhou para ela, e além dela. Viu Fola, incapaz de confortar Yemi. Viu Bruxas chorando. Viu Serpantha chorando.

E parou.

As Griddas tornaram a respirar.

Todas, menos uma. Ela não queria respirar. Gultrathaca queria morrer. Larpskendya, porém, a apertava. Segurava sua vida.

# F PAIXÃO



Eric retirou seu poder de destruição bem na hora.

As Griddas, espalhadas no espaço, nem sabiam onde se encontravam. À deriva, as infantas formavam pequenos grupos, sem saber por quê. Griddas mais velhas apalpavam os corpos, sentiam-se estranhas.

Os prapsis agarraram-se a Eric, ajudando-o a recuperar-se do que quase fizera. Ele tremia, espiando em meio ao calor de suas penas. E, em qualquer lugar que olhasse, via aranhas em movimento. Os soldados procuravam inimigos que não conseguiam encontrar. Aranhas curadoras chamavam umas às outras, percebendo o quanto estavam doentes suas donas, mas sem saber o que fazer.

Havia, porém, em Orin Fen, um tipo de cura que as aranhas sequer sonhavam.

Em fileiras graciosas, as Bruxas ascenderam. Cada uma pegou nos braços uma Gridda, para cuidar em particular. Parte de Orin Fen foi posta em sombras profundas e as Bruxas carregaram as Griddas para o consolo do escuro.

Gultrathaca foi uma das últimas a ser levada. Também havia lá uma Bruxa esperando por ela, mas Larpskendya carregou-a ele próprio. Segurava-a sem palavra, porque ela ainda não estava preparada para as palavras — e nem Larpskendya. Quando se olharam, um sentimento misterioso fez ambos chorarem. Larpskendya encontrou um lugar onde havia outras Griddas que Gultrathaca conhecia. Devia deixá-la agora, ou ficar? Não queria deixá-la.

Em cima, Jarius ainda segurava Eric. Quando uma das Bruxas de Orin Fen a abraçou, pronta para levá-la à superfície, Eric disse:

— Não, espere. Qual o seu nome? Eu sequer sei o seu nome.

— Eu sou Jarius — disse ela.

— Obrigado — murmurou Eric, tocando seu rosto. — Obrigado, Jarius.

Ao entregar Eric e os prapsis de volta a Rachel e ser levada, Jarius voltou-se para a Bruxa que a segurava:

— Desejo ser levada ao meu próprio bando — disse. — Agora estão precisando de mim.

Rachel passou um tempo consertando a asa quebrada. Em seguida, ela, Eric e os prapsis acompanharam Jarius, que aos poucos descia para a parte ensombrecida de Orin Fen. E enquanto Larpskendya estava embaixo com Gultrathaca, todos os demais — pareceu — chegaram ao mesmo tempo. Durante instantes, ninguém disse nada. Os prapsis, porém, logo quebraram o silêncio.

Estavam com fome e enjoados de ficar quietos o tempo todo. Falaram muito no ouvido de Eric.

Todos observaram até a última Gridda desaparecer embaixo.

— O que vai acontecer? — Rachel afinal perguntou a Serpantha. — O que vai acontecer com as Griddas agora?

— Até se recuperarem, suas necessidades serão satisfeitas — respondeu ele. — Depois disso, terão de fazer algumas escolhas. Todos nós teremos escolhas.

— Elas ainda vão querer lutar? Serpantha sorriu.

— Talvez, mas estou esperançoso. Se alguma coisa puder convencê-las do contrário, será a devoção das Bruxas.

— E você?

Rachel olhou nos olhos de Serpantha.

— E os Magos? Se só sobraram dois de vocês, quando morrerem, haverá...

— Não. — Ele a beijou. — A cada geração nascem uns Magos. Se a guerra sem fim acabou, afinal, Larpskendya e eu logo teremos companhia. Estou ansioso por isso. Estou ansioso em relação a muitas coisas.

Eric recomeçou a tremer. Os prapsis logo se aquietaram, acalmando-o.

— Quase matei todas — sussurrou, levantando as mãos. — Como pude? Ah... Quase fiz...

— Mas controlou-se — disse Serpantha. — Foi o mais difícil. Exigiu mais força.

Ele levantou o queixo de Eric.

— Há grandeza em você. Ainda não sabe disso?

Eric olhou as próprias mãos.

— Estou com medo. O que... eu sou, Serpantha?

— Você é um pioneiro, Eric. O começo de alguma coisa. Nunca existiu nada como você antes. Suspeito de que haverá um destino diferente

para todos nós por sua causa, e daqueles que você lidera.

— Aqueles que eu lidero?

— Você não se dá conta? — falou uma voz. — Nem agora?

Era Albertus Robertson. Ele e alguns outros espectros estavam bem do lado de Eric, observando-o com atenção.

— Dar conta de quê? — perguntou Eric.

As duas meninas aventureiras de Albertus riram. Entrelaçaram-se brevemente, segurando as mãos, e sorriram — um sorriso de despedida. Então, uma delas segurou nas mãos o rosto de Albertus e beijou-o. Depois, respirou fundo e virou-se para Eric. Esperou, a expressão cheia de saudade.

— O que está acontecendo? — quis saber Eric.

— Eu não sou o líder natural dos espectros — Albertus disse.

— Você não é?

— Não, Eric. Você é.

— O quê? — reagiu Eric. — Mas as orelhas... Albertus sacudiu a cabeça.

— Você ainda mede as pessoas que encontra pelas aparências? A esta altura já devia ter aprendido a lição... Além disso, os espectros podem alterar-se outra vez em breve. Não estou certo de em que sentido.

— Mas... como sabe que eu sou o seu líder?

— Sempre soubemos, Eric — revelou Albertus. — No entanto, algo nos dizia para não lhe revelar antes. E havia outra razão para não dizermos, Eric. Estávamos com medo do que você poderia fazer.

A menina aventureira que deixara Albertus fitou Eric. Queria ir com ele, mas primeiro necessitava de sua permissão.

— Ainda está com medo? — Eric perguntou a Albertus.

— Não.

Uma expressão complexa atravessou o rosto de Albertus e, de repente, Eric ouviu milhares de vozes. Eram as vozes de todos os espectros que se abriam com ele. Os pensamentos não eram caóticos; ouvia cada um claramente, individualmente.

A menina não agüentou mais esperar.

— Eu sempre fui a sua aventureira — disse ela. — Se você quiser, continuarei sendo. Diga que quer. Esperei tanto tempo.

— Não preciso... — Eric começou a dizer. Ela, porém, o impediu de dizer não.

Segurou-o nos braços. Assim que sentiu seu toque, Eric viu que era verdade. Não se sentiu envergonhado.

Os prapsis observavam. Viram o olhar que Eric lançou à menina — o mesmo olhar íntimo que dividia com eles. Chateados, mas sem querer estragar aquele momento especial, ficaram imóveis. Fingiram que nem existiam.

— O que houve com vocês dois? — disse Eric em voz alta.

— Nada — falou um prapsi. — Estamos muito bem, meninos.

— Acham que esqueci de vocês, hein? — disse Eric. — Venham cá em cima, seus tolos. Apresentem-se. Ela vai ter que se acostumar com vocês, então ajudem-na.

Os prapsis pularam de seus ombros, pairando junto à menina.

— Digam oi — ordenou Eric.

Enquanto a menina se apresentava, um raio de sol iluminou Orin Fen.



Atraídas pela luz intrincada e estimuladas pelas Bruxas, a maior parte das crianças já começava a se dirigir rumo ao planeta. Os mergulhadores submergiam nos oceanos dourados para descobrir que vidas maravilhosas nadavam por lá. Outros foram adiante, atravessaram Orin Fen rumo às alturas das montanhas exaltadas. Não havia neve, mas com certeza haveria alguma outra coisa... Quanto aos aventureiros, pareciam ter enlouquecido completamente. Rodopiavam, voando por Orin Fen. Durante um breve período de tempo, observou Rachel, até mesmo os espectros pareciam esquecidos de si, a absorver a beleza dos céus amarelo-amarronzados. Rachel viu outras crianças. Algumas escoltavam jovens mais tímidos ou que possuíam pouca mágica, ajudando-os a explorar a estranheza sem medo. Rachel procurou pelos que conhecia: Marshall, Paul — crianças mais que corajosas.

— Quero ir lá — disse Eric, beliscando-a. — Ei, Rach, você vem?

Ela hesitou.

— O que está acontecendo? — perguntou ele. — Você quer ir a algum outro lugar?

— Para casa — disse ela. — Eu quero ir para casa.

E riu.

— Mas também quero ir para Ool! Tenho de levar estes aqui de volta. — Piscou para os Essa, que dançavam de alegria em torno de sua cabeça. — E quero ver os furacões, conversar com o Detaclyver. Mais que tudo, quero ir a Ithrea. Preciso ter certeza de que Morpeth se encontra são e salvo.

— Bem — disse Eric —, não posso levá-la a nenhum desses lugares. Mas posso fazer uma coisa.

Rachel sentiu gritos de alegria. Vinham de dentro dela. Eric libertara seus encantamentos de deslocamento. Ao rojarem-se para o alto, em meio aos voadores, para ver o que haviam perdido, seus olhos ficaram azuis.

— Céus claros! Céus claros! — os Essa gritaram, olhando as cores.

— Oh, então é disso que vocês gostam — Heiki disse aos Essa.

E tornou os próprios olhos estonteantes, tentando seduzir alguns.

Serpantha olhava além de Orin Fen o vazio do espaço. Rachel notou sua incerteza.

— O que foi? — perguntou.

— Oh, muitas coisas — respondeu ele. — Não vou atrasar seu retorno para casa, nem a ida a nenhum dos outros lugares onde quer ir, mas ficaria honrado se procurasse em seu coração mais uma razão para se encontrar comigo em Ool. Calen e a última das Altas Bruxas ainda estão aprisionadas. Gostaria que você estivesse lá comigo quando forem soltas.

— Elas não... traíram os Magos? — perguntou Heiki. — Especialmente você?

— Traíram? Sim, suponho que traíram. Houve tantas traições. Mas de quem foi a primeira? Quem poderá dizer o que levou as Altas Bruxas a tomarem seu caminho terrível? Será que os Magos não têm culpa nenhuma? Naqueles velhos tempos, quando não havia ameaça à nossa supremacia, os Magos fizeram tudo o que podiam para convencer aquelas primeiras Bruxas? Quando quiseram deixar Orin Fen, quem lhes pediu que ficassem? Larpskendya e eu fizemos uma promessa um ao outro: não importava o que acontecesse, jamais perderíamos a fé, nem em vocês nem nas Bruxas, independentemente do ódio delas.

Serpantha sorriu tristemente.

— Seja como for, uma traição merece outra? Você ia querer que eu deixasse as Altas nas correntes?

— Não — respondeu Heiki. — Não. Não ia.

— Vou com você — disse Rachel. — É claro.

Segurou a túnica de Serpantha, distraído-se um instante com sua textura sedosa. Depois, olhou para cima. Estranhamente, enquanto quase todas as outras crianças estavam agora em Orin Fen, Yemi ficara para trás. Olhava, desejoso, a superfície, embaixo, mas não voava em sua direção. Em vez disso, agarrava-se a Fola, esperando Rachel.

— Qual o problema? — perguntou ela, voando até lá. — Yemi, o que houve?

— Não quer deixá-la — disse Fola. — Eu disse que você não se importaria, mas ele nunca me ouviu, você sabe disso.

Ela meio que riu.

— Ele diz que está sempre deixando você e que não quer deixar, mas...

— Eu sei. Está tudo bem.

Rachel pegou Yemi nos braços, apertando-o com força. Diversos outros atravessaram naturalmente em direção a ele; não conseguiam resistir.

— Tem uma coisa que você precisa fazer, não é? — sussurrou-lhe Rachel.

Fola sorriu.

— Sim! Ele já tentou, mas foi difícil demais. Não mais. Oh, não!

Relampejaram florestas pelos olhos de Yemi: as plantas de um mundo de céus púrpura: Trin.

— Sim, vá agora — disse Rachel. — Não espere por mim. Eu vou quando puder. Vá ter com eles.

O olhar de Yemi absorveu as cores milagrosas de Orin Fen, abaixo, acendendo as crianças. Não houve necessidade dele dizer nada. Rachel compreendia exatamente como ele se sentia. Yemi olhou para ela mais uma

vez. Então, em meio a bater de asas e riso maravilhado, junto com Fola e todas as borboletas, as Belas de Camberwell, sumiu. Deixaram para trás um rastro de centelhas amarelas que se apagou muito lentamente.

Os olhos de Rachel umedeceram-se. Lá embaixo as Bruxas faziam sinal, com os braços elegantes, convidando-a a descer.

— Se vamos a Ool, temos de ir agora — ela disse a Serpantha. — Mas eu gostaria de saber se Morpeth está em segurança.

— Está — murmurou uma voz. — Ele está. Larpskendya havia regressado das sombras de Orin

Fen.

— Soube que tinham intenção de partir e achei que poderiam fazê-lo sem se despedir. Meus encantamentos não iam permitir isso!

Com brilho nos olhos, ele a segurou pelos ombros.

— Ithrea está segura, Rachel. As Griddas jamais a descobriram. Mesmo que tivessem descoberto, não sei como poderiam conquistá-la. Trimak, Fenagel, Leifrim, Morpeth, gente dedicada, que aprecio, assim como vocês.

Ele a fitou.

— Antes de partir para Ool com meu irmão, posso lhe pedir que me acompanhe numa breve jornada? Eu gostaria de lhe mostrar o meu mundo. Parece-me bastante justo, já que tive o privilégio de conhecer o seu.

— Orin Fen é... tão bonito — disse Rachel, olhando para baixo.

— Sim, mas não mais bonito que o seu mundo — respondeu Larpskendya. — Há beleza em toda parte. Na Terra, vi tamanhas maravilhas! E não só da parte dos mais mágicos! Nunca encontrei ternura e determinação maior que as demonstradas pelos pais do seu mundo. Nem

mais coragem que a demonstrada pelas crianças. Ou devo dizer uma criança? Você, Rachel.

Rachel baixou a cabeça.

— Oh, eu... não fiz tanto assim — disse. — Não possuo tanta magia quanto Yemi. Não sou capaz de fazer o que Eric faz. Eles foram mais importantes no final.

Larpskendya a olhou.

— Não. Isso não é verdade. E mesmo que fosse, acha que eu a amaria menos por isso?

Rachel pressionou o rosto contra a sua túnica. Larpskendya levantou-lhe o rosto e a beijou. Ele riu.

— Você me segue, ou quer liderar?

Antes que pudesse responder, os prapsis saíram perseguindo os Essa. Desejavam fazê-lo desde que os viram pela primeira vez. E nem mesmo os Essa eram capazes de ultrapassar um prapsi.

— Comportem-se, meninos — disse Eric, piscando para eles.

Ele contemplou Orin Fen embaixo.

— Então, por onde vamos começar a olhar, Rach? Que tal aquelas cidades?

Rachel riu dos sussurros dos Essa em seus ouvidos.

— E então? — perguntou Eric. — Já decidiu?

Ele ficou esperando. Heiki ficou esperando. Serpantha e Larpskendya, todos eles.

Sorrindo, Rachel voou na direção de Orin Fen, não rumo às cidades, mas para os lugares mais tranquilos, mais altos, os picos das montanhas

daquele mundo adorável.